





BYH

Albuquerque

v. 3

BYH

Albuquerque

COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE

CAPITÃO GERAL

QUE FOI

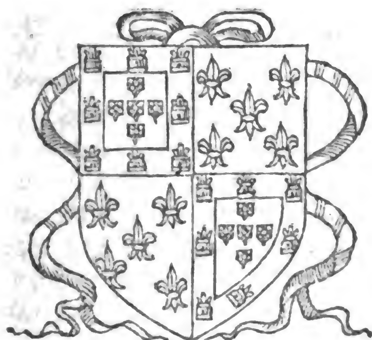
DAS INDIAS ORIENTAES

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTE NOME.

PARTE III.

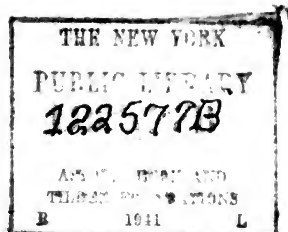


LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXIV.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.



INDICE DOS CAPITULOS,
QUE SE CONTÊM
NESTA PARTE TERCEIRA.

 * ii CAP.

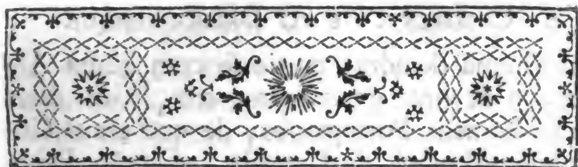
CAP.

CAP.

CAP.

CAP.

PAR-

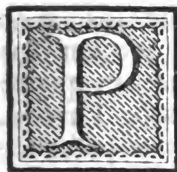


PARTE III.

Em que se contém o que passou o grande Afonso Dalboquerque na conquista do Reyno de Goa a segunda vez, e do Reyno de Malaca: e tudo o mais que fez até a sua partida pera o Estreito.

CAPITULO I.

De como, depois de prestes sua Armada, se partio do porto de Cananor: e o que passou com o Rey de Garçopa, e Timoja sobre entrar o rio de Goa.



PASSADAS estas práticas, que o grande Afonso Dalboquerque teve em Cochim com Gonçalo de Sequeira, e os outros Capitães, partio-se pera Cananor, onde achou prestes a Armada, e todas as cousas, que lhe eram necessarias pera sua viagem; e sem fazer

nenhuma demóra, partio-se com huma Armada de vinte e tres vélas, em que iria dous mil homens Portuguefes, de que eram Capitães Manuel de Lacerda, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade feu irmão, Bastião de Miranda, Afonfo Peffoa, Ruy de Brito Patalim, Diogo Fernandez de Béja, Jorge Nunez de Lião, Francifco Pereira Peftana, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima feu irmão, Manuel da Cunha, Duarte de Melo, Pero Dafonfeca, Gafpar de Paiva, Simão Martinz, Francifco Pantoja, Antonio de Matos, e Diogo Mendez de Vafconcelos, que hia pera Malaca, Dinis Cerniche, Balthezar da Silva, e Pero Corefma, que eram da fua companhia; e indo affi a Armada toda ao longo da cofta, fôram ter a Onor pera tomarem mantimentos, e agua. Como o Rey de Garçopa, e Timoja fouberam da chegada de Afonfo Dalboquerque ao porto, foram-lhe falar, e depois de paffadas fuas cortefias, perguntou-lhe que novas tinham de Goa, e do Hidalcão? Elles lhe differam, que em Goa eftavam tres Capitães, e que teriam quatro mil homens de guarnição, todos Turcos, Rumes, e Coraçones, e alguns peões do Balagate archeiros, e de Mouros naturaes da terra haveria outros tantos: e que fe elle vinha em determinação de cometer a Cidade,

de, que agora tinha tempo, porque o Hidalcão andava em guerra com os Guazis do Reyno de Decan, porque lhe tinham tomado grande parte das terras, e eſtava tão metido polo ſertão, que não era poſſivel podela ſocorrer, e que elles eſtavam preſtes com toda ſua gente, como lhe tinham mandado dizer, pera o ſervirem naquella jornada por terra. Afonſo Dalboquerque aceitou as promeſſas, que lhe elles fizeram, e agradeceo-lho muito: e poſto que lhe pareceo couſa duvidoſa cometer Goa, tendo tanta gente, e eſtando tão apercebida, como lhe elles diziam, com tudo deliberou com todas ſuas forças cercala, e cometer os imigos, e com eſta determinação ſe fez á véla com toda a Armada, e foi ter a Anjadiva, onde eſteve onze dias ſem ſe determinar no que faria, porque lhe diſſeram, chegando ali, que não fizeſſe fundamento dos offerecimentos do Rey de Garçopa, e de Timoja, porque ſe receavam, que lhe não ſucedeſſem as couſas bem, e não queriam ficar com o Hidalcão em peior eſtado do que eſtavam. O grande Afonſo Dalboquerque com todas eſtas dúvidas, que ſe lhe offerecêram, partio-ſe de Anjadiva, e foi ancorar ſobre a barra de Goa, e mandou a Manuel da Cunha com ſeis navios, que entraſſe por Goa a velha, e foſſe ter a Aga-

cij, e terra de Saſte, pera favorecer a gente de Timoja, que por aquella parte havia de vir: o qual, tanto que chegou ao paſſo de Beneſtarim, e de Agacij, poz-lhe o fogo, e deixou-ſe eſtar quedo no rio, eſperando que ella vieſſe. Partido Manuel da Cunha, mandou Afonſo Dalboquerque chamar os Capitães á ſua náo, e diſſe-lhes, que elles tinham viſto bem as promeſſas, que lhe o Rey de Garçopa, e Timoja tinham feitas; e que elle pelo que tinham dito em Anjadiva, e tambem porque os via tardar, duvidava muito cumprirem ſua palavra: que lhes pedia, que lhe diſſeſſem ſe cometeria eſte negocio com aquella fraca confiança da gente, que lhe tinham offerecido, ou ſe iriam primeiro a Cambaya aſſentar as pazes. Os Capitães ouvidas eſtas razões de Afonſo Dalboquerque, foram todos de parecer que devia de ir ſobre Goa, porque tomando-a, o Rey de Cambaya lhe faria todos os partidos que quiſeſſe, e mais lhe mandaria logo os cativos que lá tinha. Eſte conſelho pareceo bem á Afonſo Dalboquerque, e mandou logo recado a Manuel da Cunha, que ſe vieſſe ajuntar com elle; e como chegou, leváram todos ſuas ancoras, e entráram polo rio acima, e chegáram a hum paſſo, onde os Turcos tinham lançado tres náos Malabares carregadas de pe-

pedra pera os noſſos navios não poderem paſſar dali pera cima, que ſeria hum tiro de falcão da Cidade; e eſte artificio, de que ſe os Turcos quizeram valer, lhe ſahio muito ao revés do que cuidavam, porque em vez de taparem o rio, foi a força da agua que corria pera baixo tamanha, que abrio dous canaes muito mais altos, que o que tinham tapado. Afonſo Dalboquerque como aqui chegou, mandou paſſar os navios pequenos pelos canaes, que o rio abríra, e diſſe aos Capitães, que ſe chegaſſem á fortaleza quanto mais pudeſſem, e por ſer já tarde não ouve tempo pera paſſarem as náos grandes. Como foi menhaã, meteo-ſe Afonſo Dalboquerque em hum batel, e foi-ſe aonde os navios pequenos eſtavam ancorados, com toda a outra Armada que o ſeguio, e ali ſe deixou eſtar, e mandou Duarte de Lemos, Gaſpar de Paiva, e Diogo Fernandez de Béja, que foſſem nos eſquifes reconhecer a fortaleza da maneira que eſtava, e elles chegáram defronte della, e víram-na muito bem, e diſſeram a Afonſo Dalboquerque, que eſtava muito forte, com muitos cobelos, e baluartes, e bombardeiras ao lume da agua com muita artilheria nellas, e huma cava mui grande. Afonſo Dalboquerque com eſta informação, que lhe os Capitães deram, e com a muita gente,

te, que a Cidade tinha, pareceo-lhe cousa mui duvidosa cometela, e com tudo confiado em Deos que o ajudaria, mandou diante a Bastião de Miranda, Afonso Pessoa, e Ruy de Brito Patalim, que se passassem com as galés da outra banda da fortaleza, e por serem sentidos, foram muito bem servidos da artilheria, que nella estava, e Nosso Senhor os guardou, que não recebêram nenhum damno; e posto que todas estas cousas lhe fizessem o negocio mais duvidoso pera se cometer a Cidade, por se mais certificar de tudo, mandou a Diogo Fernandez de Béja, que lhe tomasse de noite hum lingua; e de hum Mouro, que tomou, soube que os Turcos tinham muita artilheria grossa, e miuda, e muita gente de pé, e de cavallo, e muitos mantimentos, e que os Mouros naturaes da terra tinham prometido ao Hidalcão de morrerem todos, ou defender a Cidade, que a não entrassem; e que os Turcos por cima desta promessa, que lhe tinham feita, arreceando-se que vindo-lhe algum trabalho, se alevantariam contra elles, mandáram meter na fortaleza todas as mulheres, e filhos dos principaes da terra.

CA-

CAPITULO II.

Do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com os Capitães pera cometerem a Cidade, e o mais que niſſo paſſou.

COm eſta informação, que o grande Afonſo Dalboquerque teve, de como a Cidade eſtava apercebida, eſteve aſſi tres dias ſem ſe determinar ſe a guardaria por ElRey de Garçopa, e Timoja, dos quaes não eſperava mais ajuda, que virem-lhe alevantando os Gentios contra os Mouros, pera lhe não acudirem com mantimentos, nem com os direitos, que lhe eram obrigados a pagar das terras: e neſte tempo, que ſe andou detendo, ſem ſe determinar no que faria, fizeram os Turcos humas eſtancias de madeira muito fortes, entulhadas de terra com ſuas cavas de agua ao longo da ribeira, e nellas puzeram muita artilheria groſſa, e hum Capitão com gente pera as defender. Afonſo Dalboquerque vendo que os Turcos pela muita confiança, que tinham na ſua fortaleza, faziam eſtancias de fóra pera defenderem as náos, que lhas não queimaſſem, confiados que tudo o mais eſtava ſeguro, mandou chamar os Capitães, e todos os Fidalgos, e Cavaleiros da Armada, e apre-

e apresentou-lhes esta suspeita, que tinha dos Turcos, pedindo-lhes que lhe dissessem se cometeriam as estancias primeiro, ou se iriam logo de frécha demandar a fortaleza. Praticado isto, ultimamente assentáram todos, que primeiro se cometesse a fortaleza que as estancias; porque ainda que estivesse mais forte, ali queriam todos empregar a vontade que tinham de se vingarem do passado, porque tomada a fortaleza, no mais não havia que fazer. Afonso Dalboquerque, e Diogo Mendez de Vasconcelos não foram neste parecer, senão que rompessem primeiro as estancias, porque rotas, entrariam de roldão com os imigos, e que devia de ser logo, porque todo o mais tempo que ali estivessem sem fazerem nada, era enfraquecerem cada vez mais aquelle negocio, e neste parecer de Afonso Dalboquerque assentáram todos, e que esperassem por ElRey de Garçopa tres dias. Elle lhes disse, que pois lhes parecia bem cometerem a Cidade, que não era já tempo pera esperarem outra ajuda, senão a de Nosso Senhor Jesus Christo, a qual lhe não avia de faltar, pois pelejavam pela sua Sancta Fé, que elle cria verdadeiramente; que a detença do Rey de Garçopa, e de Timoja era tudo ordenado polos Turcos, com grande força de dinheiro que lhes davam, porque não viessem; e que Timo-
mo-

moja era tão ſabedor, que havia de andar diſſimulando, e não vir ſenão depois da Cidade ganhada, porque entendia bem que havia de cuſtar muito ſangue tomala, e que por iſſo não deviam de perder tempo em eſperar por elles: e com eſta determinação deſpedio os Capitães, que ſe foſſem pera as náos, e ſe fizeſſem preſtes pera ao outro dia pela menhaã irem todos cometer as eſtancias; e depois dellas ſerem ganhadas, a vitoria lhes aconſelharia o que haviam de fazer, e repartio-os em tres batalhas, a ſaber: Manuel da Cunha, Manuel de Lacerda, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima ſeu irmão, Gaſpar de Paiva, Gaſpar Cão, Fernão Feyo, Pero Dafonſeca, e outros muitos em huma batalha, que foſſem cometer as eſtancias junto da fortaleza: e na outra batalha mandou Diogo Mendez de Vaſconcelos, Baltezar da Silva, Dinis Cerniche, Pero Coreſma, o qual levava comſigo Jorge Coreſma ſeu filho, (que agora he Provedor dos fornos delRey,) que ainda que era moço, deo muito boa conta de ſi aquelle dia, e Ruy de Brito Patalim, e Jorge Nunez de Lião com outra muita gente, que cometeſſem as eſtancias pela banda das náos, e que elle com a mais gente, e Capitães, que ficavam, iria tomar as coſtas das eſtancias por hum caminho, que hia do

Man-

Mandovij por huma costa acima, que elle sabia, porque indo por ali ficava antre os Mouros, e a Cidade, e tomando-lhe as costas das estancias, não podiam deixar de fazer grande estrago nelles. E porque naquelle caminho, por onde Afonso Dalboquerque determinava de ir, estavam humas tranqueiras de madeira muito fortes, por não haver detença quando chegasse, mandou Dinis Fernandez Mestre da sua náo, que fosse diante com trinta Marinheiros cortalas, e que não consentisse pôr-se fogo ás náos, que estavam em terra, salvo se de todo desconfiassem de se tomar a Cidade. E como os Capitães estavam ainda no seu parecer, tornáram logo de noite ter com Afonso Dalboquerque, e deram-lhe muitas razões, por onde devia primeiro de cometer a fortaleza que as estancias, e elle lhes deo outras muitas, por onde lhe não parecia bem o que elles diziam; e houve sobre isso tantos debates de huma parte, e da outra, que Afonso Dalboquerque por cima de lho assi parecer, polos contentar, desistio do que estava assentado, e foi-se com seu parecer. Como os Turcos víram estas detenças, e que havia sete dias que os nossos ali estavam sem fazer nada, foram-lhe perdendo a vergonha, e fizeram humas estancias mais perto da nossa Armada, em que puzeram seis bom-

bombardas groſſas, com que lhe começáram átirar. Afonſo Dalboquerque afrontado da pouca conta, que os Turcos faziam delle, com grave, e opportuno conſelho mandou dizer aos Capitães, que ſe fizeſſem preſtes, e ao outro dia pela menhaã vieſſem a bordo da ſua náo, porque ſua determinação era, por cima de todas as razões paſſadas, dar nas eſtancias, e cometer os Turcos, porque não podia ſofrer ſuas rebolarias, e cada hum cometeſſe pelo lugar que lhe tinha ordenado.

CAPITULO III.

Como o grande Afonſo Dalboquerque cometeo a Cidade de Goa, e a tomou por força de armas, onde matáram alguns dos noſſos: e o grande eſtrago, que nos Mouros fizeram.

TEndo o grande Afonſo Dalboquerque aſſentado de cometer a Cidade, como tenho dito, ao outro dia ante menhaã, que foi dia de Sancta Catharina, vinte e cinco dias do mes de Novembro de mil e quinhentos e dez, os Capitães, que já eſtavam preſtes, vieram-ſe com toda ſua gente a bordo da náo Capitaina, e achàram-no já embarcado no eſquife, e hum paráo com cento e cincoenta ſoldados eſperando por el-

les;

les; e feita a confiſsão geral, ordenáram-ſe em tres batalhas, como eſtava aſſentado, e foram demandar a Cidade já menhaã clara, e em chegando, ſem haverem mais outro conſelho, foram cometer as eſtancias, cada batalha polo lugar que lhe eſtava aſſinado. Os Turcos, que eſtavam nellas, ſe defendêram por hum bom eſpaço ſem os poderem entrar. Afonſo Dalboquerque com a gente que levava em ſua companhia, em chegando ás tranqueiras, que Dinis Fernandez já tinha cortadas, foi-ſe pela ladeira arriba a mais andar. Os Turcos, porque ſe não arreceavam daquella parte, como ſentíram pezo de gente nas ſuas coſtas, havendo hum grande pedaço que ſe defendiam, começáram a render as eſtancias. Os Capitães como víram que elles com a chegada do grande Afonſo Dalboquerque ſe começavam de embaraçar, cometêram-nos tão valeroſamente, levando diante de ſi o Apoſtolo Sanctiago, que os hia guiando, que em breve eſpaço lhes entráram as eſtancias, e foram com elles de roldão até as portas da Cidade, ſem lhes terem roſto atrás, matando, e decepando muitos Turcos, e Rumes, tudo gente limpa, e muito bem tratada de veſtidos de ſeda, e de brocado. Manuel da Cunha, Manuel de Lacerda, Dom João de Lima, D. Jeronymo de Lima ſeu ir-

irmão , e outros ſeus companheiros , que eram na dianteira, chegando á porta achá-ram grande reſiſtencia nos Turcos ; e com tudo esforçados com a vitoria, que lhes Noſſo Senhor moſtrava , entráram a Cida-de por força de armas , e nas coſtas delles entrou Dinis Fernandez , que já era chega-do com a gente, com que foi cortar as tran-queiras , e todos juntos foram ſeguindo os Mouros até a porta da fortaleza , e ali ti-veram huma grande batalha com elles , tão bem pelejada de parte a parte por hum bom eſpaço , que cada hum cuidou que tinha a vitoria por ſi. Os Turcos, que eſtavam den-tro na fortaleza , acudíram logo a cavallo em favor dos ſeus, e puzeram os noſſos em desbarato : e niſto acudio Diogo Mendez, e Jorge Nunes de Lião com todos os Fi-dalgos , e gente , que era em ſua compa-nhia , e acháram já muita parte dos noſſos feridos, e poſtos em grande trabalho , e em chegando , bradáram-lhe que déſſem nos Turcos, que elles os iriam ſeguindo. Os noſ-ſos com eſte novo ſocorro deram nos Mou-ros de pé, e de cavallo , e huns, e outros apertáram tão aſperamente com elles , que os desbaratáram , e entráram de roldão as portas da fortaleza , ficando já alguns dos noſſos mortos , e feridos. Manuel de La-cerda , que andava com huma ſetáda polo
roſ-

rosto, em entrando pela porta encontrou-se com hum Turco de cavallo, e matou-o, e subio-se no cavallo, e foi seguindo a vitoria, e andava muito pera lhe haver inveja, porque trazia hum pedaço de seta quebrada metido polo rosto, e todas as armas tintas do sangue, que corria delle. Afonso Dalboquerque a este tempo hia caminhando com sua gente nas costas dos nossos, seu passo cheio, pera acudir onde visse necessidade. Os Turcos vendo-se entrados dos nossos soldados, e que os hiam seguindo, ajuntáram-se quinhentos delles, em que entravam cento de cavallo com o seu Capitão, e fizeram volta, e pelejáram com tanto esforço, que os nossos tardáram hum grande pedaço, sem os poderem render. Afonso Dalboquerque avisado do trabalho em que estavam, com a gente de sua companhia chegou-se mais depressa a favorecelos, e em chegando, huns, e outros puzeram as lanças tão rijo nos Turcos, que os desbaratáram, e matáram muitos, e dous Capitães principaes, de tres que o Hidalcão ali tinha. Manuel de Lacerda como vio Afonso Dalboquerque, desceo-se do cavallo, e deo-lho. Quando o elle vio com as armas todas tintas de sangue, abraçou-o, e disse-lhe: *Senhor Manuel de Lacerda, confesso-vos que vos hei grande inveja, e assi vo-la bou-*

houvera o grande Alexandre, ſe aqui eſtivera, porque eſtais aſſi mais galante pera hum ſeram que Arelhano. Como ſe Afonſo Dalboquerque poz a cavallo, todos os Capitães tomáram cavallos, que os Turcos tinham perdidos, e foram-no ſeguindo, os quaes ſem nenhuma reſiſtencia volvêram as coſtas, e foram-ſe pela porta da fortaleza; e outros muitos ali, onde ſe achavam, por encurtarem o caminho, ſe lançavam dos muros abaixo. Como a fortaleza foi deſpejada, mandou Afonſo Dalboquerque fechar as portas, que hiam pera a Cidade, e ter bom recado nellas, porque os noſſos não ſeguiſſem os Mouros, nem ſe deſmandaſſem a roubar, arreceando que por ſerem muitos ſe ajuntaſſem, e fizeſſem outro máo recado, como o de Calicut, e mandou aos Capitães, que todos tomaſſem eſtancias nos muros da fortaleza, porque determinava de ſe fazer forte nella. Os Turcos andavam tão aſſombrados, que os que eſcapáram da furia dos noſſos ſoldados, foram fugindo contra Benaſtarim, pera ſe paſſarem dali á outra banda da terra firme; e hiam tão cortados de medo, que ſem eſperarem por barca, paſſáram o rio a nado, onde ſe afogáram muitos, e perdêram muitos cavallos. Entrada a Cidade, vendo Afonſo Dalboquerque a fortaleza fortificada com muita ar-

artilheria , e as bombardeiras tapadas com barro por fóra pera engano dos noſſos , ſe a cometeſſem , deo muitas graças a Noſſo Senhor polos livrar do perigo, que lhes eſtava aparelhado, ſe cometêram a fortaleza, como parecia aos Capitães que o devia de fazer. Dos noſſos foram feridos cento e cincoenta ſoldados ; e Fidalgos , e Capitães Manuel de Lacerda , que foi o primeiro, que entrou pela porta della, e o primeiro, que foi ferido , (e aſſi o achei eſcrito ,) e Gaſpar de Paiva , Manuel da Cunha, D. João de Lima , Gaſpar Cão, Simão Dandrade, Dinis Fernandez, e todos os outros, que eram na dianteira , e matáram ſete, e hum delles era D. Jeronymo de Lima , o qual foi morto á entrada da porta da fortaleza ; e eſtando no chão ferido de taes feridas , que não podia eſcapar, chegou Dom João de Lima ſeu irmão a elle , que hia de volta com os outros , e quando o vio em tal eſtado, com a cabeça encoſtada ao muro, diſſe-lhe com muitas lagrimas: *Que he iſto , irmão? como eſtais*? D. Jeronymo lhe reſpondeo : *Eſtou acabando eſta jornada , e folgo, pois Noſſo Senhor ſe houve por ſervido , que acabaſſe aqui em ſeu ſerviço , e delRey de Portugal.* D. João de Lima o quiz acompanhar, e elle lhe diſſe : *Irmão, não he tempo pera ficardes comigo ; hi cum-*

prir

prir com voſſa obrigação, que eu ficarei acabando meus dias, pois não tenho forças pera mais. D. João de Lima o deixou, e foi ſeguindo os Mouros, e depois da fortaleza tomada, e os Mouros lançados fóra, tornou em buſca delle, e achou-o já morto. Folgára muito de ſer cada hum deſtes dous irmãos; mas não me ſei determinar a qual delles tenha mais inveja, ſe a D. João de Lima por ir pelejar, onde lhe pudera acontecer outro tanto; ou a D. Jeronymo de Lima, que não querendo remediar ſuas feridas, ainda que foſſem mortaes, (ſendo couſa muito natural aos homens deſejarem de viver,) quiz remediar a honra de ſeu irmão, e não conſentio que ficaſſe com elle em tempo, que os outros Fidalgos, e Cavaleiros andavam pelejando com os Turcos dentro na fortaleza: a determinação diſto deixo aos que lerem a lição deſta hiſtoria, elles julguem qual deſtes dous irmãos cumprio mais com ſua obrigação. Matáram tambem André de Afonſeca, Antonio Graces, e Alvaro Gomes, filho do Almoxarife de Alenquer, e outros, que não eram conhecidos. Eſtes que morrêram, e os que ficáram vivos, o fizeram de maneira, aſſi no cometer da Cidade, como em todas as outras afrontas, em que ſe víram eſte dia com os imigos, que são dignos de ſe

ter delles muita lembrança, porque em se Goa ganhar, ficou a India segura. E não deve de esquecer Diogo Mendez de Vasconcelos, e os da sua companhia, porque a presteza, e esforço, com que socorreo os nossos, estando já muitos delles feridos, foi grande parte pera se a fortaleza tomar; e era Afonso Dalboquerque em tanto conhecimento do esforço, e discrição de Diogo Mendez, que lhe disse muitas vezes, nas differenças que com elle teve sobre a sua ida a Malaca: *Arrenego da vida, em que vivo, Senhor Diogo Mendez, que o meu officio vos fez mal.* E se os nossos na primeira tomada desta Cidade ficáram mal julgados pela deixarem, nesta segunda cobráram sua honra em a tornarem a tomar por força de armas, com matarem dous mil homens brancos, Turcos, Rumes, e Coraçones, que foi grande espanto por toda a terra, pela muita confiança que nelles tem de esforçados, a fóra outros muitos naturaes della.

CA-

CAPITULO IV.

Como o grande Afonſo Dalboquerque deo licença aos ſoldados que roubaſſem a Cidade: e do Crucifixo, que ſe achou em humas paredes velhas, donde ſe tirava pedra pera a fortaleza: e o milagre, que Noſſo Senhor fez polos noſſos o dia da batalha.

TAnto que ſe em Cochim ſoube, que o grande Afonſo Dalboquerque tinha tomado Goa, os Capitães, que ali eſtavam carregando ſuas náos pera ſe partirem pera Portugal, lembrados de como lhe tinha dito, que antes de ſua partida lhe viria novas da tomada de Goa, ficáram mui triſtes, e envergonhados, quando o ſouberam, por não ſerem com elle naquella jornada. Afonſo Dalboquerque, depois de ter mandado aos Capitães que tomaſſem ſuas eſtancias, e guardaſſem a fortaleza, deo licença aos ſoldados que roubaſſem a Cidade, e eſcala franca de tudo o que tomaſſem, e pera ſi não quiz mais que o contentamento que tinha de comprir a palavra, que dera ao Hidalcão, eſtando em Goa, (como atrás fica dito.) Tomáram-ſe na Cidade cem bombardas groſſas, e muita artilheria miuda, e duzentos cavallos, e muitos mantimentos,

e monições de guerra, e tudo mandou que se entregasse ao Feitor pera ElRey; e depois da Cidade roubada, disse aos Capitães, que corressem toda a Ilha, e os Mouros, mulheres, e meninos, que achassem, trouxessem todos á espada, e não dessem vida a ninguem, porque sua determinação era não deixar nenhuma semente desta em toda a Ilha; porque além de ser necessario pera assossego da terra, não aver nella outra gente senão Gentios, fez tambem isto por castigo da traição que lhe fizeram, quando tomou a primeira vez a Cidade, e por quatro dias continuos fizeram sangue em todos os Mouros, que nella achåram; e soube-se por certeza que entre homens, mulheres, e meninos morreriam passante de seis mil. Os Gentios tambem por sua parte, polo odio que tinham aos Turcos, por lhe terem tomado suas terras de que viviam, como souberam que Goa era tomada, esses homens principaes, que estavam recolhidos com sua gente na serra, descêram a baixo, e tomáram os passos aos Mouros, que hiam fugindo á furia dos nossos Portugueses; e depois de lhes tomarem tudo o que levavam, traziam todos á espada sem darem vida a ninguem, e na companhia destes Turcos matáram hum, que era Thesoureiro, e Pagador dos soldados da gente do Hidalcão,

cão, e tomáram-lhe todo o dinheiro que levava; e alguns Mouros, que os Gentios cativáram, mandou Afonſo Dalboquerque encher huma meſquita, e pôr-lhe o fogo, e neſta companhia foi hum Chriſtão arrenegado, que ſe lançou com o Hidalcão na primeira tomada de Goa; e como a terra foi deſpejada, entendeo logo na fortificação da Cidade, e mandou fazer muita cal, e derribar todas as ſepulturas dos Mouros, de que ſe tirou muita pedra pera a obra, e a todos os Capitães, e Fidalgos déo ſua hora de trabalho, e dava grande preſſa a ſe acabar, porque arreceava a vinda do Hidalcão, e não queria que o achaſſe deſapercebido; e porque eſperava que ali foſſe o aſſento principal dos Governadores da India, ordenou que os paços do Çabaio ficaſſem de dentro da cerca, por ſerem caſas mui nobres, obra mui formoſa, e bem lavrada; e com eſta diligencia que deo, em breve tempo ſe acabou a fortaleza, onde agora eſtá com ſuas torres, e cavas, com ſuas couraças pera defensão do porto, e pouſo das náos.

Neſte tempo andando certos homens desfazendo humas paredes velhas, pera tirarem pedra pera a obra, achàram nos alicerces huma Imagem do Crucifixo de cobre. Como a nova correo por toda a Cidade, veio

Afon-

Afonso Dalboquerque logo ali ter com toda a gente, e Clerigos que avia, e leváram o Crucifixo com muita devoção, e muitas lagrimas á Igreja. Foi grande espanto este pera todos os que o víram, porque não havia memoria de homens, que se lembrassem que houvera ali nunca Christãos, e que Nosso Senhor lançára aquelle sinal do Ceo, por mostrar que sua vontade era ser aquelle Reyno delRey de Portugal, e não do Hidalcão, e que as suas misquitas fossem casas de oração, em que o seu nome fosse louvado; porque como a Cidade estava poderosa de gente, artilheria, e armas, e de todas as outras cousas necessarias pera sua defensão, não eram os nossos bastantes, sendo tão poucos, pera a tomarem, senão estivera dentro este sinal da Cruz, em que Nosso Senhor padeceo, que os chamava, e lhes deo esforço pera a cometerem, e o Apostolo Sanctiago, que os ajudou, de que foram boas testemunhas os mesmos Mouros, que depois da Cidade ser ganhada, perguntavam aos nossos, que homem era hum Capitão de humas armas brancas, e huma Cruz vermelha, que andava com os Christãos ferindo, e matando nos Mouros, porque elle só fora o que lhe tomára a sua Cidade; e Afonso Dalboquerque pela muita devoção que tinha nelle, e por ser Cavaleiro da sua Or-

Ordem, não se esqueceo deste favor, que delle recebeo, e mandou ao Convento de Palmela hum bordão de seis palmos de comprido, da grossura de hum arremeção, todo forrado de ouro, lavrado de Tauxia, e a cabeça do bordão com perolas, e rubís, e hum ramal de contas de ouro muito grossas, e huma vieira de ouro de bom tamanho, com muita pedraria nella, posta em hum chapeo de setim carmesim; e por sua morte mandou ao Apostolo Sanctiago de Galiza huma alampada de prata muito grande, e cem mil reis em dinheiro pera azeite. Como esta nova da tomada de Goa chegou a Cambaya, e que Afonso Dalboquerque se fazia forte nella pera a suster, vendo o Rey que a sua liga era desfeita, mandou-lhe logo os cativos, que lá tinha, que cativáram com D. Afonso de Noronha seu sobrinho, e offerecer-lhe Diu pera nelle fazer fortaleza, e dali por diante sempre lhe mandou requerer pazes por seus Embaixadores: e Mirocem Capitão da Armada do Grão Soldão, que estava em Cambaya com alguma gente que escapou do desbarato do Visorey, que estava esperando o socorro, que tinha mandado vir do Cairo pera se tornar a reformar em Goa, como a vio tomada, com grande perda dos Turcos, desesperado do negocio ter remedio, pedio licença ao Rey

de

de Cambaya, e foi-ſe a Judá, onde eſteve alguns dias, e dali ſe partio caminho de Suez por mar em huma gelua, e achou a Armada que ſe eſtava fazendo; e chegado ao Cairo com eſta nova, que deo ao Soldão da tomada de Goa, mandou alevantar a mão da obra, e não foi mais por diante. Afonſo Dalboquerque deſpachou o Embaixador do Rey de Cambaya, e mandou-lhe dizer, que acabada a fortaleza ſe iria ver com elle, e fariam ſuas pazes. E porque deſejava de tentar amizade com o Hidalcão, eſcreveo-lhe eſta Carta com algumas rebolarias de miſtura, porque com os Reys da India, em quanto a governou, ſe ajudou ſempre de huma couſa, e da outra.

CARTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE ESCREVEO AO HIDALCÃO, TANTO QUE TOMOU GOA.

MUito honrado, e bom Cavaleiro Milohau: o grande Afonſo Dalboquerque Capitão geral da India, e do Reyno, e Senhorio de Ormuz, e do Reyno, e Senhorio de Goa, polo muito Alto, e mui Poderoſo D. Manuel Rey de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquiſta, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Per-

Persia, e da India, vos envio minhas encomendas. Bem sabereis como o Çabayo vosso pai tomava as náos do Malabar dos portos, e lugares delRey meu Senhor, polo qual me conveio de vir sobre Goa, e tomala, onde fico fazendo huma fortaleza muito forte. Folgára muito, que fora vivo vosso pai, pera saber que sou homem de minha palavra: por amor delle serei sempre vosso amigo, e vos ajudarei contra o Rey de Decam, e contra vossos imigos; e todos cavallos, que aqui vierem, farei ir onde vós estiverdes, e a vossos lugares pera os vós averdes. Folgaria muito, que os Mercadores dessa terra viessem com roupa branca, e com todas as mercadorias a este porto, e levarem pera essa mercadorias do mar, e da terra, e cavallos, e eu os ei por seguros. Se quereis minha amizade, venham messageiros vossos com recado a mim, e eu vos mandarei outro meu, que vos levará meu recado: se isto quereis fazer que vos escrevo, com minha ajuda podereis ganhar muita terra, e ser grande Senhor antre os Mouros. Folgai de fazer isto, porque assi vos cumpre, e tereis grande poder; e posto que o Çabayo vosso pai seja morto, eu serei vosso pai, e vos crearei como filho. Vosso messageiro me traga logo reposta, e os Mercadores da terra venham seguros a Goa;

Goa ; e os Mercadores , que mercadorias trouxerem, e vierem com vosso seguro, assinado por vossa mão, eu lho guardarei.

CAPITULO V.

Como os Nequibaires mandáram pedir seguro ao grande Afonso Dalboquerque pera virem viver a Goa : e como os nossos desbaratáram Meliqueaye Capitão do Hidalcão.

VEndo os Nequibaires, que estavam da banda da terra firme, que o grande Afonso Dalboquerque fazia seu assento em Goa, mandáram-lhe pedir seguro, pera se virem viver a ella com toda a sua gente. Estes Nequibaires eram homens principaes, e Capitães de gente. Como Afonso Dalboquerque desejava de recolher á Cidade todos os Gentios naturaes da terra, folgou muito com a sua vinda, porque esperava tambem de o ajudarem na obra da fortaleza, e mandou-lhes o seguro, que lhe mandáram pedir; e depois de serem em Goa, deo-lhes as casas, e fazendas, segundo cada hum a tinha na terra; e depois de ter despachado estes messageiros dos Nequibaires, veio-lhe recado que Meliqueaye Capitão do Hidalcão, era chegado com muita gente a Condal, e a Bandá, com determinação de

de entrar a Ilha de Goa; e posto que Afonso Dalboquerque andasse muito occupado na obra da fortaleza, polo muito que importava acabar-se com brevidade, todavia não pode sofrer que hum Capitão do Hidalcão viesse cercar as terras de Goa, estando elle nella, e mandou logo Diogo Fernandez de Béja que entrasse o rio de Banda, e defendesse a entrada a Meliqueaye nas terras de Antuge, e Saste, e em sua companhia por Capitães dos navios Aires Pereira, Antonio Dabreu, Gaspar Cão, e Antonio de Matos com duzentos homens. Diogo Fernandez, como esteve prestes, partio-se com esta gente, e chegou a Bandá, e entrou polo rio dentro, e sem haver outro conselho, desembarcou logo. Meliqueaye, como vio a nossa gente desembarcada, confiado nos muitos Turcos de cavallo, que tinha comsigo, foi-os cometer, e Diogo Fernandez os esperou mui valerosamente, e com as lanças varadas nelles tão rijo, que os Turcos assombrados de verem a determinação, com que os nossos os esperavam a pé, indo elles a cavallo, fugíram tão desordenadamente, que muitos se lançáram por humas barrocas abaixo, e ali acabáram seus dias. Diogo Fernandez com esta vitoria veio-se a Goa, e deo conta a Afonso Dalboquerque do que tinha passado,

do, e como Meliqueaye hia na volta de Divarij, pera por ali entrar a Ilha. Com esta nova, que lhe Diogo Fernandez deo da determinação de Meliqueaye, mandou logo Gaspar de Paiva, que fosse guardar aquelle passo, e em sua companhia Afonso Pessoa, Martim Guedez, Vasco Fernandez Coutinho, e outros muitos. Meliqueaye vendo-se desbaratado da sua gente, recolheo-se com essa que lhe ficou, e foi cometer a entrada da Ilha polo passo de Divarij; e chegando lá, ainda que hia descuidado de achar nelle quem lhe resistisse, como de sua natureza era muito soberbo, com tudo determinou de cercar as estancias, que Gaspar de Paiva tinha já feitas, e fez da sua gente de pé, e de cavallo huma batalha, e elle diante foi-as cometer. Gaspar de Paiva, que estava já avisado da sua vinda, esperou-o com muito esforço, e aos primeiros encontros lhe matáram os espingardeiros alguns Turcos de cavallo; e como elles, segundo seu costume, andavam reatados com toucas nas sellas, e os cavallos sem terem quem os governasse, deram pela outra gente, e puzeram-nos em desbarato. Como Gaspar de Paiva vio os Turcos desordenados, sahio das tranqueiras, e foi-os cometer, e desbaratou-os, e foi-lhes seguindo o alcance hum bom pedaço. Vasco Fernandez Cou-

ti-

tinho, ainda que naquelle tempo era moço de dezoito annos, encontrou-ſe com hum Turco de cavallo, e levando-o pelas rédeas, alevantou-lhe as cubertas, e meteo nelle a eſpada; e como o cavallo cahio morto, remeteo ao Turco, e cortou-lhe a cabeça, e neſte dia moſtrou bem ſer filho de ſeu pai, e neto de ſeus avós.

Acabado eſte feito, recolheo-ſe Gaſpar de Paiva á ſua eſtancia; e Meliqueaye vendo-ſe maltratado dos noſſos em huma parte, e na outra, não ouſou mais de os cometer, e foi-ſe dali a duas leguas polo Sertão a hum lugar, que ſe chama Diocalij, e aſſentou ali ſeu arraial, e fez humas eſtancias muito fortes de madeira pera ſe defender, ſe o ali foſſem cometer. Vendo Afonſo Dalboquerque que Meliqueaye andava aſſi deſmandado, e que podia ſer, ſe o cometeſſe, que o levaria levemente nas mãos, foi-o buſcar em peſſoa, onde tinha aſſentado ſeu arraial, com mil homens Portugueſes, e dous mil da terra com ſeus Capitães, e paſſou-ſe nas galés, e nos bateis á terra firme, e em deſembarcando fez quatro batalhas da ſua gente, e polos em certos paſſos, hum tiro de eſpingarda da ourela do mar, e poz-ſe ali em cilada, e mandou aos Capitães Gentios, que com a gente que tinham lhe foſſem correr ao arraial,

e ſa-

e ſahindo alguns Turcos apôs elles, ſe vieſſem recolhendo pera aquella parte, onde elle tinha poſtas as ciladas. Os Capitães Gentios, como chegáram á viſta do arraial, acháram Meliqueaye fóra das eſtancias, poſto em hum outeiro alto com ſua gente, como homem, que ſabia o ardil de Afonſo Dalboquerque; e como elle era bom Capitão, e entendia muito bem a guerra, deixou-ſe eſtar quedo, e não quiz cometer os Gentios; e vendo os Capitães que Meliqueaye não queria travar com elles, recolhêram-ſe pera onde Afonſo Dalboquerque ficava, porque aſſi lhos tinha mandado, e contáram-lhe da maneira que o acháram; e elle vendo que Meliqueaye eſtava advertido do ſeu ardil, veio-ſe á Ilha de Divarij, e deixou nella Rodrigo Rabelo, e Manuel de Lacerda com gente, e foi-ſe pera a Cidade. Paſſados alguns dias, vendo-ſe Meliqueaye ſem forças pera reſiſtir á noſſa gente, ſe o quiſeſſem entrar, mandou hum meſſageiro a Afonſo Dalboquerque, pedindo-lhe pazes; e elle perguntou ao meſſageiro ſe tinha Meliqueaye comiſsão do Hidalcão pera cometer pazes, porque ſem iſſo não havia de tratar com elle eſte negocio. O meſſageiro lhe diſſe, que elle não trazia mais recado que de Meliqueaye, que era Capitão do Hidalcão, que pois as elle co-

me-

metia, que o não havia de fazer sem sua licença. Afonso Dalboquerque o despedio sem lhe responder, porque lhe pareceo, vendo-o andar tão desordenado, que a sua estada ali não havia de ser por vontade do Hidalcão.

CAPITULO VI.

Como Merlao veio ter a Goa, e os Nequibaires pedíram ao grande Afonso Dalboquerque lho désse pera os governar, e o que nisso fez: e como mandou Diogo Fernandez de Béja desfazer a fortaleza de Çacotorá.

AVia dias, que em Goa andava hum messageiro do Rey de Onor procurando amizade do grande Afonso Dalboquerque; porque como se elle tinha alevantado com o Reyno, e lançado fóra delle Merlao, a quem pertencia de direito, por ser irmão mais velho, temia-se muito que o favorecesse contra elle, pela obrigação, em que lhe era de o ajudar em a primeira guerra de Goa. Merlao, que a este tempo estava em Baticalá com o Rey seu tio, com gente de pé, e de cavallo, pera dali cobrar seu Reyno, se pudesse, como soube que seu irmão trazia negocio com Afonso Dalboquerque pera se valer da sua amizade,

man-

mandou-lhe hum meſſageiro com cartas, dando-lhe conta do negocio como paſſava, e como o irmão ſe alevantára contra elle, e lhe tinha tomado o Reyno por força, pedindo-lhe ſua amizade, e offerecendo-ſe pera ſervir ElRey de Portugal em tudo o que lhe elle mandaſſe, e elle lhe aceitou ſeus offerecimentos, aſſi pela fama, que tinha de Cavaleiro, como por ſer Capitão, que os Gentios tinham em muita eſtima, com fundamento que lhe daria a governança das terras de Goa, porque ſe creára ali, e fizera ſempre guerra aos Turcos, e por duas vezes que fora cercada delles, ſendo de Gentios, a defendêra como muito valente Cavaleiro: e com eſta determinação, por lhe parecer muito ſerviço delRey Dom Manuel recolhelo, e favorecelo, mandou a Baticalá as galés por elle, e alguns navios pera embarcação da ſua gente, e cavallos: e mandou dous Capitães Portugueſes com dous mil homens dos Gentios, que foſſem por terra recebelo a Cintácora, com cartas pera os Tanadares, e póvos das terras de Goa o receberem, e obedecerem, como a ſua propria peſſoa: e todos o fizeram com muito amor, pela eſtima, em que o tinham, porque deſejavam de ſerem governados por elle. Sabendo o Irmão, que eſtava em Onor, que elle vinha embarcar a Cintácora, mandou

dou logo gente ſua a Caribal, e Ancŏla, (que são dous lugares, que eſtam defronte de Cintácora, da outra banda do rio, por onde parte o Reyno de Goa com o de Onor,) que ſe trabalhaſſem por lhe defenderem a paſſagem, prometendo-lhe grandes dadivas ſe lho prendeſſem, porque tinha receio que Afonſo Dalboquerque o ajudaſſe a lançar fóra do Reyno; mas com todas eſtas diligencias, que elle teve, deo-ſe Merlao a tão boa manha, que paſſou ſem ſe encontrar com a ſua gente, e chegou a Goa, (levando comſigo hum Capitão do Rey de Narſinga, que ſe chamava Icarao, que havia dias, que andava em ſua companhia deſavindo do Rey,) onde foi recebido de Afonſo Dalboquerque com muito prazer, e mandou-o apoſentar nas principaes caſas da Cidade, e ao Feitor que lhe déſſe tudo o que foſſe neceſſario pera elle, e pera ſua gente. Os Nequibaires tiveram tanto prazer com ſua vinda, que não tardáram muitos dias, que ſe foram a Afonſo Dalboquerque, que lho déſſe pera os governar, porque todo o povo o deſejava; e elle, porque eſta era a principal razão, por que o recolhêra, folgou muito de vir iſto por elles, e diſſe-lhes, que da ſua parte era muito contente, que falaria com Merlao, e que lhe reſponderia; e ao outro dia pela

menhaã o mandou chamar, e disse-lhe, que elle lhe queria arrendar as terras de Goa, e dar-lhe a governança dellas, com tanto que pagasse cada hum anno a ElRey Dom Manuel seu Senhor, ou a seus Governadores da India, quarenta mil pardaos, pagos em quatro pagas, assi como o povo era obrigado pagar, tirando tres meses de huma paga, que a terra ficava devendo ao Hidalcão, porque esta se havia de arrecadar pera ElRey seu Senhor. Merlao foi muito contente. Feitos, e assinados os concertos, que se disso fizeram, mandou Afonso Dalboquerque vir perante si os Nequibaires, e todos os homens principaes dos Gentios, e entregou-lhes Merlao pela mão, e disse-lhes, que elle lho dava pera os governar, porque sabia quanto o elles desejavam, e por quão bem tratados haviam de ser delle; e elles o recebêram com grande prazer, e muitas festas, e tangeres á sua usança, e dali a dous, ou tres dias se partio Merlao, e passou-se a terra firme, levando comsigo cinco mil peões, e cincoenta de cavallo, e começou logo a grangear suas tanadarias. E porque a este tempo estava já a fortaleza de maneira, que se podia defender a todo o poder do Hidalcão, mandou Afonso Dalboquerque Diogo Fernandez de Béja por Capitão mór de tres náos a desfazer a forta-

taleza de Çacotorá, que lhe ElRey D. Manuel por muitas vezes tinha mandado que desfizesse, e deo-lhe hum Regimento do que nisto havia de fazer, e que ali o aguardasse até quinze dias do mes de Maio, porque até este tempo iria ter com elle, se os negocios da India lhe dessem lugar; e sendo caso que neste tempo não pudesse ser com elle, então se fosse a Ormuz com as cartas, e poderes seus, que levava pera receber as pareas, porque Cogeatar lhe mandára dizer que as queria pagar; e isto feito, se viesse no mes de Agosto caminho da India, e se ajuntasse com a Armada de Manuel de Lacerda, que havia de ficar por Capitão mór do mar, navegando elle fóra da India, e todos andassem juntos naquella costa, porque tendo Goa algum trabalho, a pudessem socorrer; e porque Diogo Fernandez fosse melhor despachado de Cogeatar, deo licença a todas as náos de Ormuz que ali estavam, que levassem especiaria, e seguro pera poderem navegar, declarando-lhes que viessem direitos a Goa com os cavallos que trouxessem. E porque Afonso Dalboquerque teve alguns inconvenientes, por onde não pode fazer este caminho; Diogo Fernandez de Béja, depois de ter derribada a fortaleza de Çacotorá, passado o tempo que lhe tinha limitado, veio ter a

Ormuz, e recebeo as pareas, e dali se partio caminho da India, e achou Goa cercada da gente do Hidalcão, e os nossos em grande trabalho, como adiante se dirá.

CAPITULO VII.

Dos Embaixadores, que o Çamorim, depois de Goa tomada, mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes: e como mandou Simão Rangel a este negocio, e do que nisto passou.

COmo o Çamorim foi certificado, que o grande Afonso Dalboquerque tinha tomado Goa, e se fazia forte nella, com determinação de a suster, desconfiado já da liga, que era feita antre elle, e o Hidalcão, pera lançarem os Portugueses fóra da India; e vendo que o Rey de Cambaya, que tambem era desta liga, lhe tinha mandado os Portugueses, que em sua terra foram cativos, mandou-o visitar por seus Embaixadores, os quaes partíram de Calicut em hum paráo, e em poucos dias foram ter a Goa; e como ali chegáram, mandáram dizer a Afonso Dalboquerque, que elles eram vindos a Sua Senhoria com embaixada do Çamorim, que lhe pediam por mercê os quisesse ouvir. Afonso Dalboquerque, pera mais autorizar este negocio, mandou

dou a Francisco Pantoja Alcaide mór da fortaleza, que fosse por elles, e os trouxesse; e elle os esperou na sala com todos os Capitães, e Fidalgos, e recebeo-os com muito gazalhado, e mostras de folgar muito com sua amizade. Os Embaixadores, depois de lhe fazerem sua cortezia a seu modo, disseram-lhe que o Çamorim seu Senhor lhe mandava dizer, que folgára muito de ter palavras, com que lhe mostrára o contentamento, que tivera da sua tomada de Goa, e que polos desejos, que tinha da amizade delRey de Portugal, lhe mandava offerecer todo seu estado, se lhe comprisse, e lugar em seu Reyno pera fazer huma fortaleza, porque assi seria sua amizade mais verdadeira, e que mandasse a elle huma pessoa de confiança, pera assentar este negocio como havia de ser. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que aceitava aquelles offerecimentos do Çamorim em nome delRey de Portugal seu Senhor, e que assi o serviria com todas suas Armadas, e gente, que tivesse na India, quando lhe comprisse, e que logo mandaria em sua companhia hum criado delRey seu Senhor a tratar aquelle seu negocio; e porque Afonso Dalboquerque havia dias que desejava de meter hum pé em Calicut, e fazer nelle huma fortaleza com paz, e amizade, pois com a guer-

guerra que lhe tinha feito nunca se pudera melhorar delle, passados tres, ou quatro dias, depois de Afonso Dalboquerque ter dado conta aos Capitães deste negocio, e assentarem todos que era muito serviço del-Rey de Portugal fazer-se fortaleza em Calicut, despachou os Embaixadores, e fez-lhes mercê em nome delRey: e em sua companhia mandou Simão Rangel, criado del-Rey, em huma fusta, com Regimento do que havia de fazer. Chegado Simão Rangel a Calicut, foi-se meter na Caravela de Simão Afonso, que estava surta no porto, e ali esperou o recado do Rey, porque assi lho tinha mandado Afonso Dalboquerque. Como os Embaixadores chegáram ao Rey, contáram-lhe como Afonso Dalboquerque estava em Goa com muito poder de gente, e que se fazia forte nella, e como os Portugueses desbaratáram hum Capitão do Hidalcão, que viera sobre as terras de Goa: e que mandava em sua companhia hum Capitão, criado delRey de Portugal, pera assentar as pazes. Como o Çamorim soube que Simão Rangel estava na caravela, e não havia de ir a terra, mandou os Governadores da Cidade falar com elle, e estiveram em muitas práticas sobre o concerto da paz, sem se poderem concertar, porque o Rey queria dar fortaleza em Chale, e Afonso
Dal-

Dalboquerque mandava em ſeu Regimento, que não na aceitaſſe ſenão no porto de Calicut, defronte do Cerame do Rey, e por derradeiro não tomáram nenhuma concluſão, porque o Rey não queria dar fortaleza em ſua terra, ſenão entreter eſte negocio com diſſimulações, pera que neſte meio tempo pudeſſem os Mercadores Mouros deſpachar ſuas náos, que tinham carregadas pera o eſtreito, o que não podiam fazer, eſtando as caravelas da Armada ali no porto. Como Simão Rangel vio eſtas dilações, e que tudo eram manhas, e diſſimulações do Rey, deſpedio os Governadores, e embarcou-ſe na fuſta, e foi-ſe caminho de Goa, e deo conta a Afonſo Dalboquerque do que paſſára, e das dilações, em que o Çamorim com elle andára: e que lhe parecia que lhe não daria fortaleza em nenhum lugar da ſua terra por ſua vontade, poſto que lha offereceſſe em Chale. E como Afonſo Dalboquerque eſtava já preſtes com ſua Armada pera ir na volta do eſtreito, (a qual ida ſe mudou pera Malaca, como adiante ſe dirá;) deixou eſte negocio aſſi em aberto até ſua vinda de Malaca, e mandou a Manuel de Lacerda, que havia de ficar por Capitão mór da Armada naquella coſta, que andaſſe ſempre ſobre o porto de Calicut, e lhe fizeſſe todo o mal que pudeſſe, e não con-

ſen-

ſentiſſe que as ſuas náos navegaſſem. E ſendo Afonſo Dalboquerque em Malaca, vieram os Turcos cercar Goa, e foi forçado a Manuel de Lacerda deixar a coſta de Calicut, e vila ſocorrer: e neſte tempo tiveram os Mouros lugar de mandar ſuas náos carregadas de eſpeciaria pera o eſtreito: as quaes ſendo tanto avante como Çacotorá, antre o Cabo de Guardafum, e Magadaxo, deo tão grande temporal nellas, que ſe perdêram ali duas, e as outras ſe perdêram naquelle golfão; e Mafamede Maçari, que era neſta companhia, arribou ás Ilhas de Maldiva. Os Mouros Mercadores eſtrangeiros, que viviam em Calicut, vendo-ſe atalhados de ſua navegação, foram-ſe com ſuas fazendas, huns pera o Cairo, outros pera Cambaya, outros pera Ormuz, e por outras partes, de maneira, que ficáram em Calicut muito poucos, os quaes não eram eſtantes, ſenão vinham de Çufim, de Ourão, de Tremecem, e de Tripuli com ſuas fazendas ao Cairo, e do Cairo hiam ter a Judá, e de Judá a Calicut, com dinheiro na mão, e ali faziam náos novas, e carregavam-nas de eſpeciaria, e tornavam-ſe pera ſuas terras. E perguntando Afonſo Dalboquerque hum dia a hum Mouro deſtes, que ſe tomou em huma náo, que vinha do eſtreito, como ſe aventuravam virem de tão lon-

longe tratar em Calicut, eſtando antre duas fortalezas noſſas, e havendo de paſſar por onde as noſſas Armadas andavam, o Mouro lhe reſpondeo, que eram tão grandes os ganhos, que a todo o riſco ſe punham por virem ali; porque de hum cruzado empregado em Calicut, faziam doze, e treze em Judá, e em todos os lugares da boca do eſtreito pera dentro; e que eſte ganho era tamanho, e o trato da pimenta tão groſſo, e tão ſeguro, que por iſſo trabalhavam os Mouros eſtantes em Calicut, que o Çamorim lhe não déſſe fortaleza em ſua terra, porque dando-lha, ficavam elles ſem terem navegação pera o eſtreito.

CAPITULO VIII.

Como o Rey de Narſinga mandou viſitar o grande Afonſo Dalboquerque por ſeus Embaixadores da tomada de Goa: e das novas, que Fr. Luiz lhe eſcreveo, e o que niſſo paſſou.

DEpois que o grande Afonſo Dalboquerque mandou Fr. Luiz a Narſinga, paſſado o desbarato de Calicut, (como tenho dito,) nunca mais teve recado ſeu do que tinha paſſado com elle ſobre os apontamentos que levára; e tomada Goa eſta ſegunda vez, como a nova foi ter a Narſin-

ſinga, mandou o Rey logo viſitar Afonſo Dalboquerque por ſeus Embaixadores, e por elles lhe eſcreveo Fr. Luiz como chegára a Narſinga, e que por outras cartas lhe tinha eſcrito quão bem recebido fora do Rey; e que lhe fazia a ſaber, que ſe fazia preſtes com cem mil homens de pé, e dous mil de cavallo pera ir ſobre hum vaſſalo ſeu, que ſe tinha alevantado com a Cidade de Pergundá, e dizia que a elle pertencia o Reyno de direito, e que acabado de o tomar, ſe hia com toda eſta gente aos ſeus lugares da ourela do mar, e que não pudera ſaber o fundamento diſto, e que por ſerem perto de Goa o aviſava, pera que eſtiveſſe a bom recado, e que ſe não fiaſſe do Rey de Garçopa, nem de Timoja, porque eram tão máos homens, que tinham eſcrito ao Rey de Narſinga, que ſe quiſeſſe Goa, pois fora antigamente de ſeus avós, que lhe mandaſſe gente de pé, e de cavallo, e Alifantes, que elles lha entregariam, primeiro que os Portugueſes ſe fizeſſem fortes nella: e que havia nova certa, que o Hidalcão era partido com muita gente ſobre a Cidade de Calbergate, de que era Guazil hum Abexim capado criado do Rey de Decam, que ſe chamava Melique diſtur, e por não poder ſofrer o cerco, paſſados dous meſes ſe dera a partido; e que eram alevantados contra

tra

tra o Hidalcão quatro Guazis principaes do Reyno, porque trazia comsigo prezo o Rey de Decam, e privado de todo seu mando, e que foram com muita gente contra elle pera o destruir; e chegando a huma ribeira, por não poderem passar, se deixáram estar, e ali ficavam, e que o Hidalcão polo receio que tinha delles, mandára vir a gente, que estava em guarda das terras de Goa; e que tambem era vindo recado ao Rey de Narsinga, que os principaes homens Gentios da Cidade de Bilgão, como souberam que elle tinha tomado Goa, e se fazia forte nella; se alevantáram contra o Hidalcão, e lançáram os Mouros fóra da Cidade, e estavam á obediencia do Rey, porque fora sua, e o Hidalcão lha tinha tomada. (Este Bilgão he huma Cidade muito grande, e tem huma fortaleza muito forte, e he passo, e porto principal do Reyno de Decam pera Goa: tem huma serra muito grande, que está sobre as terras de Goa, como a serra do Algarve sobre o campo Dourique, e passando esta serra, jaz o Reyno de Decam estendido tudo terra chã, como o mesmo campo. E porque a principal cousa, por onde o Çabayo velho veio a ser senhor de Goa, foi tomar esta fortaleza por treição aos Gentios, que a tinham, dizia o grande Afonso Dalboquerque muitas vezes, quando

se

ſe via afrontado dos rebates do Hidalcão; que ſe ElRey D. Manuel queria ter ſeguro o Reyno de Goa, que devia de trabalhar muito de tomar eſta fortaleza, porque com ella ſegurava todo aquelle eſtado.) E que quanto aos negocios, que em ſua inſtrução levava pera tratar com elle, que lhos apreſentára muitas vezes, e que lhe não reſpondêra nunca a propoſito, e andára ſempre em dilações, e que por derradeiro lhe diſſera, que ſe eſpantava muito delle mandar-lhe cometer que lhe deixaſſe fazer fortaleza em Baticalá, dizendo que deſejava muito ſua amizade, em tempo que elle ſabia que a tinha feita com o Hidalcão, e que aquillo não dizia com lhe mandar offerecer que o ajudaria a tomar o Reyno de Decam, que fora ſeu antigamente; e que paſſadas eſtas práticas, que tivera com o Rey, o mandára chamar o Governador da Cidade, e lhe dera muita culpa deſta amizade, que elle queria ter com o Hidalcão; e que o Rey de Garçopa lhe eſcrevêra huma carta, que o pudera deſtruir, e prender ſe quiſera, e que por ſerem já muito amigos o deixára de fazer, e que ſe iſto era por dinheiro, que lhe prometêra de dar cada anno, que o Hidalcão uſaria com elle daquella verdade, que ſeu pai uſou com o Rey de Narſinga, quando o prendeo em huma batalha,

c o

e o ſoltou por lhe prometer que o ſerviria ſempre. Afonſo Dalboquerque com iſto que lhe Fr. Luiz eſcreveo, que paſſára com o Rey de Narſinga, e com o ſeu Governador, ficou hum pouco ſuſpenſo, por ver que tornava atrás do que lhe tinha mandado por muitas vezes dizer, que era ajudalo contra o Hidalcão; e entendendo donde iſto naſcia, diſſimulou com elle, e eſcreveo a Fr. Luiz polo meſmo Embaixador, que lhe trouxera a carta, que ſe deſpediſſe do Rey o mais diſſimuladamente que pudeſſe, e ſe vieſſe logo, e carteou-ſe com o Hidalcão, moſtrando-lhe que queria ſua amizade; porque Afonſo Dalboquerque pera encaminhar as couſas da India, como convinha ao ſerviço delRey de Portugal, trabalhou ſempre por dar a entender a cada hum deſtes Senhores, que com elle queria ter paz, e amizade, e trato dos cavallos, que era o que elles pertendiam, porque como os tinha ſobre o peſcoço em Goa, queria-ſe valer com eſte artificio de os ter diviſos. E depois de ter eſcrito ao Hidalcão, deſpachou os Embaixadores do Rey de Narſinga, mandando-lhe por elles dizer, que havia hum anno que lhe tinha mandado huns apontamentos por Fr. Luiz, e que até não ter repoſta delles, não podia tomar concluſão no que lhe mandava dizer. Os Embaixa-

xa-

xadores ſe partíram, e chegando a Biſnaga, acháram Fr. Luiz morto, que o matára hum Turco, e dizia-ſe que o Hidalcão o mandára matar, e deram o recado, que levavam de Afonſo Dalboquerque, ao Rey, e diſſeram-lhe, que em Goa ſouberam que ſe carteava com o Hidalcão. O Rey de Narſinga com o receio que tinha deſta amizade, e de o Hidalcão haver os cavallos, (que era o nervo principal de ſeu exercito,) tornou logo a mandar os dous Embaixadores ao grande Afonſo Dalboquerque, com huma larga inſtrução pera aſſentarem com elle amizade, e trato dos cavallos.

CAPITULO IX.

Como o grande Afonſo Dalboquerque ordenou algumas couſas na Cidade, e aſſentou huma Caſa de Moeda nella, e o mais que paſſou.

DEſejava o grande Afonſo Dalboquerque tanto, que Goa tornaſſe ao eſtado, que ſempre tivera no trato, ſendo ſenhoreada do Çabayo, que depois da fortaleza eſtar quaſi acabada, mandou certos Capitães pela coſta, que todas as náos que achaſſem, de qualquer parte que foſſem, as fizeſſem arribar a Goa, e fez iſto por dous reſpeitos: o primeiro por favorecer o porto,

to, e tornar a povoar a Cidade como dantes era, e as cafilas de Narſinga, e do Reyno de Decam com ſuas mercadorias virem a Goa buſcar cavallos, como antigamente ſohiam de vir, os quaes naquellas partes são mui eſtimados, e tem grande valia, porque além de terem neceſſidade delles pera a guerra, coſtumam os Capitães, e Senhores principaes trazerem ſuas mulheres a cavallo: o outro era por desfazer o porto de Baticalá, que ſe tinha feito muito nobre polo trato dos cavallos, e pelas muitas mercadorias, que a elle vinham ter de Ormuz, e eſtando o trato dos cavallos em Goa, podia ſempre haver nella quatrocentos, quinhentos cavallos de Mercadores pera qualquer neceſſidade que ſucedeſſe: e com eſta diligencia, que Afonſo Dalboquerque fez, e com mandar dar aos Mercadores principaes caſas da Cidade pera gazalhado de ſuas mercadorias, começáram logo a vir de muitas partes náos com mercadorias ao porto de Goa, e de Ormuz com cavallos; e pera ſe agazalharem, mandou fazer grandes eſtrebarias, e ordenou trezentos peões da terra, que tinham cuidado de acarretar erva, feno, e mantimentos pera cavallos; e porque os Mercadores tiveſſem com que carregar ſuas náos, por não irem buſcar carrega a outro porto, mandou ao Feitor, e

Of-

Officiaes, que tiveſſem ſempre na Feitoria pimenta, cravo, e gingibre, e todas as outras mercadorias, que os Mercadores houveſſem miſter, e que no deſpacho que lhe deſſem, quando ſe quiſeſſem partir, lhes declaraſſem que haviam de ir a Ormuz, e não a outra parte, porque deſejava de desfazer o comercio do eſtreito: e com eſta liberdade, que os Mouros tinham de carregarem ſuas náos de eſpeciaria em Goa, todos os Mercadores vinham ali ter: e neſtas náos, que traziam cavallos, ſe achou Cogeamir, ao qual Afonſo Dalboquerque a primeira vez que tomou Goa, entregou duas náos carregadas de mercadorias pera ir a Ormuz, e elle trouxe os cavallos a troco de ſuas mercadorias; e chegando á India, como ſoube que os Mouros de Goa eram alevantados contra Afonſo Dalboquerque, e o tinham lançado fóra della, meteo-ſe em Dabul, e foi apreſentar os cavallos ao Hidalcão; e como ſoube que elle ali eſtava, pela rebeldaria que lhe tinha feita, mandou-o prender, e a hum filho ſeu em ferros, e tomou-lhe toda ſua fazenda, e vinte e cinco cavallos, que logo foram entregues na Feitoria. Aſſentadas todas eſtas couſas, ordenou huma caſa principal, em que ſe lavraſſe moeda de prata, ouro, e cobre, naquella valia que a primeira vez que ſe tomou

mou Goa eſtava aſſentado com o povo, e Mercadores da Cidade: e mandou que toda a moeda dos Mouros ſe trouxeſſe á Caſa da Moeda, e ſe corunhaſſe dos cunhos delRey de Portugal, e poz-lhe os meſmos nomes que tinham, (como atrás fica declarado:) A qual Caſa arrendou a hum Chetim de Baticalá por ſeiscentos mil reis, e fez Theſoureiro della Alvaro Godinho caſado em Goa, e de todos os outros Officios proveo eſſes homens principaes caſados, porque cubiçaſſem de ſe caſar, e povoar a terra: E já a eſte tempo haveria em Goa quatrocentos e cincoenta caſados, todos criados delRey, e da Rainha, e dos Senhores de Portugal; e eram tantos os homens que queriam caſar, que ſe não podia Afonſo Dalboquerque valer com requerimentos, e elle não dava licença ſenão a homens honrados: e por favorecer eſte negocio, por ſer obra de ſuas mãos, e tambem por ſerem homens honrados, e terem merecido por ſeu ſerviço fazerem-lhes mais mercê, dava-lhes muito mais em caſamento do que eſtava limitado por ElRey D. Manuel, porque as mulheres, com que caſavam, eram filhas dos principaes homens da terra; e fazia-lhes eſte favor, porque vendo os Gentios o que elle fazia a ſuas filhas, netas, e irmans, ſe vieſſem de melhor vontade a tornar Chriſ-

tãos, e por esta rezão não consentio que nenhuma dellas fosse cativa, e mandou-as tomar todas aos homens que as tinham, e repartio por todos os casados as terras, casas, gado, e tudo o mais que havia pera começarem de viver; e se as mulheres que casavam, pediam as casas, que foram de seus pais, ou seus maridos, mandava-lhas dar, e nellas achavam muitas joias, e peças de ouro, que deixáram soterradas quando se a Cidade tomou; e as heranças, que teve por informação, que eram das Mesquitas dos Mouros, e dos Pagodes dos Gentios, deo-as todas á Igreja principal da Cidade, a qual fez da invocação de Sancta Catherina, em cujo dia lhe Nosso Senhor deo a vitoria daquella Cidade; e neste dar das licenças pera se casarem teve Afonso Dalboquerque grandes contradições, porque havia muitos a que não parecia bem querer elle suster Goa, e os principaes eram Lourenço Moreno Feitor de Cochim, e Antonio Real Alcaide mór, e Gaspar Pereira, e Diogo Pereira, os quaes não contentes de sobre isto fazerem ajuntamentos, e conselhos, escrevêram a ElRey D. Manuel, dando-lhe rezões por onde devia de mandar que se desfizesse; e a principal era, que fazia grandes gastos, porque como era perda de sua fazenda, acudiria ElRey por aqui

mais

mais preſtes a eſte negocio. E fez Capitão da fortaleza a Rodrigo Rabelo, que era muito bom Cavaleiro, e á Franciſco Pantoja Alcaide mór, e Franciſco Corvinel Florentim de nação Feitor: Eſcrivães da Feitoria João Teixeira, filho de João Paçanha de Alenquer, que foi com elle na primeira tomada de Ormuz, e a Vicente da Coſta filho de Meſtre Afonſo Fyſico mór que foi delRey D. Manuel, caſado em Goa: e deo Regimento aos moradores da Cidade da maneira que haviam de ter no fazer dos Juizes, e Vereadores, e Almotaceis cada anno. Ordenadas todas eſtas couſas, e outras, que deixo por eſcuſar proluxidade, começou o grande Afonſo Dalboquerque a fazer ſua Armada preſtes, com determinação de não invernar em Goa, pela falta que havia de mantimentos, e não ter dinheiro pera pagar á gente, e determinava aſſi ſua partida pera onde lhe pareceſſe mais ſerviço delRey, e deixou quatrocentos homens em guarda da fortaleza em Goa, e muita artilheria groſſa, e miuda, polvora, ſalitre, e enxofre, e hum engenho aſſentado pera ſe fazer quanta foſſe neceſſario, e oitenta homens de cavallo caſados em Goa, e por Capitão mór do mar Duarte de Mello com quatro navios, e tres gales, e Regimento, que andaſſe ao longo de aquella

costa provendo a Cidade de tudo o que lhe fosse necessario; e que quando ali chegasse Manuel de Lacerda, que elle deixava por Capitão mór de huma Armada em Cochim com todos os seus poderes, lhe obedecesse como a sua propria pessoa; e pera se pagar a toda esta gente, e Armadas deixou doze mil cruzados da renda, que Merlao havia de pagar da Ilha.

CAPITULO X.

Do que o Bendará Governador de Malaca fez, quando soube que Goa era tomada: e das novas, que Ruy de Araujo, que lá estava cativo, escreveo ao grande Afonso Dalboquerque.

COmo Goa era mui nomeada em todas as partes, e Reynos da India, correo logo a nova por mercadores de Calicut, fazendo saber a todos os Reys como o grande Afonso Dalboquerque tinha tomado, e lançado os Turcos fóra della. Chegada esta nova a Malaca, o Bendará, que governava o Reyno polo Rey, que era seu sobrinho, receoso que Afonso Dalboquerque quizesse ir a Malaca tomar vingança da treição, e roubo, que fora feito aos Portugueses, como era muito dissimulado, e manhoso, começou logo a prover a Cidade

de

de muitos mantimentos, e foi-ſe a Ruy de Araujo, e aos outros cativos, que tinha metidos em huma caſa muito mal tratados, e diſſe-lhes, não lhes dando conta do que era paſſado na India, que o alevantamento, que ſe fizera contra os Portugueſes, não fora feito por ſeu conſelho, nem mandado, e que os Guzarates, e Jaos o ordenáram ſem o elle ſaber, porque ſe arreceavam que os Portugueſes, ſahindo elles daquelle porto, os trataſſem mal, e com tudo determinava de os caſtigar muito bem, porque deſejava muito de ter amizade com os Portugueſes, e que trataſſem em Malaca. Paſſada eſta prática, que teve com elles, mandou-os tirar pera huma caſa de fóra, que não era tão eſcura, como a em que eſtavam. Ninachatu, hum Gentio eſtante em Malaca, de que os noſſos tinham recebido muito boas obras em ſeu cativeiro, como ſoube eſta nova da tomada de Goa, foi-ſe ao Bendará, e diſſe-lhe, que ſe Goa era tomada polos Portugueſes, como ſe dizia, que elle ſe arreceava que o Governador da India quizeſſe vir áquella terra vingar-ſe do que nella fora feito ao Capitão delRey de Portugal; que lhe parecia, que ſeria bom conſelho mandar ſoltar Ruy de Araujo, e ſeus companheiros, e tratalos muito bem, porque poderia ſer que viria tempo que folgaſ-

gasse muito de os ter por seus medianeiros. Ao Bendará pareceo bem isto que lhe Ninachatu disse, e mandou-os soltar, e deolhes huma casa em que vivessem, e dez mil calains em pannos de Cambaya, dos que se tomáram na Armada de Diogo Lopez de Sequeira, pera tratarem, e do dinheiro daquillo se manterem, porque esta era a ordem, que o Rey tinha com os seus escravos, e disse-lhes, que aquillo lhes dava pera seu mantimento, e que quando viessem as náos dos Portugueses, estariam á conta com elles, e satisfaria toda a perda, que ali tinham recebida: e esta virtude, que o Bendará usou com Ruy de Araujo, e com os seus companheiros, não foi sómente polos rogos de Ninachatu, mas porque estava hum junco pera partir pera a India, e queria que levasse nova de como elle tratava bem os Portugueses, que tinha cativos, e assi o disseram a Ruy de Araujo alguns Mouros seus amigos; e que tanto que o junco partisse, lhes havia de tornar a tomar tudo o que lhes tinha dado, e tornalos á prizão em que estavam, e que se o deixasse de fazer, seria com receio de Afonso Dalboquerque polo que ouvia delle. Como Ruy de Araujo isto soube, determinou de mandar recado a Afonso Dalboquerque de tudo o que passava em Malaca, e concertou-se com hum

Mou-

Mouro, que ſe chamava Abedalla, e por elle lhe eſcreveo, que lhe fazia a ſaber que eram vivos dezanove Portugueſes, e que o Bendará os tinha cometidos por muitas vezes que ſe tornaſſem Mouros, e lhes fazia muitos males por iſſo, e que eſtava com grande receio de elle ir a Malaca, porque era mal quiſto de todos os Reys ſeus comarcãos, e todos haviam de ſer contra elle, porque era grande tyranno, e fazia muitos roubos aos Mercadores, que áquelle porto hiam ter; e que ſe elle determinaſſe de ir a Malaca, que devia de ſer com a maior Armada que pudeſſe, de maneira que o mar, e a terra lhe obedeceſſe, vendo o grande poder delRey de Portugal naquellas partes, e que tomando alguns juncos no caminho, que foſſe de Malaca, que á gente delles não fizeſſe nenhuma crueza até haver os cativos, e em chegando ao porto, mandaſſe alguns deſſes, que tomaſſe a terra com recado ao Bendará, que lhe diſſeſſem, que ſua determinação era não fazer guerra a Malaca, nem tomar couſa nenhuma ſua, ſe o Rey quizeſſe ter com elle paz, e amizade, e entregar-lhe os Chriſtãos, e eſtar á obediencia delRey de Portugal; porque o Bendará tinha determinado, tanto que ſoubeſſe que a noſſa Armada era naquella coſta, de os mandar logo todos quatro leguas

pe-

pelo ſertão dentro até ſaber ſua determinação, porque ſe temia, que eſtando elles ali, o aviſariam de muitas couſas; e que das paſſadas, depois de aquelle dia da ſua deſaventura, e partida de Diogo Lopez de Sequeira de aquelle porto, não lhe eſcrevia miudamente, porque tudo redundava no máo trato, que tinham recebido do Bendará em ſeu cativeiro até agora; que elle ouve por bem de lhes dar huma caſa, em que eſtiveſſem todos, e dez mil calains em mercadorias, pera do ganho delles ſe manterem, dizendo que eſtava preſtes pera ſatiſfazer toda a perda, que os noſſos tinham recebido, fazendo-lhe elle Afonſo Dalboquerque juſtiça de outras, que elle tinha recebidas das noſſas náos em ſeus Juncos, e que elle tinha caſtigado os Guzarates, e os Jaos, que fizeram a treição de maneira, que dali por diante não ouſariam de cometer outra tal, porque deſejava muito a amizade delRey de Portugal, e ſer ſeu vaſſalo; e que deſtas couſas, e doutras muitas, em que não falava, por não fazerem caſo, lhe fazia o Bendará cada dia mil abaſtanças; e que elle, e todos aquelles cativos lhe pediam por amor de Déos que ſe lembraſſe delles, e os tiraſſe daquelle cativeiro, e que mandaſſe dar ao Mouro portador daquella carta de ſua fazenda vinte cruzados, que lhe

lhe emprestára pera comerem, e lhe fizesse mercê, porque além de os sempre ajudar, e acompanhar, assentára fazer aquelle caminho muito levemente, com quanto corria muito risco se o soubessem, confiado nas mercês, que lhe elle havia de fazer; e que Ninachatu lhe mandava pedir muito por mercê, que das cousas, que elle tinha feito em Malaca por elles, não soubessem os Mouros de Cochim, porque se temia que o escrevessem ao Bendará, e lhe fizesse muito mal por isso, porque elle lhe dera maneira pera poderem escrever, e mandar aquelle Mouro; e que sendo caso que Sua Senhoria não pudesse ir a Malaca por algum justo respeito, que os mandasse avisar o mais secretamente que pudesse, antes que os Mouros soubessem que sua ida não podia ser, porque esperava que Nosso Senhor lhes daria remedio pera se poderem ir dali pera outra parte, onde estivessem seguros, e livres pera se irem caminho da India.

CA-

CAPITULO XI.

Como os Capitães da Armada de Diogo Mendez lhe requerêram que se partisse pera Malaca: e o que passou com elles, e como pedio licença ao grande Afonso Dalboquerque pera se ir, e as rezões, por que lha não deo.

VEndo os Capitães da Armada de Diogo Mendes, que a fortaleza de Goa estava de todo acabada, e as cousas da Cidade hiam tomando assento, desejosos de fazerem sua viagem, foram-se a elle, e disseram-lhe, que aquellas náos eram de Mercadores, que tinham feito seu contrato com ElRey D. Manuel, pera irem a Malaca tomar sua carrega, e que até ali tivera alguma desculpa na dilação de sua partida, polo tempo da moução não ser chegado, e que agora que estavam nella, e o negocio de Goa acabado, em que todos tinham servido muito bem ElRey, que se devia de partir. Diogo Mendes lhe respondeo, que lhe parecia muito bem seu conselho, mas que era necessario darem conta disso a Afonso Dalboquerque, porque além deste comprimento aproveitar pera lhe fornecerem as náos de algumas cousas, de que tinham necessidade pera aquella jornada, tinham dado

do ſuas menagens, e não ſe podiam partir daquelle porto ſem ſua licença. Dinis Cerniche, como era eſtrangeiro, e queria tratar mais de ſeu proveito que de ſua honra, reſpondeo-lhe, que aquelles comprimentos eram eſcuſados; porque no contrato, que os Mercadores fizeram com ElRey, logo os izentou de Afonſo Dalboquerque, e de todos os outros Governadores da India. Como Diogo Mendez era homem atentado, (poſto que neſte negocio erraſſe no que fez por conſelho dos Capitães, Meſtres, e Pilotos da ſua Armada,) deixadas as rezões, que lhe Dinis Cerniche deo, foi-ſe a Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe, que em Cananor lhe diſſera, que acabado aquelle feito de Goa, ſendo o tempo da moução chegado, lhe daria licença pera ſe partir pera Malaca, e tudo o que lhe foſſe neceſſario pera ſua viagem; que pois lha Noſſo Senhor tinha dado ganhada com tanta honra ſua, e delle não tinha já neceſſidade, que lhe pedia muito por mercê que o deſpachaſſe, e lhe déſſe licença pera ſe partir; porque viſtas as condições, com que os Mercadores contratáram com ElRey Dom Manuel, não lhe podia tolher que não fizeſſe ſua viagem, e que os ſeus Capitães o matavam, e lhe faziam cada dia requerimentos, que ſe foſſem, e elle o não quizera

fa-

fazer ſem ſua licença. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que era verdade, que elle lhe prometêra em Cananor de o deſpachar, tanto que acabaſſe o negocio de Goa; e que quando lhe aquillo prometêra, não ſabia o eſtado, em que eſtavam as couſas de Malaca, e que havia poucos dias, que lhe deram huma carta de Ruy de Araujo, em que lhe dava conta como a terra eſtava; e que ſendo caſo que pera aquellas partes navegaſſe, que foſſe com huma Armada tão poderoſa, que tudo lhe obedeceſſe; e viſto iſto, e os negocios de Malaca eſtarem de má deſiſtão, que lhe pedia por mercê que não quizeſſe aventurar aquelles navios, e gente, que comſigo levava; porque acontecendo-lhe algum deſaſtre, ambos teriam a culpa, pois polo acontecido a Diogo Lopez de Sequeira, não ſe podia haver mercadorias em Malaca, ſenão a troco de lançadas, o que elle não podia fazer com quatro navios podres, e duas eſpadas ferrugentas; e que ajudalo com gente, e Armada não podia ſer por duas rezões: a primeira, eſtarem as couſas de Goa tão tenras, como elle via; a outra, a nova da vinda dos Rumes, que tinha a India toda alvoroçada, e paſſados eſte ſobreſaltos elle lhe prometia de o ajudar, como lhe tinha dito. Diogo Mendez, depois de paſſar muitas práticas

com

com Afonſo Dalboquerque, e que eſtava em determinação de lhe não dar licença, deſpedio-ſe delle mal contente, e como foi na ſua náo, vieram os Capitães ſaber delle o que paſſára, (tirando Baltezar da Silva, que ficou doente em Cananor.) Diogo Mendez lhe deo conta do que lhe Afonſo Dalboquerque diſſera, e com eſta repoſta aſſentáram todos de ſe partirem ſem mais licença ſua.

CAPITULO XII.

De como Diogo Mendez, por conſelho dos ſeus Capitães, ſe fez á véla pera botar pela barra fóra, e o grande Afonſo Dalboquerque mandou após elle, e o fizeram tornar pera dentro, e o mais que paſſou.

COmo os Capitães ficáram mal contentes de lhe o grande Afonſo Dalboquerque negar a licença, que lhe Diogo Mendez pedíra pera ſe partirem, e tinham pera ſi que lhe não podia tomar menagem, nem elles darem-lha, por virem izentos do Governador da India, determináram de ſe fazerem á véla, e irem ſeu caminho direito a Malaca; e porque tiveram alguma dúvida em ſahirem pela barra fóra de noite, diſſe Manuel Pirez, que hia por Piloto, e Capitão da náo de Baltezar da Silva, que el-

elle tiraria todas aquellas náos fóra da barra, ainda que foſſe á meia noite, e as levaria a Malaca, e tornaria pera Portugal, ſem tocar na India. Com eſta determinação de Manuel Pirez fizeram-ſe todos á véla logo á noite, (ſalvo Pero Coreſma, que não foi neſte conſelho, e deixou-ſe ficar.) Manuel Pirez, porque o ſeu navio era muito bom da bolina, ſahio-ſe logo pela barra fóra, e os outros andáram ás voltas até pela menhaã. Como Afonſo Dalboquerque ſoube que Diogo Mendez era partido, mandou logo apôs elle Duarte da Silva, e James Teixeira em duas galés, e Manuel de Lacerda por terra com gente de cavallo, que ſe foſſe á barra, e tomaſſe quaeſquer bateis, que ali achaſſe, e o fizeſſe arribar; e diſſe a huns, e a outros, que ſendo caſo que elles não quizeſſem obedecer a eſte ſeu mandado, que os meteſſem a todos em o fundo. Chegado James Teixeira a Diogo Mendez, requereo-lhe da parte de Afonſo Dalboquerque que ſe tornaſſe, e elle como hia em ſua determinação não deo polo requerimento. Como James Teixeira vio que elle não queria obedecer aos mandados de Afonſo Dalboquerque, diſſe a Martim Afonſo, que era Piloto da náo, que mandaſſe amainar, e elle lhe reſpondeo, que ſe Diogo Mendez, que era ſeu Capitão mór, lho

man-

mandaſſe, o faria; e vendo que nem por huma via, nem por outra podia acabar com Diogo Mendez que ſe tornaſſe, tirou-lhe hum tiro por alto, e elle mandou-lhe tirar outro, e niſto chegou Duarte da Silva na outra galé, e tirou-lhe hum tiro, e deo-lhe pela oſtaga, e veio logo a verga de romania abaixo. Diogo Mendez, como ſe vio deſaparelhado da véla grande, mandou amainar as outras, e ſorgio. Manuel Pirez, vendo a náo Capitaina amainada, arribou ſobrella, e perguntou a Diogo Mendez que faria, e elle lhe diſſe, que o que havia de fazer era amainar, e irem todos pagar o que elle fizera por ſeu conſelho, e dos outros Capitães; e eſtando niſto, chegou Pero Dalpoem Ouvidor da India em hum paráo; e Manuel de Lacerda como o vio, veio-ſe meter com elle, e tomáram Diogo Mendez, e os outros Capitães, Pilotos, e Meſtres, e trouxeram-nos prezos á Cidade. Afonſo Dalboquerque, que já tinha ſabido o que paſſava por hum homem, que lhe Manuel de Lacerda mandára por terra, mandou vir Diogo Mendez perante ſi, e diſſe-lhe, que ſe eſpantava muito delle quebrar a menagem que tinha dado, e deſobedecer ao ſeu Capitão geral diante de todos os Embaixadores dos Reys, e Senhores da India que ali eſtavam, por conſelho de

de quatro ſandeos da ſua Armada, eſtando aſſentado que não era ſerviço delRey deixalo ir a Malaca; e elle lhe reſpondeo, que não ſe fora por lhe deſobedecer, mas que ſua honra o obrigára a fazer o que fez; porque ſendo elle homem pera couſas muito grandes, o mandára como a hum eſcudeiro em dous bateis ſocorrer a Ilha de Chorão, que os Turcos tinham entrada. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que aquella não era boa deſculpa, que hum homem tão honrado, e tão cavaleiro como elle, não havia de haver por maſcabo de ſua peſſoa mandalo pelejar por ſerviço de ſeu Rey, e que ao meſmo negocio mandára Manuel de Lacerda, que era Capitão mór da Armada delRey com outros bateis, e não ſe afrontára diſſo: que o ſeu caſo era de qualidade, que elle por bem de ſeu officio não podia deixar de fazer juſtiça, a qual lhe guardaria inteiramente, ſe a tiveſſe, e dali o mandou levar prezo á torre da menagem; e aos outros Capitães, Pilotos, e Meſtres mandou meter na cadeia, apartados, e a Pero Dalpoem, que com muita brevidade proceſſaſſe eſte negocio, porque eſtavam ali Embaixadores do Rey de Narſinga, e doutros Reys da India, que tinham viſto a deſobediencia que lhe fizeram, e queria que ſe não foſſem, ſem primeiro

ve-

verem o castigo, que lhes por isso dava. Tiradas as inquirições, estando já o feito em final, mandou chamar todos os Capitães, e vistas as culpas, que foram apresentadas polo Ouvidor, julgáram que Diogo Mendes fosse degradado pera Portugal, e com os autos de suas culpas parecesse diante del-Rey D. Manuel, e Pero Coresina foi tambem degradado pera Portugal, (não sendo neste conselho,) por não descubrir a fugida de Diogo Mendes, e Dinis Cerniche, que morresse degollado, e Martim Afonso Piloto mór, e Manuel Pirez Piloto, e Capitão da náo de Baltezar da Silva, e Diogo Fernandez Mestre da náo de Dinis Cerniche, que fossem enforcados todos tres nas náos, onde eram Mestres, e Pilotos, nos quaes se fez logo aquelle dia execução; e mandando-a Afonso Dalboquerque fazer em Dinis Cerniche, vieram os Embaixadores do Rey de Narsinga a pedir-lhe que lhe perdoasse, e elle o fez, mudando-lhe esta pena em degredo pera Portugal, aonde o mandou com os autos de suas culpas.

CAPITULO XIII.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera o estreito de Méca com sua Armada, e por não poder dobrar os baixos de Padua, arribou a Goa, e fez sua viagem direito a Malaca.

POsto que ElRey D. Manuel por muitas vezes tivesse escrito ao grande Afonso Dalboquerque, que entrasse o estreito do mar Roxo, e fizesse huma fortaleza em Adem, os negocios de Goa lhe deram tanto em que entender, que nunca teve tempo pera cometer este caminho mais cedo; e posto que a carta, que lhe Ruy de Araujo escreveo do estado, em que as cousas de Malaca estavam, o puzesse em grande confusão do que faria, (como fica dito,) com tudo confiado na misericordia de Deos, determinou de ir ao estreito, e comprir com a vontade delRey D. Manuel; e tendo sua Armada prestes de gente, mantimentos, armas, e artilheria, e tudo o mais que lhe era necessario pera cometer este negocio, (deixando Goa a bom recado,) se partio, e sendo tanto avante, como os baixos de Padua, polos não poder dobrar por ser já tarde, tornou árribar, e veio surgir com toda a Armada sobre a barra de Goa, e de-

depois de ſurto, mandou chamar Rodrigo Rabelo Capitão da Cidade, e diſſe-lhe, que polos tempos ſerem contrarios, e a moução do eſtreito, e Ormuz ſer já paſſada, e não poder navegar pera aquellas partes, que ſua determinação era ir invernar a Malaca, e ver ſe podia dar hum caſtigo aos Malayos pela treição, que tinham feito a Diogo Lopez de Sequeira; que lhe encomendava muito a guarda daquella Cidade, porque a levava atraveſſada na garganta, arreceando que o Hidalcão a tornaſſe a cometer, e dali ſe foi a Cananor, e deixando a fortaleza provída de mais gente da que tinha, partio-ſe pera Cochim. O Rey como ſoube que Afonſo Dalboquerque eſtava na barra, foi-o logo ver á não, e fez-lhe muitos requerimentos, que não cometeſſe ir a Malaca, porque as couſas de Goa eſtavam ainda tão tenras, que era neceſſario eſtar ſua peſſoa preſente pera tomarem aſſento; e que tambem o Çamorim de Calicut andava tão deſaſoſſegado, que ſe arreceava, tanto que o viſſe fóra da India, cometeſſe alguma treição; e ainda que iſto, que lhe o Rey diſſe, trazia alguma rezão comſigo, com tudo ſua tenção não era eſta, ſenão eſtorvar-lhe eſta ida de Malaca por conſelho de Chirinamercar, e Mamalemercar, dous Mercadores Mouros, ho-

mens cheios de toda a maldade, e roim tenção. E a causa principal deste conselho era, arrecearem-se que Afonso Dalboquerque lhes tomasse suas náos, que lá tinham mandadas, e tomando Malaca, elles ficassem sem nenhum modo de trato em todo aquelle arcepelago, do cabo de Comorim pera dentro, porque eram os mais ricos Mercadores, que hiam em todo o Malabar. E posto que Afonso Dalboquerque visse claramente, que os Mercadores tinham enganado o pobre Rey, em lhe pedirem que o desviasse deste caminho que queria fazer, porque era nosso amigo, dissimulou com elle, e disse-lhe, que estava já determinado de fazer aquella viagem, porque os tempos não deram lugar pera ir ao estreito, como lhe ElRey D. Manuel seu Senhor tinha mandado, e que esperava em Deos, que muito cedo lhe viesse nova de quão bem vingada tinha a treição, que naquella Cidade fora feita aos Portuguezes, e que Goa ficava de maneira, que não arrecearia todo o poder do Hidalcão que sobre ella viesse. Passadas estas práticas, que teve com o Rey, despedio-se delle, e mandou chamar Manuel de Lacerda, que ali achou, e por ter pequena Armada, forneceo-o mais de quatro navios pequenos, e duas náos grandes, gente, e monições de guerra, com regimento,

to,

to, que no mez de Agoſto ſe foſſe ajuntar com as outras náos, que acharia ſobre a barra de Goa, e deo-lhe todo ſeu poder pera todos os outros Capitães, que ali vieſſem ter lhe obedecerem, como a ſua propria peſſoa, e que andaſſe ſempre naquella coſta pera acudir ás neceſſidades de Goa, ſe as tiveſſe, e deſpedio-o que ſe foſſe fazer ſua Armada preſtes, e elle mandou aos ſeus Capitães, que levaſſem ſuas amarras, e ſe fizeſſem á véla.

CAPITULO XIV.

Como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Cochim, e fez ſeu caminho direito a Malaca, e do que nelle paſſou.

DEſpedido o grande Afonſo Dalboquerque do Rey de Cochim, tendo deſpachado Manuel de Lacerda, que havia de ficar por Capitão mór daquella coſta, fez-ſe á véla com toda ſua Armada, que eram dezoito vélas, em que entravam tres galés, de que eram Capitães D. João de Lima, Fernão Telez Dandrade, Gaſpar de Paiva, James Teixeira, Baſtiam de Miranda, Aires Pereira, Jorge Nunes de Lião, Dinis Fernandez de Melo Patrão mór, Pero Dalpoem Ouvidor da India, Antonio Dabreu, Nuno Vaz de Caſtelo-branco, Simão Dandra-

drade, Duarte da Silva, Simão Martinz, Afonſo Peſſoa, Simão Afonſo, e Jorge Botelho, e fazendo ſeu caminho, ſendo tanto avante como Ceilão, Leſteoeſte com a Ilha de Samatra, ouveram viſta de huma náo. Afonſo Dalboquerque mandou arribar a ella, e tomáram-na, com a qual folgou muito por ſer de Guzarates, e ouve ſua viagem por ſegura, porque são elles mais certos naquella navegação, que todas as outras nações, polo muito comercio que tem naquellas partes: e naquella paragem lhe deo hum temporal, com que ſe perdeo a galé, de que era Capitão Simão Martinz, porque hia carregado de cobre ſem ſe ſaber, e levava hum tiro por proa, e com a tormenta correo á banda, e çoçobrou, e ſalvou-ſe toda a gente, porque lhe ſocorreo Duarte da Silva na galé grande, em que hia muito preſtes; e depois de todos recolhidos, foi Afonſo Dalboquerque com toda a Armada afferrar o porto de Pedir, levando comſigo cinco náos de Guzarates, que tomára no caminho, e ali achou João Viegas, e oito Chriſtãos da companhia de Ruy Daraujo, que vieram fugidos da Cidade de Malaca, e João Viegas lhe contou, que o Rey de Malaca os quizera tornar Mouros por força, e que mandára fanar alguns delles atados de pés, e de mãos, e tinham ſofrido

mui-

muitos tormentos por não negarem a Fé de Jeſus Chriſto; e eſtando huma noite todos preſtes pera fugirem, foram ſentidos, e ficou Ruy Daraujo, e aos outros ſeus companheiros, por ſe não poderem ſalvar: e diſſe-lhe mais, que com o Rey de Pacé eſtava hum Mouro principal de Malaca, que ſe chamava Maodabegea, o qual fora o principal author da treição, que ſe ordenára a Diogo Lopez de Sequeira, e que fugíra de lá, porque elle, e o Bendará, (que o Rey matou,) tinham ordenado de o matarem, e de ſe alevantarem com o Reyno. Afonſo Dalboquerque com eſta nova deſpedio-ſe logo do Rey de Pedir, e foi-ſe a Pacé, que he o principal porto da Ilha Samátra, e como ali chegou, mandou viſitar o Rey por João Viegas, e que lhe diſſeſſe, que elle tinha ſabido, que naquella Cidade eſtava hum Mouro, que vinha fugido de Malaca, que fora em ajuda de matarem certos Portugueſes de humas náos, que El-Rey de Portugal ſeu Senhor mandára ao porto da Cidade de Malaca, que lhe pedia por mercê, que lho mandaſſe entregar. O Rey de Pacé reſpondeo, que era verdade, que aquelle Mouro fora ali ter, e que ao preſente não ſabia novas delle, que o mandaria buſcar com muita diligencia, e achando-ſe lho entregaria; e depois de ter manda-

da-

dado eſte recado a Afonſo Dalboquerque, aconſelhou ao Mouro, que ſe foſſe direito a Malaca, e aviſaſſe o Rey da ſua ida, porque com eſta nova lhe perdoaria, e ficaria em ſua graça. Como o Rey teve ordenado iſto, mandou dizer a Afonſo Dalboquerque, que elle mandára buſcar o Mouro, e que ſe não achava, que lhe parecia que era fugido, porque em toda a Cidade não havia novas delle. Como Afonſo Dalboquerque entendeo que tudo eram malicias do Rey, não quiz ter mais prática com elle, e ficando amigos ſe partio.

CAPITULO XV.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio do Porto de Pacé, e no mar ouveram viſta de huma véla, em que hia o Mouro que fugíra, e como mandou apôs ella, e o mais que paſſòu.

TAnto que o grande Afonſo Dalboquerque ſe deſpedio do Rey de Pacé, mandou fazer a Armada á véla, e indo aſſi todos com vento bonança, ouveram viſta de huma pangajaoa, (que são huns navios compridos muito veleiros daquella terra,) e porque o vento era calma, e Aires Pereira Capitão da Taforea ſe achar mais perto della, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque que a ſe-

a seguisse. Aires Pereira meteo-se no seu batel com alguns soldados, e foi demandar. Os Mouros, que hiam dentro, defendêram-se com tanto esforço, que feríram Aires Pereira, e muita parte da sua gente, sem os poderem entrar. O seu Capitão não contente de defender o seu navio, andando já muito ferido, saltou com Aires Pereira dentro no batel ás cutiladas, e ali o acabáram de matar, e entráram a Pangajaoa, e matáram todos os Mouros, que se quiseram defender, e cativáram sete, ou oito, e tornáram-se a recolher ao seu batel, e acháram ainda o Capitão meio vivo, sem lhe sahir sangue das muitas feridas que tinha. Aires Pereira mandou aos Marinheiros que assi como estava o lançassem ao mar: e elles porque lhe víram bom vestido, quiseram-no primeiro despir, e acharam-lhe no braço esquerdo huma manilha de osso, encastoada em ouro, e em lha tirando vasou-se todo do sangue, e espirou. Espantado Aires Pereira disto, foi-se com a manilha, e com os Mouros que tomáram a Afonso Dalboquerque, e contou-lhe tudo o que passára, e elle perguntou aos Mouros quem era aquelle Capitão, e de que lhe servia aquella manilha que trazia; e elles lhe disseram, que era hum Mouro principal de Malaca, que se chamava Naodabeguea, que hia avisar o

Rey

Rey da ſua ida, e a manilha era hum oſſo de humas alimarias, que ſe chamavam Cabais, que ſe creavam nas ſerras do Reyno de Sião, e a peſſoa que trazia aquelle oſſo, tocando-lhe na carne, não lhe podia ſahir ſangue, por mais feridas que lhe deſſem, em quanto o tinha. Afonſo Dalboquerque pezou-lhe com a morte deſte Mouro, que ſe quizera enformar delle das couſas de Malaca, e eſtimou muito a manilha pera a mandar a ElRey D. Manuel polo effeito della.

Recolhido Aires Pereira á ſua náo, tornou toda a Armada ſeu caminho ao longo da coſta como hiam, e naquella paragem da polvoreira ouveram viſta de dous juncos muito grandes, e arribáram a elles: hum, que era de Choramandel amainou logo: o outro da Jaoa, porque o não quiz fazer, mandou Afonſo Dalboquerque a Pero Dalpoem que o foſſe demandar, e não ſe querendo render, enveſtiſſe com elle; e porque os noſſos ao abalroar do Junco ſe embaraçáram, feríram-lhe os Jaos parte da gente ás frechadas, e deſaparelháram-lhe o traquete, e o goroupés da náo. Pero Dalpoem vendo-ſe deſaparelhado deſaferrou o Junco, e afaſtou-ſe delle. Afonſo Dalboquerque, que era mais perto, como vio Pero Dalpoem deſaferrado, foi demandar o Junco, que ſeria de ſetecentos toneis, muito bem ar-

armado, e com trezentos homens de peleja dentro; e temendo-se que depois de aferrado lhe puzessem fogo, (costume, que os Jaos tem, quando se vem vencidos de seus imigos,) mandou ao seu Mestre que levasse o batel prestes com hum calabrete pelos escovés da náo com tal recado, que pondo os Jaos fogo ao Junco, que se pudesse alargar delle cada vez que quizesse. Ordenado isto, arribou sobre o Junco, e começáram-lhe átirar ás bombardadas; e porque não quizeram amainar, tendo-lhe já quarenta homens mortos, e muita parte dos outros feridos, foi-o afferrar. Os Jaos vendo-se sogigados da náo Flor de la mar, que era muito alteroso de castelos, puzeram fogo ao Junco. Como a labareda chegou á náo, mandou Afonso Dalboquerque ao Mestre que desaferrasse o Junco, e se afastasse pera fóra. Como se os Jaos víram desassombrados da náo, tornáram a apagar o fogo, que por ser já muito grande fizeram-no com muito trabalho, que foi causa de se renderem. Rendido o Junco, soube Afonso Dalboquerque, que era o Rey de Pacé, e mandou por elle, e como o vio, pedio-lhe muitos perdões do acontecido, por não saber que vinha ali sua Real pessoa, e fez-lhe aquellas ceremonias, e bom tratamento, que á pessoa de tal dignidade se deve de fazer; e de-

e depois de o ter agazalhado, e curados alguns criados ſeus, que vinham mal feridos, deo-lhe o Rey conta de ſeus trabalhos; e como hia pedir ao Rey da Jaoa, que era ſeu parente, que o ajudaſſe com gente, e Armada contra hum Governador ſeu, que ſe tinha alevantado com o Reyno, e que ſe elle quizeſſe tomar eſta empreza, e tornalo a reſtituir em ſeu eſtado, que elle ſe faria vaſſalo delRey de Portugal, e lhe pagaria pareas. Afonſo Dalboquerque, porque o trato de Pacé convinha muito a Malaca, ſe a tomaſſe, pela muita pimenta, que ha na Ilha, diſſe-lhe, que elle hia tomar conta ao Rey de Malaca de huma ſem rezão, que fizera a hum Capitão delRey de Portugal ſeu Senhor, que áquelle porto fora ter com ſeu ſeguro; que acabado iſto, elle lhe prometia, que da volta que fizeſſe pera a India, de o meter de poſſe do ſeu Reyno. O Rey lhe agradeceo muito ſeus offerecimentos, e que queria ficar ali na náo com elle, e mandou aos do Junco que o ſeguiſſem; e ſendo já perto de Malaca, tomou Nuno Vaz de Caſtelo-branco hum Junco muito rico, que ſahia do porto, e hia pera o Reyno de Sião, e dos Mouros, que ſe nelle tomáram, ſoube Afonſo Dalboquerque, que Ruy Daraujo, e os Portugueſes, que com elle eſtavam, eram

vi-

vivos, e que o Rey ſabia já da ſua ida. Foram tantas as náos, que naquella viagem topáram, que ſenão fora a determinação que Afonſo Dalboquerque levava pera fazer Malaca, tomariam a maior preza, que ſe vio naquellas partes, porque naquelle tempo he a moução, em que os Mouros navegam pera aquelles Reynos do Cabo do Comorim pera dentro, e na outra fazem ſeu caminho direito ao eſtreito de Méca, carregados de todas as diverſidades de eſpeciarias, que vem ter a Malaca; mas como Afonſo Dalboquerque deſejava de ter ſegura paz, e amizade com todos os Reys, e Senhores Gentios, que tem ſeus Eſtados da banda do Sul, e trato em ſeus portos, como lhe ElRey D. Manuel tinha mandado, por ſe não perder o comercio de Malaca, todas as náos, que achou pelo caminho, que eram de Senhores Gentios, a todas fez bom tratamento, e gazalhado, e aos Capitães dellas fez mercê em nome del-Rey de Portugal, e ſeguros pera poderem navegar, não ſendo pera o eſtreito, de que foram muito contentes.

CA-

CAPITULO XVI.

Como o grande Afonſo Dalboquerque chegou ao porto de Malaca, e o Rey o mandou logo viſitar, e o mais que paſſou.

COmo o grande Afonſo Dalboquerque teve recolhido o Rey de Pacé á ſua náo, fez ſeu caminho, e foi demandar os baixos de Capacia, e entrou pelo canal de doze braças, e chegou ao porto de Malaca hum dia á tarde, com toda a ſua Armada embandeirada, tangendo ſuas trombetas, e mandou ſalvar a Cidade com toda a artilheria, e foi ſurgir diante do ſeu porto; e como a Armada foi ſurta, o Rey mandou logo hum Mouro com recado a Afonſo Dalboquerque, dizendo, pera que era tamanha Armada? ſe vinha pera guerra, ou pera paz, porque elle não queria ſenão paz com ElRey de Portugal; e que lhe fazia a ſaber, que mandára matar o ſeu Bendará, porque fora culpado no alevantamento, que ſe fizera a hum Capitão ſeu, que áquelle porto viera, e fizera matar os Chriſtãos, que andavam em terra, de que elle não tinha nenhuma culpa. Afonſo Dalboquerque lhe recebeo ſua enganoſa diſculpa, e diſſimulou com elle, a fim de haver á ſua mão Ruy de Araujo, e os outros Chriſtãos que

lá

lá tinha, e respondeo-lhe, que elle sabia bem quão pouca culpa tinha na treição, que se fizera ao Capitão delRey seu Senhor, e pois já tinha vingada a morte dos Christãos, que o Bendará matára, com lhe cortar a cabeça, que lhe pedia por mercê, que lhe mandasse entregar os que ficáram vivos, e pagar toda a fazenda, que lhe era tomada á custa do Bendará. O Rey tornou logo a mandar o Mouro, que dissesse a Afonso Dalboquerque, que fizessem pazes, que elle lhe mandaria os Christãos, e satisfaria tudo o mais que fora tomado. Elle lhe respondeo, que não havia de fazer pazes, até lhe não mandar os Christãos, e toda a fazenda delRey, que tinha tomada, como lhe já mandára dizer por elle, e depois de ser entregue de tudo falariam em pazes, porque isso era o que ElRey seu Senhor desejava, e pera isso o mandava ali, e que aquella Armada não vinha a buscar carrega, senão a fazer-lhe guerra, senão quisesse ter paz com ElRey seu Senhor. O Rey com tudo isto refusou não entregar Ruy de Araujo, e os Christãos, sem primeiro fazer paz, porque cuidava que com isto enfreava Afonso Dalboquerque; mas elle assentou de a não fazer sem primeiro lhe restituirem os Christãos, e tudo o mais que tinham tomado; e andando estes recados de huma parte pera

ra a outra, começou o Rey com ſuas rebolarias, e mandou ſahir huma Armada de lancharas fóra do rio, e como deram huma moſtra com gente, e artilheria, tornáram-ſe a recolher, e com eſtes biocos, e ſandices, que faziam, cuidavam que aſſombravam Afonſo Dalboquerque, e elle ſofria tudo por haver Ruy de Araujo ás mãos, porque lhe lembrava que o mandára o Viſorey na companhia de Diogo Lopez de Sequeira degradado pera Malaca por amor delle; e ſendo aviſado por Ruy de Araujo, que o Rey mandava fazer eſtancias muito fortes ao longo do mar, mandou-lhe dizer, que não parecia ſinal de boa amizade não lhe querer entregar os ſeus Portugueſes, e mandar fazer eſtancias, como homem, que queria mais guerra que paz, e que differentemente o fizera o Rey de Pacé com elle, que tanto que ao ſeu porto chegára, logo lhe mandou nove Portugueſes, que lá foram ter, fugidos da prizão em que os tinha, e com elle não podia acabar de tomar concluſão em nada. O Rey por cima deſtas rezões determinou-ſe em não lhe entregar os Chriſtãos, ſem primeiro fazer pazes.

Como Afonſo Dalboquerque vio eſte deſengano do Rey, porque não cuidaſſe que o tinha aſſombrado com as ſuas lancharas, que tinha no rio, com que lhe mandava

dar

dar moſtra cada dia , quilo deſenganar , e mandou armar quatro bateis com gente, e artilheria , que foſſem ao longo da ribeira esbombardear a Cidade. Como os Mouros víram os bateis afaſtados das náos, vieramnos eſperar fóra do rio com vinte pangajaoas armadas com muita gente. Afonſo Dalboquerque como os vio vir , mandou reforçar os noſſos com mais bateis. Os Mouros como iſto víram, tornáram-ſe a recolher pera dentro do rio com ſua Armada, e recolhidos tornou o Rey a mandar ſeus recados acoſtumados , e cheios de enganos, e palavras moles, e mentiroſas a Afonſo Dalboquerque, e elle lhos tornou a receber com muita paciencia , eſcuſando-ſe ſempre da guerra , moſtrando-lhe que a ſua vinda ali fora pera conſervar o porto de Malaca , e aſſentar trato , e amizade com elle, e não pera o deſtruir; e porque na Cidade havia Mouros de muitas nações, que todos deſejavam que não houveſſe paz , (porque os noſſos não fizeſſem aſſento na terra,) fizeram entender ao Rey, que Afonſo Dalboquerque não ouſaria de cometer a Cidade, e como vieſſe a moução, que ſe havia logo de ir, e neſte conſelho eram tambem os ſeus Capitães : e os que mais trabalhavam por ſe não fazer paz eram os Guzarates, porque todo o trato de Cambaya he em Ma-

laca, e offerecêram-ſe ao Rey pera o ſervirem com ſeiscentos homens brancos, muito bem armados, e quarenta bombardas; e na força deſtes conſelhos, em que o Rey andava com os Mouros naturaes, e eſtrangeiros, mandou Ruy de Araujo dizer a Afonſo Dalboquerque, que as eſtancias hiam ávante, e o Rey ſe fazia preſtes pera ſe defender; e que os Turcos, e Guzarates, Rumes, e Coraçones, eram os que o aconſelhavam, que não fizeſſe nenhum concerto, nem conſentiſſe que os noſſos tomaſſem aſſento na terra, e pera ſe iſto effeituar davam grandes peitas ao Rey, e ſeus Governadores, e que tinham tambem por ſi os Cacizes, que lhe faziam grandes prégações, dizendo, que os Portugueſes eram arrenegados, e ladrões, e queriam ſenhorear todo o Mundo, e peccaria ſe os recolheſſe na Cidade; e que o Xabandar dos Guzarates, que era eſtante de todos os Mercadores de Cambaya, (o qual tinha grande credito com o Rey,) ſe fora a elle, e lhe pedíra muito que não tiveſſe amizade com os Portugueſes, nem fizeſſe paz com elles, porque as ſuas náos, e as dos Mouros não podiam navegar por hum caminho em huma moução, nem tomar carga todos juntos em hum porto, porque era couſa de muita diviſão, ainda que foſſem todos de huma

na-

nação, quanto mais ſendo elles Mouros, e os Portugueſes Chriſtãos, deſejoſos, e procuradores de toda ſua deſtruição: que iſto lhe dizia, porque deſejava muito ſeu ſerviço, e a conſervação de ſeu Reyno, e que devia de diſſimular com o Capitão mór daquella Armada, e entretelo, porque como vieſſe a moução não havia de eſtar ali mais. O Rey pareceo-lhe bem o conſelho do Xabandar, e praticou tudo com os ſeus Governadores, e todos foram de parecer que aſſi ſe fizeſſe, e mandou logo concertar a ſua Armada pera eſtar preſtes pera qualquer couſa que ſucedeſſe, e dar mais preſſa ao fazer das eſtancias.

CAPITULO XVII.

Do ſitio, e fundação do Reyno, e Cidade de Malaca.

O Reyno de Malaca de huma parte confina com o Reyno de Queda, e da outra com o Reyno de Pam, e terá de comprido cem leguas de coſta, e de largo pela terra dentro até huma ſerra, por onde parte o Reyno de Sião, terá dez leguas. Eſta terra toda antigamente era ſujeita ao Reyno de Sião, e haveria noventa annos, pouco mais, ou menos, (quando Afonſo Dalboquerque ali chegou,) que era Reyno ſobre

ſi, e vieram os Reys deſte Reyno a ſer tão poderoſos, que ſe chamáram Coltois, que antre elles he nome de Emperador; e porque eſta fundação de Malaca pera ſe bem entender he neceſſario vir hum pouco de mais longe, contarei aqui donde eſte Reyno teve primeiro principio. Naquelle tempo, que ſe ella fundou, reinava na Ilha da Jaoa hum Rey, que ſe chamava Bataratamurel, e no Reyno de Palimbão, que he dentro na Ilha da Jaoa, reinava hum Rey Gentio, que ſe chamava Parimiçura; e havendo antre elles muitas differenças, vieram-ſe a concertar, que Parimiçura caſaſſe com huma filha de Bataratamurel, que ſe chamava Parimiçuri, e ficaſſe pagando hum certo tributo ao Rey da Jaoa ſeu ſogro. Eſte Rey Parimiçura, paſſados alguns dias, depois de ter feito eſte concerto, arrependeo-ſe, e alevantou-ſe com a obediencia, e não quiz pagar o tributo a ſeu ſogro, e pera fazer iſto falou-ſe com alguns parentes ſeus, e polo por obra. Vendo Bataratamurel que ſeu genro ſe alevantava com a obediencia, e não lhe queria pagar o tributo, veio ſobre elle com muita gente, e desbaratou-o, e tomou-lhe o Reyno; e vendo-ſe o Parimiçura desbaratado, temendo cahir nas mãos de ſeu ſogro, fugio com ſua mulher, filhos, e criados, e alguma pouca gente, em hum

Jun-

Junco, e veio ter a Singapura, que era huma Cidade mui grande, e mui povoada: dá teſtemunho diſto as grandes ruinas, que hoje em dia parecem, antes de ſe fundar Malaca, e eſtava á obediencia do Rey de Sião. Singapura, donde eſta Cidade tomou o nome, he hum canal, por onde paſſam todas as náos pera aquellas partes, e quer dizer em linguagem Malaya, falſa demora; e convem-lhe eſte nome muito, porque algumas vezes, eſtando ali as náos eſperando por moução, vem hum temporal tão rijo que ſe perdem. Chegado o Rey Parimiçura a eſte porto, o Capitão da Cidade, que ſe chamava Tamagi, vendo-o aſſi vir desbaratado, agazalhou-o em ſua caſa, e fez-lhe muita honra. O Parimiçura, por lhe pagar o bom gazalhado que lhe fez, com cubiça da groſſura da terra, do dia que chegou a oito dias, matou-o ás criſadas, e ficou por Senhor do Canal, e povoações, que nelle havia. Sabido no Reyno de Palimbão a proſperidade em que eſtava, vieram-ſe para o Rey tres mil homens Palimbões, os quaes teve comſigo, e viveo na Cidade de Singapura cinco annos, roubando todos os que paſſavam, porque trazia huma Armada de muitas lancharas no mar. O Senhor de Patane, que era irmão do Tamugi, como ſoube que o Parimiçura matára ſeu irmão,

e ſe

e se fizera senhor do canal, fez-se prestes, e veio sobrelle com muita gente, e com favor dos da terra, que lhe queriam mal, polos roubos que fazia, o desbaratou. Como se o Parimiçura vio desbaratado, fugio, e veio-se meter no rio de Muar, onde achou alguns pescadores, que viviam pobremente, e começou a fazer terras de pão pera se manter, e com algum pescado, que lhe os pescadores davam, viveo ali algum tempo; e alguma gente, que trazia comsigo, não tinha outra vida, senão andarem furtando pelo mar em lancharas que trouxeram.

A este tempo viviam tambem no porto, onde agora está a povoação de Malaca, vinte, ou trinta pescadores, que ás vezes se mantinham de pescar, e outros de furtar; e sabendo que o Rey Parimiçura estava em Muar, pela fama que tinham de ser cavaleiro, e homem de espirito, vieram ter com elle, e disseram-lhe, que naquella terra, onde elles estavam, por hum rio acima tres leguas estava hum campo, que se chamava Bintão, muito fertil, em que se podia semear muito arroz, e todas as outras cousas que quisesse, e que tinha muito boa agua pera beber, que se devia de mudar pera elle, e que querendo fazer ali sua habitação, que elles o serviriam, e seriam

seus

ſeus vaſſalos. O Parimiçura com eſta informação, que lhe os peſcadores deram, foi ver o lugar, e contentou-ſe muito delle, e de toda aquella terra; e tornando a Muar embarcou-ſe com toda ſua caſa, e gente, e foi-ſe viver a Bintão, e começou a fazer grandes ſementeiras, e pomares de fruitas, e fez huns paços muito grandes pera ſua vivenda, e ficou tão contente deſta terra, que polo ſerviço, que lhe os peſcadores fizeram em o trazerem a ella, os fez Fidalgos, e Mandaris de ſua caſa; e por ſer o porto bom, e ter muita agua, e muito boa, havendo quatro mezes que Parimiçura viera pera ali, ſe fez huma povoação de cem vizinhos, onde agora eſtá a Cidade de Malaca. Os ladrões, que andavam roubando pelo mar em lancharas, que vinham ali ao porto tomar agua, polo favor, e bom gazalhado, que recebiam do Rey Parimiçura, começáram a continuar ali, e trazer as mercadorias que roubavam, e foi a couſa em tanto creſcimento, que dentro em dous annos ſe fez huma povoação de dous mil vizinhos, e começáram a ter trato. Eſte Parimiçura poz nome a eſta povoação Malaca, porque na linguagem da Jaoa, ao Palimbo que foge, chamam-lhe Malayo; e porque elle viera fugido do Reyno de Palimbão, de que era Rey, poz nome ao lu-

gar

gar Malaca ; outros dizem que se chamou Malaca, por rezão da muita gente, que a ella vinha de huma parte , e da outra em tão pouco tempo, porque Malaca quer tambem dizer encontrar, e por isso lhe puzeram nome Cidade em contradição: destas duas opiniões tome cada hum a que lhe melhor parecer, porque esta he a verdade.

Vendo Batara Tamurel o crescimento, em que hiam as cousas de Malaca, e a prosperidade, em que seu genro estava, tornou-se a reconciliar com elle , e mandava-lhe muitos mantimentos por seu dinheiro; e por o Rey Parimiçura ser de boa condição , e tratar bem a gente, que áquelle porto hia, começáram os de Pacé , e os de Bengala ter trato com os de Malaca; e havendo sete annos que o Parimiçura começára esta povoação de Malaca, morreo, e ficou-lhe hum filho , que se chamou Xaquendarxa, o qual sendo Gentio casou com huma filha do Rey de Pacé , que havia pouco que se tornára Mouro ; e como foram casados, ora fosse por rogos da mulher , ora por admoestações do sogro, não tardáram muitos dias que se não tornou Mouro ; e este Rey Xaquendarxa, depois de ter alguns filhos , desejou de ir ver o Rey da China, dizendo, que queria ir ver hum Rey, que tinha por vassalos os Jaos , e Siões, e to-

das

das as terras ſabidas, e partio-ſe de Malaca, e levou-lhe hum preſente, e tardou neſta jornada tres annos, e fez-ſe ſeu vaſſalo, e trouxe hum meio ſello em ſinal de vaſſalagem, e licença pera poder lavrar moeda de eſtanho miuda, a qual moeda elle mandou lavrar tanto que chegou a Malaca, e poz-lhe nome Caixes, que são como os noſſos ceitís, e cento delles valiam hum Calaim, e cada Calaim valia por lei poſta onze reis, e quatro ceitís. A prata, e ouro não ſe tratava por moeda, ſenão por mercadoria. E deſpedido Xaquendarxá o Rey da China, mandou com elle hum Capitão, que o acompanhaſſe até Malaca, e pela muita amizade, que ambos tiveram pelo caminho, caſou-o Xaquendarxá com huma filha ſua, de que houve hum filho, que ſe chamou Rajapute, donde deſcendem os Reys de Campar, e Pam; e chegado a Malaca, dahi a poucos dias morreo, e ficou por Rey hum filho ſeu mais velho, que ſe chamava Modafaixa, e eſte como reinou, tornou a confirmar as pazes, que ſeu pai tinha feitas com o Rey da China, e de Sião, e da Jaoa, e enobreceo grandemente Malaca, e andava ſempre de Armada no mar, e conquiſtou muitas terras, e tomou o Reyno de Campar, e de Pam, e de Dandargiri, e felos Mouros per força, e caſou-os com tres filhas de ſeu ir-

mão

mão Rajapute; e feito isto, tomou por nome Soltão Madofaixa, e dali a poucos dias morreo, e ficou por Rey hum filho seu, que se chamava Soltão Marsusa, e este como começou a governar o Reyno, fez no monte de Malaca casas grandes, em que vivia; e porque se temeo que seu tio Rajapute, que estava em Bintão, se alevantasse com o Reyno, foi lá, e matou-o ás crisadas, sendo já muito velho. Como os Reys de Pam, e Dandargiri souberam que Soltão Marsusa lhe matára seu sogro, alevantáramse contra elle, e como era cavaleiro, foi sobrelles, e venceo-os, e fez-lhes pagar o tributo dobrado, e casou-os com duas irmans suas, e elle casou com huma filha do Rey de Pam, e com estes casamentos ficáram muito amigos, e desta filha do Rey de Pam houve hum filho, que foi morto com peçonha, e depois disto casou com huma filha do seu Lassamane, de que houve hum filho, que se chamou Alaoadim. Morto Soltão Marsusa, ficou por Rey Soltão Alaoadim, e casou com huma filha do Rey de Campar. Este foi tão rico, e ajuntou tanto ouro das rendas do porto de Malaca, que foi estimado em cento e quarenta quintaes de ouro.

Vendo-se tão rico, determinou de ir á casa de Méca, e fez prestes muitos Juncos pe-

pera paſſar, com determinação de levar comſigo o Rey de Campar, e o Rey de Dandargiri, os quaes por ſerem revoltoſos os trazia na ſua Corte, e não os deixava ir pera ſuas terras, e tinha ſenhoreado toda aquella terra, porque era muito poderoſo no mar, e muito rico: e no tempo deſte veio Malaca a ſer tão nobre couſa, que diziam que haveria nella quarenta mil vizinhos, em que havia gente de todas as partes do Mundo. Eſte Soltão Alaoadim caſou com huma filha do ſeu Bendará, que fora Quelim no tempo de ſeu pai, a quem queria grande bem, e deſta houve hum filho, que ſe chamou Soltão Mahamet, e da filha do Rey de Campar houve hum filho, que chamáram Soltão Celeimão, e a eſte pertencia o Reyno de direito por vir da linhagem dos Reys. Eſtando eſte Alaoadim preſtes pera partir pera Méca, foi morto com peçonha, e diziam que por induſtria dos Reys de Pam, e Dandargiri, porque os queria levar per força. Como Soltão Alaoadim foi morto, houve grande diviſão no Reyno; porque a filha do Rey de Campar, que era Rainha, queria que erdaſſe o Reyno ſeu filho, por lhe pertencer de direito. O Bendará, como era muito poderoſo, e tinha muito dinheiro, favorecia o neto de ſeu irmão, que fora Bendará antes delle, e os

Re-

Reys de Pam, e de Campar favoreciam o outro; finalmente, o Bendará alevantou o sobrinho por Rey, e tanto que Soltão Mahamet foi em posse do Reyno, alevantou a obediencia aos Reys de Sião, e da Jaoa, e ficou obedecendo ao Rey da China. O Rey de Sião como vio que o Rey de Malaca lhe não queria obedecer, veio com huma Armada de cem vélas sobre elle. Sabendo isto o Rey de Malaca, mandou o seu Lassamane que o fosse buscar ao caminho, e o Lassamane o foi esperar á Ilha de Pulapicão, e desbaratou toda a Armada; e daquelle tempo até Afonso Dalboquerque tomar Malaca, que passáram vinte e dous annos, não tornáram mais. Este Rey Soltão Mahamet era muito vão, e muito soberbo, e zombava do pai querer ir á casa de Méca, e dizia que Malaca era a propria Méca, e por se temer de seu irmão Soltão Celeimão, o matou ás crisadas, e assi matou dezasete homens principaes todos seus parentes sem porque, e matou seu filho herdeiro, porque lhe pedio dinheiro pera gastar, (e diziam os Mouros que por este peccado lhe tomára Afonso Dalboquerque o Reyno.) E mortos estes, recolheo toda a fazenda, em que havia cincoenta quintaes de ouro, e tomou as mulheres, e filhas de todos por mancebas, que seriam

cin-

cincoenta mulheres de preço : aſſi que em Malaca deſde o primeiro Rey, que a fundou, até o tempo de Soltão Mahamet, em cujo tempo Afonſo Dalboquerque a tomou, havendo noventa annos que começára a ſer povoada, houve ſeis Reys, a ſaber, Parimiçura, Xaquendarxá, Soltão Modafaixa, Soltão Marſuſa, Soltão Alaoadim, Soltão Mahamet. E era tão nobre Malaca, que diziam, quando a Afonſo Dalboquerque tomou, que haveria na Cidade, e em ſeu Termo cem mil vizinhos, e tinha huma grande legua de comprido ao longo do mar.

CAPITULO XVIII.

Dos coſtumes, e regimento da Cidade de Malaca.

ESte porto de Malaca he muito bom, não ha nelle tormentas, e nunca ſe nelle perdeo náo. He principio de mouções, e fim de outras, de maneira, que os de Malaca chamam aos da India gentes de ponente; e aos Jaos, Chins, e Gores, e de todas aquellas Ilhas, gentes de levante: e Malaca he o meio de tudo iſto, navegação ſegura, e breve, o que não tinha Singapura, porque nos baixos de Capácia ſe perdiam muitas náos: e os que vem de levante pera ponente acham aqui as mercadorias

de

de ponente, e levam-nas, e deixam aqui as ſuas que trazem, e outro tanto fazem os de ponente; e deſta maneira ſe foi Malaca fazendo tamanha couſa, que onde Malaca era aldea de Pacé, ficou Pacé aldea de Malaca, porque os mais dos Mouros de Pacé ſe vieram viver a ella. Sohião de vir a Malaca cada anno náos de Cambaya, de Chaul, de Dabul, de Calicut, de Adem, de Méca, de Xaer, de Judá, de Choramendel, de Bengala, dos Chins, dos Gores, dos Jaos, de Pegú, e de todas aquellas partes, e os de Sião não vinham a Malaca com ſuas mercadorias, porque ſempre tiveram guerra com os Malaios: e creio verdadeiramente, ſegundo as informações das couſas de Malaca, que ſe outro mundo, e outra navegação houvera, todos vieram ter a ella, porque nella acharám toda a diverſidade de drogarias, e eſpeciarias, que ſe podem nomear em o Mundo, polo porto de Malaca ſer mais commodo pera todas as mouções do Cabo do Comorim pera dentro, que todos os outros portos, que ha naquellas partes; e não falo particularmente nos outros proveitos, que ha neſte porto de Malaca, por reſpeito das mouções, com que ſe navega naquellas partes, por amor dos baixos de Capácia, por não ſer proluxo. Os Malaios são homens ſoberbos, e pre-

e prezam-ſe muito de matarem homens manhoſamente ás criſadas: são malicioſos, geralmente de pouca verdade, e porém os Gores ſempre a tratavam, porque haviam por grande honra terem commercio com elles, por ſer gente nobre, e bem acoſtumada. Os Malaios são homens galantes, veſtem-ſe bem, não conſentem que lhes ponham as mãos na cabeça, nem nos hombros, todo o ſeu feito he praticar em couſas de guerra, e são muito cortezes. Ninguem póde veſtir amarelo ſobpena de morte, ſenão ſó o Rey da terra, ſalvo ſe he peſſoa a que o deixa trazer por lhe fazer mercê. Os Fidalgos, quando falão ao Rey, hão de eſtar arredados delle cinco, ou ſeis paſſos.

Os Senhores, que hão de morrer por juſtiça, tem por honra morrerem ás criſadas, e o parente mais chegado o mata. Se algum homem do povo morre ſem herdeiro, a fazenda he do Rey, e não póde nenhum caſar ſem licença ſua, ou do Bendará. Se algum achar ſua mulher em adulterio, póde matar dentro em caſa a ambos, e não fóra de caſa, nem póde matar hum ſem outro, ſenão acuſalos por juſtiça. Nas injúrias, que ſe julgam, os Reys levavam ametade de dinheiro, e o injuriado a outra ametade. Em Malaca havia diverſas manei-

nei-

neiras de juſtiça, ſegundo a qualidade do crime: huns eſpetados, outros acotovelados nos peitos: delles enforcados: outros cozidos em agua: outros aſſados, e dados a comer a huns homens, que são como ſalvagens, de huma terra, que ſe chama Daru, que o Rey trazia em Malaca pera comerem eſtes taes: e de todo o homem, que morre por juſtiça, tem o Rey ametade de ſua fazenda, tendo herdeiros; e não nos tendo, leva tudo. Havia em Malaca cinco Dignidades principaes: a primeira he Pudricaraja, que quer dizer Viſorey, e depois do Rey eſte he o maior: a ſegunda he Bendará, eſte he Veador da fazenda, e governa o Reyno: ás vezes o Bendará tem eſtes dous officios, de Pudricaraja, e de Bendará, porque nunca ſe concertam bem dous neſtes dous officios: a terceira he Laſſamane, eſte he Almirante do mar: a quarta he Tamungo, e eſte tem carrego da juſtiça da gente eſtrangeira: a quinta he Xabandar, e deſtes havia quatro, cada hum de ſua nação: Hum da China, outro da Jaoa, outro de Cambaya, e outro de Bengala. E eram todas as terras repartidas por quatro homens deſtes, e cada hum tinha ſua parte, e o Tamungo era Juiz da Alfandega ſobre todos eſtes. Póde-ſe dizer com verdade, que Malaca no feito, e trato da mer-

ca-

cadoria, he a maior cousa do Mundo, e as suas leis foram sempre mui bem guardadas, e havia mister grandes pessoas, que a governassem, assi na justiça, como na fazenda, porque ella o merece; e sendo meãmente governada, nunca Malaca deixára de ser quem foi antigamente; e não falo aqui de muitas terras, Ilhas, e Reynos, e Provincias, que nestas partes ha, ainda que disso tivesse certas informações, por cartas que via de Afonso Dalboquerque pera El-Rey D. Manuel, em que lhe dava conta de todas aquellas partes, porque minha tenção he escrever sómente os trabalhos, e conquistas de Afonso Dalboquerque, e o mais deixalo a quem o melhor fará: sómente farei aqui menção dos Gores, por convir a esta historia.

Os Gores, pela informação, que Afonso Dalboquerque, quando tomou Malaca, ainda que se agora sabe mais certo; naquelle tempo se dizia, que a sua Provincia era terra firme, e a voz commua de todos he, que a sua terra he Ilha, e navegam della pera Malaca, onde vem cada anno duas, e tres náos. As mercadorias, que trazem, são seda, e pannos de seda, brocados, porcelanas, grande soma de trigo, cóbre, pedra hume, frusseria, e trazem muito ouro em ladrilhos marcados do sello do seu Rey:

não ſe póde ſaber ſe eſtes ladrilhos era moeda da ſua terra, ou ſe lhes punham aquella marca, como couſa reſiſtada no porto, donde ſahião, porque são homens de pouca fala, e não dam conta das couſas da ſua terra a ninguem. Eſte ouro he de huma Ilha, que eſtá perto delles, que ſe chama Perioco, em que ha muito ouro. A terra deſtes Gores ſe chama Lequea: são homens alvos: ſeus veſtidos são como balandrois ſem capelo, trazem as eſpadas compridas da feição de cimitarras de Turcos, hum pouco mais eſtreitas: trazem adagas de dous palmos: são homens ouſados, e temidos neſta terra. No porto a que chegam não tiram ſuas mercadorias por junto, ſenão pouco, e pouco: falam verdade, e querem que lha falem. Se algum mercador em Malaca ſahia de ſua palavra, logo o prendiam. Trabalham por ſe deſpacharem em breve tempo: não tem eſtante nenhum na terra, porque não são homens, que folguem de andar fóra da ſua. Partem pera Malaca no mes de Janeiro, e pera ſua terra em Agoſto, e Setembro. A ſua certa navegação he vir demandar o Canal dantre as Ilhas de Celáte, e a ponta de Singapura da banda da terra firme; e ao tempo que Afonſo Dalboquerque ſe partio pera a India, depois de ter tomada Malaca, eram chegadas duas
náos

náos delles á porta de Singapura, e vinham pera Malaca, e por conselho do Lassamane, que fora Almirante do mar do Rey de Malaca, se deixáram estar, e não quizeram passar, sabendo que Malaca era tomada polos Portugueses; e como os Governadores da terra souberam que elles ali estavam, mandáram-lhes seguro, e bandeira, e elles vieram logo. Este Lassamane era homem de oitenta annos, bom cavaleiro, e de boa fama, e de bom saber; e vendo o Rey de Malaca perdido, foi-se assentar em Singapura, e depois de Afonso Dalboquerque estar em posse de Malaca, se veio ao rio de Muar, e mandou pedir seguro, dizendo, que se queria ir viver a Malaca, e servir ElRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lho mandou, e com tudo não quiz vir, e creo-se que alguns Mouros de Malaca, porque tinham favor de Afonso Dalboquerque, e governavam a terra, lhes escrevêram alguma cousa, por onde trováram sua vinda, arreceando que por ser elle singular homem, lançasse Afonso Dalboquerque mão delle pera governar Malaca.

CAPITULO XIX.

Do recado, que o grande Afonſo Dalboquerque mandou ao Rey de Malaca: e do conſelho que teve com os Capitães ſobre a Carta, que lhe eſcreveo Ruy de Araujo.

VEndo o grande Afonſo Dalboquerque a ſoberba do Rey, e o pouco temor, que tinha da ſua Armada, lembrando-lhe o caſo acontecido a Diogo Lopez de Sequeira, deſconfiou-ſe muito de ver como eſte negocio paſſava, e as mentiras, e enganos, que o Rey com elle uſava; e conſiderando todas eſtas couſas, mandou-lhe dizer, que elle por muitas vezes lhe tinha mandado pedir os Chriſtãos, não tendo rezão de lhos ter forçoſamente, pois não foram tomados de boa guerra, nem por reprezaria; mas antes debaixo do ſeu ſeguro, e dos ſeus Governadores, andando elles ſem armas pela Cidade, os mandára trazer todos á eſpada por eſſas ruas a quem nos queria matar; e que o ſeu Bendará que dizia, que mandára matar por ſer cauſa da morte dos Portugueſes, e que elle tinha ſabido que o mandára matar pela treição, que lhe tinha ordenada, com determinação de ſe alevantar com o Reyno; e ainda que lhe re-

recebesse suas enganosas desculpas, que esta era a verdade; porque depois da morte do Bendará, elle mandára meter os Christãos a tormento, pera que se tornassem Mouros, e alguns delles polos não poderem sofrer deixáram a Fé de Jesus Christo per força, e que todas estas cousas dissimulára, e sofrêra por ver se podia ter boa paz, e amizade com elle. E pois estava tão obstinado, que nenhuma maneira de conclusão queria, lhe fazia a saber, que toda a gente daquella Armada não podia sofrer estarem ali tantos dias, sem terem tomado vingança da treição, que naquella Cidade fora feita ao Capitão, e soldados delRey de Portugal, que elle mandára matar atreiçoadamente. Com este recado, que Afonso Dalboquerque mandou ao Rey, escreveo huma Carta a Ruy de Araujo, em que lhe dizia, que elle sabia bem quão obrigado era, e os Capitães, e toda a mais gente daquella Armada a morrerem por serviço de Deos, e delRey D. Manuel seu Senhor, e mais em guerra tão justa, em que se elle tinha muitas vezes justificado, e que o Rey se punha em determinação de lhe não entregar os Christãos, nem aceitar a paz, e amizade, que lhe offerecia da parte delRey de Portugal, pelas quaes rezões lhe convinha pôrlhe as mãos sem mais dilação, e se se recre-

crecesse disto passarem elles trabalho, que o tomassem em paciencia, porque a elle lhe convinha, polo que compria ao estado delRey de Portugal, ver o cabo a este negocio, e provar suas forças com as dos imigos, e quanto mais tardasse, teriam elles mais tempo de se fortificarem. Ruy de Araujo respondeo, que não quizesse Deos que a Armada delRey de Portugal, nem os seus Portugueses, recebessem afronta, nem abatimento, por lhe segurarem a vida, porque elle obrigado era a morrer por serviço de Deos, e de seu Rey, e pola liberdade dos seus naturaes, que elle se havia por bemaventurado trazelo Nosso Senhor a estado, que pudesse morrer pela sua Sancta Fé; e que quanto a elle, e a seus companheiros não deixasse de fazer o que compria ao serviço delRey de Portugal, porque já estavam offerecidos a tudo o que lhe viesse; e que lhe fazia a saber, que o Rey se fazia prestes quanto podia, e que os Guzarates eram os que andavam de dia, e de noite ajudando na fortificação das estancias, e que estes eram os principaes, que não podiam sofrer fazerem os Portugueses assento na terra; e que se determinava de cometer a Cidade, que o devia de fazer o mais prestes que pudesse, sem mais falar em concerto, nem pedir Christãos; porque soubesse certo, que

que o Rey lhos não havia de dar ſenão por força, e que eſtava tão ſoberbo com a muita gente eſtrangeira que tinha, que não cuidava ſenão em lhe tomar a ſua Armada. Com eſta repoſta de Ruy de Araujo, mandou Afonſo Dalboquerque chamar todos os Capitães á ſua náo, e deo-lhes conta de tudo iſto que lhe tinha eſcrito; e que pois o Rey eſtava neſta determinação, lhe diſſeſſem ſe cometeria logo a Cidade, ou ſe teria mais alguns comprimentos com elle. Os Capitães lhe reſpondêram, que dias havia que lhes não parecia bem ter elle tanto ſofrimento com o Rey; porque deſde o dia que ali chegáram, ſempre ſuas repoſtas trouxeram roſto de não querer nenhum concerto, nem amizade com elles, e que todas as dilações, em que andára, foram pera ſe aperceber, e fazer forte, como Ruy de Araujo por muitas vezes tinha mandado dizer.

CAPITULO XX.

Do requerimento, que o grande Afonſo Dalboquerque mandou fazer ao Rey, aſſinado por elle, e por todos os Capitães: e de como lhe mandou Ruy de Araujo, e os ſeus companheiros que lá tinha.

POr cima deſta determinação dos Capitães, pareceo ao grande Afonſo Dalboquer-

querque, que pera mais justificar este negocio com Deos, e com os Reys de toda aquella terra, por não dizerem que os Portuguefes eram tyrannos, que lhe devia primeiro de mandar fazer hum requerimento, assinado por elle, e por todos os Capitães, e apôs isso alguns rebates com mostra de guerra, o qual requerimento lhe logo mandou polo Mouro, que andava com os recados, e nelle lhe dizia, que ElRey Dom Manuel seu Senhor mandára áquelle seu porto hum Capitão com certas náos, que vinham mais carregadas de mercadorias, que de gente, com desejos que tinha de assentar paz, e amizade com elle; e sobre seu seguro, e do seu Bendará, roubára toda a fazenda, e matára, e cativára os Portuguefes, como lhe já tinha dito, e trabalhára quanto pudera por lhe tomar suas náos, se milagrosamente os Nosso Senhor não livrára; que soubesse certo se lhe logo não mandava entregar os Christãos, e toda a fazenda, que tinha tomada, que o havia de destruir, e tomar-lhe a sua Cidade, e que tomava a Deos por Juiz, que elle, e seus Governadores eram causa de sua destruição; pois por conselho dos Guzarates, que eram imigos capitaes dos Portuguefes, não queria tomar conclusão nenhuma de paz com elle; e que aquella Armada, que ali tinha comsi-

ſigo, não aguardava moução, como elles tinham dado a entender, nem perdiam tempo de viagem, nem queriam carga, porque eram náos de Armada, que ElRey de Portugal tinha na governança da India, e não lhe dava mais eſtar hum anno naquelle porto que dez; e que foſſe certo que ſe ſe-não arrependeſſe da guerra, que queria ter com os Capitães, e gente delRey de Portugal, que cedo perderia ſeu eſtado; e que lhe dava por ſinal diſto aſſi ſer, mudar hum annel de hum dedo pera o outro, (o que logo fizera perante ſeu meſſageiro,) o qual ſe foi com eſte recado ao Rey, e elle o tornou logo a mandar, que lhe diſſeſſe, que ſeu coração era bom, e são, e que lhe não lembrava Ruy de Araujo, e os ſeus Chriſtãos; que a cauſa de lhos não mandar fora eſtarem-lhe fazendo de veſtir, e que lhe pedia que mandaſſe tirar as ſuas náos diante do porto, por não haver differenças antre os Chriſtãos, e os Mouros, que ali tinham as ſuas. E poſto que Afonſo Dalboquerque entendeſſe que iſto era malicia do Rey, com tudo, por não ter a que ſe apegar, mandou tirar os navios pequenos pera fóra, e diſſe ao Mouro ſeu meſſageiro, que elle eſperava por Ruy de Araujo, e ſeus companheiros, e não lhos mandando logo, que não curaſſe de ter mais práticas, nem recados

com

com elle. O Mouro foi com este recado, e passáram-se seis dias sem tornar com reposta. Vendo Afonso Dalboquerque esta tardança, não quiz mais esperar, e mandou dez bateis com gente armada pôr fogo a humas casas, que estavam pegadas no mar, e queimar as náos dos Guzarates, por perderem a esperança de tornarem á sua terra tão azinha com carrega, pois trabalhavam tanto por não haver concerto antre elle, e o Rey de Malaca, e tambem queimassem todas as outras náos, que estavam no porto, tirando as do Cabo de Comorim pera dentro, que fossem de Gentios. Como os bateis chegáram ás casas, puzeram-lhes logo o fogo, e outro tanto fizeram ás náos. Vendo o Rey a determinação de Afonso Dalboquerque, mandou logo Ruy de Araujo, e os Christãos, e hum Mouro com elles a falar no concerto da paz, e que lhe mandasse huns apontamentos do que queria, e que faria tudo quanto elle quizesse; e posto que Afonso Dalboquerque entendesse que isto não havia de vir a effeito, mandou-lhe certos apontamentos, e disse ao Mouro, que dissesse ao Rey, que com aquellas condições faria paz com elle, e assentaria em sua terra. O Rey vendo os capitulos, concedeo-lhe aquelles, em que Afonso Dalboquerque tinha maior dúvida, que lhe
não

não pareceo bom ſinal ; a ſaber , que era contente de lhe dar lugar pera fazer fortaleza na Cidade , e que pagaria a dinheiro tudo o que fora tomado a Diogo Lopez de Sequeira. Afonſo Dalboquerque, uſando tambem com o Rey de artificio, reſpondeolhe , que poſto que nos outros apontamentos , que lhe mandára, lhe foſſe mais que naquelles que lhe concedêra , todavia os aceitava por não dizer que era máo de contentar. A eſta repoſta nunca mais o Rey mandou recado nenhum, e vinham alguns Mouros por eſpias a modo de mercadores, e traziam a vender almiſcar , gallinhas, e outras couſas, e outras vezes vinha o Mouro , que andava nos recados, falando em couſas fóra de propoſito; moſtrava que vinha aviſar Afonſo Dalboquerque dos muitos Juncos , que vinham de muitas partes armados , e com gente em favor do Rey de Malaca, e os grandes aparatos de guerra , que tinha; e como ſe o Mouro hia, ſahiam do rio muitos paráos armados, fazendo moſtras de quererem cometer a noſſa Armada, e com tudo iſto diſſimulou Afonſo Dalboquerque alguns dias para ver ſe queriam haver bom conſelho; e vendo ſuas eſtancias embandeiradas, e poſtos todos em determinação de guerra , e que o Rey era tão cego , que não via o perigo, em que eſ-

estava de perder o seu Reyno, sendo tyranno, desejoso de viver em seu estado, e gastando muita de sua fazenda pelo suster, e conservar, considerou em si que era sentença que vinha sobrelle, e que Nosso Senhor o queria apagar de todo, e lançar os Mouros fóra da terra, e o nome de Mafamede, e que o seu Evangelho fosse prégado naquellas partes, e as suas mesquitas feitas casas de louvor de Deos á custa delRey D. Manuel, e do trabalho dos seus naturaes, e mandou-lhe dar hum rebate com bateis armados, e duas barcas com bombardas grossas, a fim de ver a gente, que acudia ao rebate, e onde tinham sua artilheria assentada, e seu modo de defensão.

CAPITULO XXI.

Como os Mercadores Chins, que estavam em Malaca, se vieram pera o grande Afonso Dalboquerque, e o que passáram com elle: e do conselho, que teve com os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada pera cometer a Cidade.

ANtre as náos dos estrangeiros, que estavam no porto de Malaca, a que Afonso Dalboquerque quiz que se não fizesse nenhum damno, quando mandou queimar as dos Guzarates, eram cinco Juncos dos

dos Chins, cujos Capitães, e gente havia dias que o Rey de Malaca tinha reteudos, pera se ajudar delles contra o Rey de Daru, com quem tinha guerra, e neste tempo chegou Afonso Dalboquerque com sua Armada. O Rey de Malaca, confiado que os Chins não ousariam de fugir com medo dos Portugueses, que estavam no porto, e tambem porque lhe compria olhar por si, e por sua terra, descuidou-se delles. Os Chins, vendo-se com mais largueza da que tinham, buscáram maneira pera fugirem, e recolhêram-se aos seus Juncos. A gente, que ficou em terra, vendo os Capitães em salvo, poucos, e poucos, cada hum como podia, vieram-se pera elles, os quaes como tiveram sua gente recolhida, polo escandalo que tinham do Rey, dos roubos, e tyrannias, que lhe tinha feito em suas mercadorias, e tambem por se assegurarem, vieram-se offerecer a Afonso Dalboquerque com sua gente, e náos pera o ajudarem naquella guerra. Elle lhes agradeceo muito seus offerecimentos, e que não queria mais ajuda delles, que as barcas dos Juncos, pera nellas desembarcar gente em terra; porque se o negocio não sucedesse da maneira que elle esperava em Nosso Senhor que fosse, sendo elles naquelle feito contra o Rey de Malaca, podiam depois receber máo tratamen-
to

to delle. Os Chins lhe disseram, que pois se não queria servir delles, que lhe pediam muito por mercê, que lhes désse licença pera se irem pera sua terra, e onde quer que achassem Portugueses seriam sempre lembrados do favor que lhes dera pera se verem em sua liberdade, e fóra de tão má gente, como eram os Malayos; e que se Malaca estivesse em seu poder, que elles lhe ficavam que cada anno viessem a ella mais de cem Juncos da China, com muitas mercadorias; e com palavras de muita cortezia lhe disseram, que houvesse bom conselho em cometer a Cidade, porque havia nella mais de vinte mil homens de peleja, Jaos, Persios, e Coraçones, que era gente, em que o Rey confiava muito, e que dos naturaes teria quanta quizesse, e tinha vinte Alifantes de guerra com seus castelos muito bem armados, e muita artilheria, e armas de toda a sorte, que lhe os Guzarates trouxeram de Cambaya, e de todas as outras cousas necessarias pera guerra lhe não faltava nada; e que se não tomasse a Cidade por fome, segundo ella estava apercebida, tirando-lhe os mantimentos, que lhes vinham da Jaoa, que tinham por cousa muito duvidosa poder haver vitoria contra elles; que lhe diziam isto, porque sentiriam muito ve-lo em algum trabalho. Afonso Dalboquer-

que

que lhes disse, que lhes agradecia muito o seu conselho, e que elle estava já determinado pera cometer aquelle feito; e ainda que o poder do Rey de Malaca fosse grande, que maior era o poder de Deos, por cuja Fé elles pelejavam; que lhes rogava muito que esperassem ali mais alguns dias, pera verem o fim que Malaca teria, e de tudo o que passasse levarem novas ao Rey da China; e que elle lhes mandaria dar huma galé, em que estivessem perto, donde haviam de desembarcar, pera verem o grande animo, com que os Portuguesses cometiam a Cidade, e seu modo de pelejar. Os Chins fizeram o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, e pezando-lhes muito de elle não querer que o servissem naquella empreza, se foram pera as suas náos, e mandáram-lhe as barcas.

Afonso Dalboquerque, como se os Chins foram, mandou chamar todos os Capitães, Fidalgos, e gente nobre da Armada, e disse-lhes o que passára com elles, e como ficára afrontado de lhe dizerem, que haviam aquella empreza por duvidosa, e que pera se desafrontar determinava de cometer a Cidade, antes que se elles partissem pera a China, e fazer nella huma fortaleza da maneira que pudesse ser, com determinação de a suster, porque isto era o que mais com-

compria ao ſerviço delRey ſeu Senhor; porque não na fazendo, aproveitava pouco aventurar muito em a tomar, por Malaca ſer eſcapula principal de todo o Mundo, e ali virem os Mouros de todas as partes buſcar as eſpeciarias, principalmente os do Cairo, e de Méca; e todos os que viviam das portas do eſtreito pera dentro, que eram os que mais nojo faziam ao trato da India, e as náos de Portugal, que ali vieſſem, corriam muito riſco de ſe perderem, ſenão foſſe huma Armada muito groſſa, provída de gente, e monições de guerra: que lhes pedia, que olhaſſem todas eſtas couſas, e determinadamente lhe diſſeſſem o que faria, porque não lhes parecendo bem fazer-ſe fortaleza, não aventuraria a vida de hum grumete por quantos Mouros havia em Malaca. Os Capitães, depois de muitas práticas paſſadas ſobre eſta materia, diſſeram-lhe, que não tinham dúvida a ſer ſerviço delRey fazer-ſe fortaleza em Malaca, pera ſe ſegurar o comercio daquellas partes, mas que iſto havia de ſer, tendo todas as couſas neceſſarias, pera em breve tempo ſe poder acabar; que o que havia de fazer era cometer a Cidade, e dar hum caſtigo ao Rey polo que tinha feito, e derribar-lhe aquella ſua ſoberba; e ſe depois de tomada pudeſſe haver o neceſſario pera fazer fortaleza, que

a fi-

a fizeſſe, com tanto que ſe não perdeſſe tempo de tornarem acudir á India. Afonſo Dalboquerque pareceo-lhe bem iſto que diſſeram os Capitães, e mandou-lhes que ſe foſſem pera as náos, e eſtiveſſem preſtes, que elle lhes mandaria dizer o dia em que determinaſſe de cometer a Cidade.

CAPITULO XXII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque, dia de Sanctiago pela menhaã, cometeo a Cidade de Malaca, e o que niſſo paſſou.

ERa o grande Afonſo Dalboquerque tão devoto do Apoſtolo Sanctiago, que depois de eſtar aſſentado por todos que ſe cometeſſe a Cidade, andou dilatando eſte negocio alguns dias, pera no ſeu pôr mãos a eſta obra, porque eſperava que por ſeus rogos, e merecimentos lhe moſtraſſe Noſſo Senhor a vitoria della, como fizera na tomada de Goa; e chegado o tempo, mandou chamar os Capitães, e diſſe-lhes, que elle determinava de cometer a Cidade ao outro dia, que era dia do Apoſtolo Sanctiago, e que era neceſſario, primeiro que o fizeſſem, praticarem onde, e como haviam de deſembarcar, porque cada hum ſoubeſſe o que havia de fazer. Os Capitães

começáram a dizer o que lhes parecia ; e porque houve diverſos pareceres antre elles, que huns diziam, que ſe cometeſſe por huma parte, e outros por outra, quiz Afonſo Dalboquerque, primeiro que ſe tomaſſe nenhuma determinação, que Ruy de Araujo, pela experiencia que tinha da terra, diſſeſſe ſeu parecer. Ruy de Araujo diſſe, que lhe parecia que deviam de cometer a ponte primeiro que nenhuma outra couſa, porque ganhando-a, e fazendo-ſe fortes nella, ficavam os noſſos antre a Cidade, e a povoação Dupe, e o poder do Rey repartido em duas partes, e huns não podiam ſocorrer aos outros, ſenão pela ponte, a qual cem homens com pequenas tranqueiras que nella tiveſſem, ſe defenderiam a toda a força dos Mouros que vieſſe; e cometendo a Cidade por outras partes, como alguns daquelles Senhores que ali eſtavam diziam, Malaca era tamanha, e tinha tanta gente do povo em ſi, que havia o negocio por muito duvidoſo, e corriam todos riſco de ſe perderem. Afonſo Dalboquerque ouvido Ruy de Araujo, ſem mais outras rezões, aſſentou no ſeu parecer, e ordenou logo os Capitães com ſua gente em duas batalhas pera irem cometer a ponte. D. João de Lima, Gaſpar de Paiva, Fernão Perez Dandrade, Sebaſtião de Miranda, Fernão Go-
mez

mez de Lemos, Vaſco Fernandez Coutinho, e James Teixeira com outros Fidalgos, e gente da Armada, deſembarcaſſem da banda da meſquita, e que elle com Duarte da Silva, Jorge Nunes de Lião, Simão Dandrade, Aires Pereira, João de Souſa, Antonio Dabreu, Pero Dalpoem, Dinis Fernandez de Melo, Simão Martinz, Simão Afonſo, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco com toda a outra mais gente deſembarcariam da banda da Cidade, e que depois de entradas as eſtancias, huns, e outros acudiſſem ao meio da ponte, até verem a força dos imigos, e pera onde os inclinava o ſeu animo, porque em couſa que ainda não tinham viſto, não lhes podia dar outra determinação ſenão eſta, e que onde viſſem a ſua bandeira, ali acudiſſem todos. Ordenado iſto, deſpedio os Capitães, que ſe foſſem fazer preſtes, e que ao outro dia em tocando huma trombeta vieſſem a bordo da ſua náo pera dali partirem. Afonſo Dalboquerque, como foram duas horas ante menhaã, polos eſpertar, mandou tocar a trombeta, e elles ſe embarcáram logo com toda a mais gente, e vieram-ſe a bordo da ſua náo, e feita a confiſsão geral, partíram todos juntos, e chegáram á boca do rio em amanhecendo, e cometêram a ponte cada batalha por onde lhe eſtava aſſinada. Os Mouros com

a artilheria, que tinham nas eſtancias, começáram-lhes átirar, e com os eſpingardões feríram alguns dos noſſos. Como a primeira furia da ſua artilheria acabou, mandou o grande Afonſo Dalboquerque tocar as trombetas, e em dizendo *Sanctiago*, foram todos apegados nas eſtancias da ponte, cada batalha em ſeu lugar, e de huma parte, e da outra acudíram infinidade de Mouros archeiros, e outros de lanças compridas, e pavezes Biſcainhos, tangendo ſeus anafis, e trombetas, e por hum bom eſpaço pelejáram muito bem, e defendêram as eſtancias; mas os noſſos, que eram daquella banda da meſquita, por força darmas os entráram, e a eſte tempo acudio o Rey de Malaca em hum Alifante, e ſeu filho em outro com força de gente, e Alifantes armados com caſtelos de madeira, com muitos artificios dentro, e fez tornar os Mouros ás eſtancias que tinham deixadas. D. João de Lima, Fernão Perez Dandrade, e todos os outros, que eram naquella companhia, vendo o Rey, cobráram novas forças, e ſem temor dos ſeus Alifantes, cometêram tão animoſamente os Mouros, que foram logo em poſſe da meſquita, e o Rey ſe tirou atrás. Afonſo Dalboquerque, que ficava da banda da Cidade com todos os outros Capitães, e gente, cometêram a ponte por aquel-

aquella parte; e posto que achassem grande resistencia, por ali acudir muita parte da gente, que viera com o Rey armada de muito boas armas, e muitos archeiros, e outros, que tiravam zarvatanas com setas ervadas, com que lhes feríram muita parte da sua gente, com tudo invejosos dos outros Capitães estarem já senhores da mesquita, e do cabo da ponte, cometêram aos Mouros tão ousadamente, que lhes entráram as estancias por força, e matáram muitos delles, e puzeram-nos em desbarato. Dos nossos foram feridos muitos, e alguns morrêram das setas de herva.

CAPITULO XXIII.

De como Tuão Bandão Capitão do Rey de Malaca, vendo o desarranjo dos Mouros, os foi socorrer com hum corpo de gente, e o que nisso passou, e como o Rey foi fugindo, e os nossos o seguíram.

VEndo Tuão Bandão Capitão do Rey de Malaca, o qual tinha huma estancia na ponte embandeirada de bandeiras das suas cores, o desarranjo dos Mouros, apartou-se com setecentos Jaos, e outros dous Capitães com elle, e foi acudir á ponte pela banda da Cidade, com determinação de dar nas costas dos nossos. Como Afonso Dalbo-

boquerque os vio vir por huma rua principal da Cidade, apartou de si João de Sousa, Antonio Dabreu, e Aires Pereira com a sua gente, que os fossem cometer, e elles o fizeram com tanta pressa, que antes que os Mouros chegassem ás estancias, puzeram as lanças nelles com tanto animo, que os fizeram tornar atrás. D. João de Lima, e os outros Capitães, que estavam da banda da mesquita como víram os Mouros, acudíram a tomar-lhes a dianteira, e matáram logo ali alguns. Os outros como se víram atalhados de huma banda, e da outra, lançáram-se todos ao rio. Os marinheiros, que estavam nos bateis, acudíram logo, e matáram todos, que não ficou nenhum, sendo já morto o seu Capitão Tuão Bandão, e os dous Capitães, que com elle eram, e acabado isto, recolhêram-se ás estancias. D. João de Lima, e os outros, que eram na sua companhia, vendo, depois de estarem nas estancias, que o Rey se hia recolhendo por huma ladeira arriba, foram-no seguindo, e pelejando sempre com os Mouros. O Rey, e o filho, que hiam em cima de seus Alifantes, vendo-se apressados dos nossos, fizeram volta com dous mil homens, que levavam em sua companhia. Os Capitães os esperáram na boca de huma rua, e com muito esforço, e boa determinação pu-

puzeram as lanças nos Alifantes, que vinham na dianteira, e dizem que Fernão Gomez de Lemos foi o primeiro; e como os Alifantes soffrem mal serem feridos, volvêram o rosto atrás, e deram polos Mouros, e puzeram-nos em desbarato. O Alifante, em que o Rey hia com a dor da morte, tomou o negro, que o mandava com a tromba, e dando grandes urros, o fez em pedaços, e o Rey se lançou fóra delle já ferido em huma mão, e por não ser conhecido se salvou; e elle, e seu filho, e o Rey de Pão seu genro, (que era vindo a Malaca havia poucos dias pera casar com huma sua filha.) se recolhêram pera o cabo da Cidade. Afonso Dalboquerque com a outra gente, entradas as estancias, foram seguindo os Mouros por huma rua, que vinha ter á ponte, e matáram muitos delles; e porque a gente da Cidade, que andava pelas ruas pelejando com os nossos, era muita, arreceando-se Afonso Dalboquerque que se desmandassem, felos recolher pera a ponte, e mandou fazer huma tranqueira da banda da Cidade, e deo cuidado della a Jorge Nunez de Lião, e a Nuno Vaz de Castelobranco, e que dali varejassem com a artilheria huma rua principal, que á ponte vinha ter. Como os Mouros isto víram, recolhêram-se ás outras ruas da Cidade, e vendo-

se

ſe Afonſo Dalboquerque deſafogado delles, mandou fazer outra tranqueira da banda da meſquita, que vieſſe do rio enteſtar nella, de maneira que a ponte ficava no meio, e em quanto ſe eſtas tranqueiras faziam, mandou Gaſpar de Paiva com cem homens, que como a viração começaſſe a ventar, puzeſſe fogo á Cidade daquella parte; e a Simão Martinz com outros cem homens, que o puzeſſe ás caſas do Rey, que eſtavam da banda da meſquita. Como o fogo tomou poſſe de huma parte, e da outra, foi tão grande, que queimou grande parte da Cidade. Como os Mouros víram o fogo, arredáram-ſe longe da noſſa gente. Queimou-ſe aqui huma caſa de madeira mui grande, e mui bem lavrada de macenaria, que ſeria de trinta palmos em quadrado, toda cozida em ouro, a qual eſtava aſſentada ſobre trinta rodas, cada huma tamanha como hum quarto, e tinha hum corucheo, que era o remate da caſa, mui alto, cheio de bandeiras de ſeda, e ella toda emparamentada de pannos mui ricos de ſeda, porque havia de andar dentro nella o Rey de Pão com ſua mulher, filha do Rey de Malaca, pela Cidade, com grandes tangeres, e feſtas, e em as caſas do Rey; e outras por ali arredor, que ſe queimáram, ſe queimou huma grande ſoma de mercadorias, e outras couſas

ſas

ſas muito ricas, que o Rey tinha nos ſeus Paços. E acabado iſto, ſe recolhêram pera a ponte, onde os noſſos eſtavam, e ſeriam duas horas depois do meio dia, e a gente ainda não tinha comido. Os Capitães, a que Afonſo Dalboquerque tinha dado cuidado do fazer das eſtancias, foram-ſe a elle, e diſſeram-lhe, que a gente de canſada, e por as calmas ſerem grandes hia já de muito má vontade ao trabalho, que ſeria bom conſelho recolherem-ſe, e deſcançarem. Afonſo Dalboquerque diſſimulou com elles, porque deſejava de acabar as tranqueiras, e dormir ali aquella noite; e porque tornáram outra vez com mais inſtancia a falar-lhe niſſo, fez da neceſſidade virtude, e ſendo já Sol poſto, começou-ſe a recolher aos bateis. Os Mouros como os víram recolher, com os eſpingardões, frechas, e zarvatanas começáram a ferir alguns dos noſſos, e com toda eſta preſſa mandou Afonſo Dalboquerque recolher cincoenta bombardas groſſas, que tinham tomado nas eſtancias da ponte, e como foram nas náos, mandou curar os feridos, que ſeriam ſetenta, e dos feridos com herva não eſcapou nem hum, ſenão Fernão Gomez de Lemos, que em o ferindo foi logo queimado com toucinho, que depois de Deos lhe deo a vida.

CA-

CAPITULO XXIV.

Como o Rey de Malaca, depois de os Portuguefes ferem recolhidos ás náos, tornou a refazer as eftancias, e fe fez forte na ponte: e do recado, que Utemutaraja mandou ao grande Afonfo Dalboquerque.

REcolhidos todos ás náos, mandou logo o Rey reformar todas as eftancias, e fazelas mais fortes do que eftavam, e poz nellas dobrada artilheria; da qual havia muita quantidade em Malaca, como adiante fe dirá, e mandou atalhar a ponte com tranqueiras muito fortes, e em huma rua principal, que vinha da Cidade pera ella mandou fazer outras, e nellas poz muita artilheria, e da outra parte da mefquita fez outro tanto, e pela banda da praia, onde era o defembarcadouro, mandou lançar muitos abrolhos cheios de herva pera encravar a noffa gente, quando fahiffe em terra; e porque os Jaos, que era a principal gente que elle tinha, andavam defcontentes de lhes não pagar, polos contentar, mandoulhes pagar tudo o que lhes era devido de feu foldo, e tres mefes dante mão, arreceandofe que Afonfo Dalboquerque lhe tornaffe outra vez a cometer a Cidade; e andando fortificando fuas eftancias, hum Jao, homem prin-

principal, que ſe chamava Utemutaraja, que vivia na povoação Dupe, o qual teria cinco, ou ſeis mil Jaos ſeus eſcravos, e de ſeus genros, e filhos, homem muito rico, e que tratava mui groſſamente por todas as partes do Mundo, mandou hum preſente de ſandalos a Afonſo Dalboquerque, e ſecretamente pedir-lhe ſeguro pera ſi, e pera toda aquella povoação, em que elle vivia, dizendo, que com elle queria ter paz, e amizade, e ſervir ElRey de Portugal naquella Cidade, em tudo o que elle pudeſſe. Afonſo Dalboquerque aceitou ſua amizade, e mandou-lhe o ſeguro, e por vezes algumas dadivas, trabalhando ſempre polo ter da ſua parte. E porque o concerto, que com elle tinha aſſentado, era, que não déſſe nenhuma ajuda, nem favor ao Rey de Malaca, paſſados tres dias, mandou-lhe dizer, que lhe era dito, que depois de lhe ter mandado o ſeguro, ajudava o Rey com ſua gente a fazer as eſtancias na ponte, que não era iſto o que ambos tinham concertado, nem lei de amizade, favorecer ſeus imigos contra elle. Utemutaraja lhe reſpondeo, que era verdade, que elle dava alguma ajuda de gente ao Rey pera o fazer das eſtancias, mas que era pouca, e fazia iſto por diſſimular com elle, porque de outra maneira não poderia viver na terra alheia, ſe

o aſſi

o aſſi não fizeſſe. E com tudo iſto Afonſo Dalboquerque não deixou de lhe guardar o ſeu ſeguro, e mandou aos Capitães, que em a ſua povoação não tocaſſem, e não polo elle não ter melhor merecido que os outros, mas ſelo por ter menos imigos na Cidade. E aſſi deo a entender aos Mercadores Mouros eſtrangeiros, que elle não quizera mandar roubar a Cidade por amor delles; e porém que ſe ſe o Rey não quizeſſe deſcer da ſua opinião, que elle não poderia ter a gente, tornando outra vez a cometer a Cidade, que a não deſtruiſſem. E dali por diante os Mercadores eram os que aconſelhavam ao Rey, que não quizeſſe guerra, e que ſe concertaſſe, e fizeſſe pazes com Afonſo Dalboquerque; mas como o Rey eſtava já obſtinado, não deo por ſeus conſelhos, dizendo-lhe, que mui poucos dias havia que lhe aconſelhavam o contrairo daquillo.

Afonſo Dalboquerque, paſſados alguns dias, vendo que o Rey lhe não mandava recado, tendo já experimentado ſeu poder, e o esforço dos Portugueſes, pezou-lhe, porque forçadamente lhe era neceſſario meter outra vez a gente no trabalho paſſado, por lhe acabar de amançar ſua ſoberba, e não havia na terra maneira pera ſe fazer fortaleza, que era o ſeu principal intento,

nem Ruy de Araujo não ſabia dar rezão de nada, porque todo o tempo, que eſteve cativo, eſtava fechado em huma caſa. E por outra parte vio que deixando Malaca em poder dos Mouros, era total damno pera o trato da India, e das noſſas náos; e com eſtas dúvidas, que lhe eram ſempre preſentes, não ſabendo a ſahida, que teria eſte feito de Malaca, poz tudo nas mãos de Noſſo Senhor, porque eſte foi ſempre o melhor remedio, que achou em todas as couſas, e com eſta confiança começou de dar ordem, e fazer-ſe preſtes de algumas couſas, de que tinha neceſſidade, pera outra vez cometer a Cidade.

CAPITULO XXV.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez preſtes pera tornar outra vez a cometer as eſtancias, que o Rey tinha feito na ponte: e como os Chins lhe pedíram licença pera ſe irem pera ſua terra: e do Embaixador, que com elles mandou ao Rey de Sião.

VEndo o grande Afonſo Dalboquerque, que o Rey pela pouca conta, em que tinha os Portugueſes, (não tendo rezão pela experiencia que tinha tomada, o primeiro dia que cometêram a Cidade,) tornava ou-

outra vez a fazer eſtancias em a ponte com gente, e artilheria pera ſe defender, determinou com ſeu animo invencivel de o tornar a cometer, e quebrar-lhe ſua ſoberba, e pera iſto ordenou hum Junco grande com muita gente, e artilheria, porque são navios muito alteroſos, e ficava ſobranceiro ſobre a ponte, pera ſe os noſſos valerem delle, e mais a ſeu ſalvo poderem cometer as eſtancias, que os Mouros tinham feitas: e fez Capitão do Junco Antonio Dabreu, e mandou-lhe, que ordenaſſe nelle apoſentamento pera a gente, e mantimentos, e todas as mais couſas neceſſarias pera aquelle feito; porque vindo alguma grande chuva, ſe pudeſſem recolher a elle, e os mantimentos, de que tinha muita neceſſidade, ſe não perdeſſem; e pera guarda deſte Junco mandou huma caravela, de que era Capitão Simão Afonſo, e a galé grande, em que hia Duarte da Silva por Capitão, pera o revocarem; e preſtes tudo iſto, diſſe a Antonio Dabreu, que ſe foſſe polo rio arriba, e paſſaſſe huma coroa de arêa, que eſtava antes de chegar á ponte, e que elle com toda a mais gente o iria ſeguindo; e porque o Junco demandava muita agua, e a não pode paſſar por ſerem aguas mortas, quiz Afonſo Dalboquerque, por não perder mais tempo, mandar outro mais pequeno, e tambem

não

não pode nadar, que lhe foi forçado esperar as aguas vivas. O Rey de Malaca, como vio que o Junco não podia passar a coroa, e que todavia estava ali, e não se tornava pera trás, mandou quatro barcos cheios de lenha, breu, e azeite pera o queimarem, e em a maré começando a descer punham-lhe o fogo, e deixavam-nos ir ao som da agua pelo rio abaixo direitos ao Junco, e isto fizeram por nove noites contínuas. Vendo Afonso Dalboquerque a ordem em que se os Mouros punham pera lhe queimarem o Junco, mandou aos Capitães, repartidos cada noite, que fossem dormir junto delle nos bateis, e com goroupezes, e arpéos com cadeias de ferro desviassem os barcos, que vinham acezos, de maneira que se não queimasse o Junco, e elles ordenáram-se tambem que este ardil dos Mouros ficou em vão: e nesta detença, que se fez em esperarem pelas aguas vivas, mandou Afonso Dalboquerque aos ferreiros, que trouxera comsigo de Goa, que assentassem suas forjas, e começassem a concertar algumas armas, que estavam desconcertadas, e fizeram armazem pera as béstas, porque tinham muita necessidade delle, e ao Feitor da Armada que tivesse prestes pipas, machados, enxadas, picões, e tudo o necessario, pera que ganhando-se a ponte, fizessem logo estancias nel-

nella, e que mandaſſe fazer mantas, pera que debaixo do emparo dellas andaſſe a noſſa gente mais ſegura das bombardas dos imigos; e como tudo foſſe acabado, e preſtes, o fizeſſe embarcar nas barcas grandes dos Juncos que tomára; e porque Afonſo Dalboquerque foi certificado, que o Rey determinava, tanto que a noſſa gente deſembarcaſſe, mandar muitas atalaias, muitas lancharas de noite queimar a noſſa Armada, mandou a Pero Gonçalves Piloto mór, que com toda a gente do mar vieſſe dormir ás náos cada noite, e que elle mandaria ter boa vigia nelles, porque tendo algum rebate, o ſocorreſſe ſe foſſe neceſſario.

Andando Afonſo Dalboquerque ordenando todas eſtas couſas, os Capitães Chins foram a elle, e pedíram-lhe licença pera ſe irem, por quanto o tempo da ſua moução era chegado, e que lhe pediam por mercê lha déſſe tambem, pera levarem huma pouca de pimenta, que tinham nas náos, de hum Mercador Mouro natural de Malaca, de que tinham recebido muito boas obras; e elle por lhes fazer mercê lha deo, e mandou dar a todos os mantimentos, de que tiveſſem neceſſidade pera ſua viagem, e fezlhes mercê de algumas couſas, que ainda tinha de Portugal, e pedio-lhes, (pois ſe queriam ir,) que fizeſſem o caminho por

Sião,

Sião, porque queria mandar em ſua companhia hum meſſageiro com cartas pera o Rey. Elles foram diſſo muito contentes, e prometêram-lhe de o apreſentarem ao Rey, e tornarem com a repoſta muito cedo, e louvarem-lhe muito o esforço dos Portuguefes, e o pouco receio que tiveram no cometer das bombardas dos imigos. Afonſo Dalboquerque fez logo preſtes Duarte Fernandez, que fora cativo com Ruy de Araujo, e ſabia muito bem a lingua, e por elle eſcreveo ao Rey de Sião o acontecido em Malaca, e que ſua determinação era deſtruila, e fazer nella fortaleza, e lançar os Mouros fóra, que folgaria, que as gentes da ſua terra vieſſem viver a ella. E que El-Rey D. Manuel Rey de Portugal ſeu Senhor, por ſer certificado que elle era Gentio, e não Mouro, lhe tinha muita afeição, e deſejava de ter paz, e amizade com elle, e lhe tinha mandado, que todas as náos, e gentes de ſeu Reyno, que quizeſſem ter trato em ſeus portos, lhe déſſe todos os ſeguros, que lhes foſſem neceſſarios: E por eſte Duarte Fernandez lhe mandou huma eſpada das noſſas, toda guarnecida de ouro, e de pedraria, feita ao noſſo modo; e deſpachado Duarte Fernandez, os Chins ſe partíram pera ſua terra muito contentes de Afonſo Dalboquerque.

CAPITULO XXVI.

A fala, que o grande Afonſo Dalboquerque fez aos Capitães, e gente da Armada pera outra vez cometer a Cidade, e o que niſſo paſſou.

TEndo o grande Afonſo Dalboquerque todas as couſas preſtes, que eram neceſſarias pera tornar a cometer a Cidade, foi-lhe dito, que havia alguns Capitães, que diziam, que lhe não parecia ſerviço delRey ſuſter-ſe, nem fazer nella fortaleza. Advertido diſto, mandou-os chamar á ſua náo, e a todos os Fidalgos, e Cavaleiros da Armada; e diſſe-lhes: *Senhores, bem ſereis lembrados, que quando ſe aſſentou de cometermos eſta Cidade, foi com determinação de ſe fazer fortaleza nella, porque aſſi pareceo a todos que era neceſſario, e depois de a ter tomada, eu a não quizera largar, e porque todos mo aconſelhaſtes, a deixei, e me recolhi; e eſtando preſtes como vedes, pera outra vez lhe tornar a pôr as mãos, ſoube que eſtaveis já doutro parecer, e iſto não deve ſer polos Mouros terem levado a melhor de nós, ſenão por meus peccados, que merecem não ſe acabar eſte feito como eu deſejava; e porque minha vontade, e determinação he, em quanto for*

for Governador da India, não pelejar, nem aventurar gente em terra, salvo naquelles lugares, em que houver de fazer fortaleza pera os suster, como vos já tenho dito: Peço-vos muito por mercê, que ainda que já estê assentado por todos que se faça, que de novo me deis livremente vossos pareceres por escrito do que devo fazer; porque como destas cousas hei de dar conta, e rezão de mim a ElRey D. Manuel Nosso Senhor, não quero eu só ser culpado nellas; E posto que haja muitas rezões, que vos eu podia dar pera tomarmos esta Cidade, e fazermos fortaleza nella pera a suster, duas sós vos apresentarei aqui, por onde não deveis de tornar atrás do que tendes assentado. A primeira o grande serviço, que faremos a Nosso Senhor, em lançarmos os Mouros fóra desta terra, e atalharmos a este fogo da seita de Mafamede, que não passe mais daqui por diante; e eu espero nelle, que acabando nós isto, seja caminho pera os Mouros nos deixarem a India de todo, porque a maior parte delles, ou todos, vivem do trato desta terra, e são feitos grandes, ricos, e senhores de grande thesouro: e de crer he, que pois o Rey de Malaca, sendo já huma vez desbaratado, e tendo exprementado nossas forças, sem esperança de lhe vir socorro doutra

parte, havendo dezaseis dias que isto he passado, não tenta ter negocio comnosco pera segurar seu estado, que Nosso Senhor lhe cerra o entendimento, e endurece seu coração, e quer que este feito de Malaca se acabe, pois cometendo nós o caminho do estreito, onde me ElRey por muitas vezes tinha mandado que fosse, (porque ali parecia a Sua Alteza que se podia atalhar o comercio, que os Mouros do Cairo, de Méca, e de Judá tem nestas partes:) houve por seu serviço de nos trazer aqui, porque com se tomar Malaca ficam as partes do estreito çarradas, por onde elles nunca mais podem meter nenhumas especiarias.

E a outra rezão he o mais serviço, que faremos a ElRey D. Manuel em tomarmos esta Cidade, por ser fonte de todas as especiarias, e drogarias, que os Mouros daqui levam cada anno pera o estreito, sem lhas podermos defender, e cortando-lhes esta escapola tão antiga, não lhes fica nenhum porto, nem lugar tão commodo nestas partes, donde as possam haver; porque depois que estamos em posse da pimenta do Malabar, nunca mais o Cairo teve nenhuma, senão a que lhe os Mouros levavam destas partes, e quarenta, ou cincoenta náos, que cada anno daqui vão carregadas de todas as sortes de especiarias pera Méca,

ca , não ſe podem tolher ſem grandes deſpezas , e grandes Armadas , que continuadamente he neceſſario andarem no golfão do cabo do Comorim : e a pimenta do Malabar , de que podem ter alguma eſperança , por terem o Rey de Calicut da ſua parte , em noſſo poder eſtá , nos olhos do Governador da India , donde aos Mouros não podem levar tanto a ſeu ſalvo , como elles cuidam ; e eu tenho por muito certo que tirando-lhes eſte trato de Malaca de ſuas mãos , que o Cairo , e Méca ſe percam de todo , e a Veneza não vá nenhuma eſpeciaria , ſenão aquella , que a Portugal forem comprar. E ſe vos parece que por Malaca ſer grande Cidade , e de muita gente , ſerá trabalhoſa de ſuſter , niſto não deve de haver dúvida , porque ganhada a Cidade , tudo o demais do Reyno he tão pouca couſa , que não tem o Rey donde ſe poſſa reformar ; e ſe arreceais , que tomando-ſe a Cidade faça grandes deſpezas , e polo tempo não haja onde ſe a noſſa gente , e Armada poſſam prover , eu confio na miſericordia de Deos , que ſenhoreada Malaca com huma boa fortaleza , ſe os Reys de Portugal tiverem nella quem a bem ſaiba governar , e grangear , que os direitos da terra paguem todas as deſpezas , que ſe nella fizerem ; e ſe os Mercadores , que a ella ſobiam de vir , acoſ-

acoſtumados a viver debaixo da tyrannia dos Malayos, goſtarem da noſſa juſtiça, e verdade, franqueza, e brandura, e virem os Regimentos delRey D. Manuel Noſſo Senhor, em que manda, que todos os ſeus vaſſalos neſtas partes ſejam mui bem tratados, eu me affirmo, que todos venham viver a ella, e façam as paredes das caſas de ouro: e todas eſtas couſas, que vos aqui apreſento, ſe çarram com eſta chave de meia volta, que he fazermos fortaleza neſta Cidade de Malaca, e ſuſtela, e eſta terra ſer ſenhoreada de Portugueſes, e ElRey D. Manuel chamar-ſe verdadeiro Rey della, e por iſſo peço-vos por mercê que olheis bem a empreza que tendes nas mãos, e não na deixeis perder. Acabado o grande Afonſo Dalboquerque de fazer ſeu arrezoamento, como tenho dito, os que eſtavam no conſelho tiveram antre ſi diverſas opiniões por huma parte, e pela outra, e o fim que houve eſte conſelho, foi, que os mais ſe tornáram affirmar, que era ſerviço delRey tomar-ſe a Cidade de Malaca, e lançar os Mouros fóra, e fazer fortaleza nella. Os outros foram de contraira opinião, e diſſeram, que não devia de cometer mais a Cidade, porque era couſa muito duvidoſa acabar-ſe aquelle feito, e que baſtava a vingança, que tinha tomado nos Mouros, do

que

que fora feito a Diogo Lopez de Sequeira, e á ſua gente; e que ainda que houveſſe todas as couſas neceſſarias pera ſe fazer fortaleza, não havia tempo pera ſe poder acabar, porque eſtavam já no começo da moução, e era forçado acudir á India, porque não ſabiam o aſſento, que as couſas de Goa tinham tomado, depois de ſe partirem della. Vendo Afonſo Dalboquerque eſtas differenças, que havia no conſelho, foi-ſe com o parecer dos mais, e aſſentou de cometer a Cidade, e fazer-ſe forte nella; e todas as outras dúvidas, que ſe offereciam pela outra parte, polas nas mãos de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto, porque elle ordenaria tudo como foſſe ſeu ſerviço, e mandou fazer hum aſſento polo Secretario, em que elle aſſinou, e todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, que ali eſtavam.

CAPITULO XXVII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque tornou a cometer a Cidade, como eſtava aſſentado: e como entrou a ponte por força de armas, e ſe fez forte nella.

TOmado o parecer dos Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada por ſeus aſſinados, como tenho dito, determinou o grande Afonſo Dalboquerque de cometer a Ci-

a Cidade, e tomando-a, com ajuda de Nosſo Senhor fazer-ſe forte nella; e porque os Mouros eſtavam bem apercebidos, e tinham ordenado melhor ſua defensão, do que a tiveram a primeira vez que os noſſos a entráram, aſſentou com todos os Capitães de cometer a ponte com toda a gente em huma batalha. Aſſentado iſto, foram-ſe todos ás ſuas náos pera eſtarem preſtes, eſperando o dia, que havia de ſer preamar de aguas vivas, pera o Junco poder chegar á ponte; e chegado eſte tempo, huma ſeſta feira, duas horas ante menhaã, mandou Afonſo Dalboquerque, polos eſpertar, fazer o ſinal, que lhe tinha dado, e elles como eſtavam já preſtes, vieram-ſe a bordo da ſua náo, e dali abaláram todos juntos em ſeus bateis; e ſendo já Antonio Dabreu no Junco hum tiro de béſta da ponte, começáram-lhe os Mouros átirar de huma parte, e da outra com eſpingardões, zarvatanas, e ſetas ervadas, e com bombardas, que lançavam pelouros de chumbo tamanhos como de eſpera, vaſavam o Junco de huma parte, e da outra; e como Antonio Dabreu não buſcava nelle lugar ſadio pera remedio dos tiros que lhe tiravam, foi o primeiro, que feríram com hum pilouro de eſpingardão, que lhe deo pelas queixadas, e levou-lhe muitos dentes com parte da lingua. Afonſo Dalboquer-

querque, que hia no ſeu batel pegado com o Junco, vendo Antonio Dabreu ferido, mandou-lhe, mais por força que por ſua vontade, que ſe foſſe curar ás náos, e a Pero Dalpoem que ſe meteſſe nelle, e eſtiveſſe por Capitão até Antonio Dabreu ſer são. Paſſada eſta demora, que aqui tiveram, que foi pouca, tornáram outra vez a ir com o Junco diante, naquella ordem que levavam; e como abalroou a ponte, por ſer muito alteroſo, e ficar ſobranceiro ſobrella, como tenho dito, os Mouros não podendo ſofrer o máo tratamento, que lhe os noſſos faziam de cima da gavea com muitas panelas de polvora, lanças de arremeço, e eſpingardadas, fugíram, largando a ponte, e recolhêram-ſe ás eſtancias, que nella tinham de huma parte, e da outra. Afonſo Dalboquerque, vendo que os Mouros ſe começavam a embaraçar, mandou aos Capitães que apertaſſem os bateis mais do remo, e todos juntos foram cometer as eſtancias, como eſtava aſſentado; e poſto que achaſſem grande força de Mouros nellas, que lhas defendêram por hum bom eſpaço com muito esforço, com tudo foram entrados dos noſſos, e desbaratados. Neſta entrada foi muita gente noſſa ferida, e dous, ou tres mortos; mas foi á cuſta de muitos Mouros, que ali morrêram: e vendo-ſe

Afon-

Afonſo Dalboquerque ſenhor da ponte, deixou-ſe eſtar quedo com ſua bandeira, e parte da gente, e mandou certos Capitães, que foſſem ganhar a meſquita, e outros, que cometeſſem humas tranqueiras, que os Mouros tinham feitas na boca de huma rua, que vinha ter á ponte, e que huns, e outros não paſſaſſem dali ſem ſeu certo recado. Chegados os Capitães ás tranqueiras, ainda que achaſſem alguma reſiſtencia, ouveram-ſe tão valeroſamente, que desbaratáram os Mouros, e foram em poſſe dellas. Os outros, a que coube em ſorte cometerem a meſquita, como naquella eſtancia eſtava o Rey com muita gente, e Alifantes, deram-lhes muito trabalho, porque ſe defendêram tão esforçadamente, que durou hum bom eſpaço ſem os poderem entrar. Afonſo Dalboquerque, vendo da ponte o eſtado em que os noſſos eſtavam, foi-ſe a mais andar com toda a ſua gente a dar-lhe coſtas; e porque na boca de huma rua grande, que vinha ter á meſquita, onde elle eſtava, havia muitos Mouros, que ficavam nas coſtas de alguns Capitães, que hiam ſeguindo o Rey, que fugia com tres mil homens de padeſes, deixou-ſe eſtar ali com ſua bandeira, e gente, e mandou-lhes dizer que eſtiveſſem quedos, e ſe recolheſſem pera onde elle eſtava, porque lhe ficavam muitos Mouros nas coſ-

coſtas, e elles recolhêram-ſe logo, e depois de ſerem juntos, deixou Afonſo Dalboquerque em guarda da meſquita, e eſtancias, Jorge Nunez de Lião, Nuno Vaz de Caſtelo-branco, James Teixeira, e Dinis Fernandez de Melo com alguma gente, e elle com a mais que ficava voltou ſobre a ponte, e mandou aos Capitães, que eſtavam de huma parte, e da outra, que ſe deixaſſem eſtar, e não travaſſem com os Mouros, ainda que os vieſſem cometer, até elle fortificar a ponte, e mandou quatro barcas grandes, que tinha com bombardas groſſas, que ſe paſſaſſem da outra banda, e que varejaſſem o campo pera huma parte, e pera a outra, e fizeſſem arredar os Mouros de maneira, que pudeſſe trabalhar a gente mais a ſeu ſalvo nas eſtancias; e ordenado iſto, mandou tirar todas as moniçóes que trazia no Junco, e começou-as; e como todos trabalhavam por vontade, em breve eſpaço fez duas tranqueiras muito fortes, huma da banda da Cidade, e outra da meſquita, com pipas cheas de terra, e madeira, e poz nellas muita artilheria, e mandou cubrir a ponte, e o Junco com ola, pera recolhimento da gente, porque o Sol era muito grande, e arreceava-ſe que com o trabalho adoeceſſem todos.

CA-

CAPITULO XXVIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou ſocorrer os noſſos, que eſtavam na boca da rua, que vinha ter á ponte: e como Utamutaraja, e Ninachatu, e outros Mercadores, vendo o desbarato da Cidade, ſe vieram meter em ſuas mãos.

ANdando o grande Afonſo Dalboquerque neſta preſſa de acabar de fortificar as eſtancias, que fazia na ponte, vendo que os Capitães, que elle tinha mandado que eſtiveſſem nas bocas das ruas, por não ſahirem de ſeu mandado, paſſavam muito trabalho, que lhe os Mouros davam, com bombardas que tinham poſtas nos terrados das ſuas caſas, e com eſpingardas, com que lhe tiravam, mandou com muita preſſa Gaſpar de Paiva, Fernão Perez Dandrade, Pero Dalpoem, Antonio Dabreu, que já a eſte tempo eſtava bem da ſua queixada, que lhe foſſem acudir com a ſua gente por huma rua da Cidade, e a D. João de Lima, Aires Pereira, Simão Dandrade, Simão Martinz, e Simão Afonſo por outra, que vinham ter onde os Mouros eſtavam ás lançadas com os noſſos, e foſſem correndo toda a Cidade, e não deſſem vida a nenhuma peſſoa que achaſſem, e que elle lhes iria dan-

dando coſtas com ſua bandeira real; e poſto que os Mouros foſſem muitos, os Capitães os cometêram tão valeroſiſſimamente, que não podendo elles reſiſtir á furia, com que os cometêram, voltáram as coſtas, e foram-ſe fugindo; e alguns, que foram mais apertados dos noſſos, lançáram-ſe ao mar, cuidando que ali tinham ſua ſalvação. Os Marinheiros, que Afonſo Dalboquerque tinha mandado nos eſquifes que andaſſem pelo rio, acudíram logo, e matáram todos os que puderam alcançar; e ſendo Sol poſto, os Capitães ſe recolhêram á ponte, onde tinham já ſuas eſtancias muito fortes feitas de huma parte, e da outra, e Afonſo Dalboquerque apoſentou-ſe no meio, e eſtiveram toda aquella noite em vigia, e mandou aos Capitães das barcas, que eſtavam no rio, que toda a noite atiraſſem com as bombardas á Cidade, e a Pero Gonçalvez Piloto mór, que ſe foſſe com toda a gente do mar dormir ás náos, e fizeſſe outro tanto, e neſta ordem eſtiveram toda aquella noite; e era couſa de eſpanto ver a Cidade, porque como os tiros eram muitos, parecia que ardia toda em fogo. Os Mouros eſpantados do improviſo mal que viam, quando veio a menhaã não pareciam pelas ruas, e durou iſto por eſpaço de dez dias contínuos, ſem ceſſar de noite, nem de dia,

e neſ-

e neſte tempo ſempre os noſſos fizeram ſangue nos Mouros, porque como a fome antre elles era grande, aventuravam-ſe a virem buſcar mantimentos á Cidade, e ali deixavam as vidas; e vendo-ſe neſte trabalho, com muito perigo de ſuas vidas, e ſem remedio, começáram a vir alguns a pedir miſericordia a Afonſo Dalboquerque; e os primeiros que vieram foram os Pégus, e elle os agazalhou muito bem, e deo-lhes ſeguro pera poderem navegar, e liberdade pera levarem ſuas fazendas, e aſſi o deo a todos os Mercadores do Cabo do Comorim pera dentro, que ali não tinham náos, pera dar ſahida ás mercadorias, e começáram a ter trato, e navegação de ſuas terras pera Malaca, que era o principal intento porque o fazia. Utemutaraja, que atrás fica dito, que tinha ſeguro de Afonſo Dalboquerque, vendo a deſtruição da Cidade, temendo-ſe que eſtiveſſe deſcontente delle, porque ſeu filho fora em ajuda do Rey contra os noſſos, (ainda que bem no pagou, porque foi muito ferido, e muita gente da ſua morta,) veio-ſe deſculpar do que o filho tinha feito, moſtrando folgar muito com a deſtruição do Rey: elle o recebeo benignamente, e com tudo mandou aos Capitães, que andaſſem ſempre armados com toda ſua gente, e a bom recado, porque ſe

não

não fiava delle. Ruy de Araujo, lembrando-se das boas obras, que elle, e os outros Christãos tinham recebido de Ninachatu, Gentio de nação, em seu cativeiro, trouxe-o a Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que o favorecesse, e honrasse, porque lhe não podia pagar, o que lhe sempre fizera com outra cousa. Afonso Dalboquerque o agazalhou, e disse-lhe, que lhe prometia que antes que se partisse pera a India lhe pagasse o que Ruy de Araujo delle lhe dizia. Como se Afonso Dalboquerque vio mais desapressado dos rebates, que os Mouros de dia, e de noite lhe davam, e que na Cidade não havia gente, que lhe resistisse, pera remedio dos trabalhos passados, deo lugar a todos que saqueassem a Cidade, e escala franca de tudo o que tomassem, avisando-os que nas casas, nem nos gudões de Ninachatu não tocassem. Saqueada a Cidade, alguns Mercadores, que estavam fugidos por essas quintans, vendo o bom tratamento que se fizera a Ninachatu, mandáram pedir seguro a Afonso Dalboquerque pera se virem pera a Cidade, e elle o deo a todos, salvo aos Malayos naturaes da terra, porque a estes mandou que onde quer que os achassem os matassem todos.

Nesta segunda vez, que se tomou a Cidade, foram muitos dos nossos feridos, e al-

alguns dos feridos com erva morrêram, e toda a outra gente ſe remediou, porque Afonſo Dalboquerque teve muito bom cuidado de os mandar curar, e dos Mouros, mulheres, e meninos morrêram a ferro infinidade delles, porque não ſe dava vida a ninguem. Tomáram-ſe tres mil tiros de artilheria, e deſtes ſeriam dous mil de metal, e hum tiro grande, que o Rey de Calicut mandára ao Rey de Malaca. Os outros eram de ferro da feição dos noſſos berços, e toda eſta artilheria com ſeus repairos, que lhe não fazia aventaje a de Portugal: Eſpingardões, zarvatanas de peçonha, arcos, frechas, laudeis de laminas, lanças da Jaoa, e outra diverſidade de armas, foi couſa de eſpanto o que ſe tomou, a fóra muitas mercadorias de toda a ſorte. Tudo iſto, e o mais que deixo por não ſer proluxo, mandou Afonſo Dalboquerque repartir polos Capitães, e por toda a gente da Armada, ſem tomar pera ſi mais que ſeis liões grandes de metal, que trazia pera a ſua ſepultura: e a manilha, que tenho dito, e humas meninas de todas as nações daquella terra, e alguns brincos, que tudo trazia pera mandar a ElRey D. Manuel, e á Rainha D. Maria, perdeo-ſe na náo Flor de la mar, tornando pera a India, como adiante ſe dirá. Não ſe eſpante quem ler eſta eſcri-

critura, de dizer que em Malaca se tomáram tres mil tiros de artilheria, porque diziam Ruy de Araujo, e Ninachatu a Afonso Dalboquerque, que em Malaca havia oito mil, e póde-se isto crer por duas rezões: a primeira, porque em Malaca havia muito cobre, e muito estanho, e tão bons fundidores como em Alemanha: a outra, que a Cidade era huma legua de comprido, e quando Afonso Dalboquerque desembarcou, lhe atiravam de todas as partes, por onde parece que ainda era pouca pera a que havia mister pera se defender.

CAPITULO XXIX.

De como depois do principe de Malaca ser apartado de seu pai, se veio ao rio de Muar, e se fez forte nelle com muitas estacadas, e o grande Afonso Dalboquerque mandou gente sobrelle, e o desbaratáram.

DEsejando o grande Afonso Dalboquerque que Malaca tomasse assento, determinou de fazer Ninachatu, por ser Gentio, Governador dos Quilins, e Chetins; e pera assegurar os Mouros, fez cabeça principal delles a Utemutaraja, e com estes dous homens, por serem pessoas principaes na terra, se começou o povo a socegar, e os Mercadores poucos, e poucos se torná-

ram pera a Cidade, e com tudo isto não se havia Afonso Dalboquerque por muito seguro delles, principalmente de Utemutaraja, e por se tirar desta suspeita, trabalhava o que podia por haver o Rey ás mãos, e pera isto mandou muitos bateis pelo rio acima, e ao longo da costa, a ver se lho podiam tomar. O Rey com estes rebates, que cada dia lhe davam, e com saber o desejo, que Afonso Dalboquerque tinha de o tomarem, arreceando que os seus o entregassem, afastou-se da Cidade hum dia dandadura, e levou comsigo alguns Mercadores Malayos, e os seus Capitães, e Governadores da terra, fazendo fundamento de andar esperando por ali o seu Lassamane Almirante do mar, que tinha mandado á Ilha de Lingá, pera lhe trazer huma grossa Armada com muita gente, e em sua companhia o Rey daquella Ilha, que se chamava Rajalingá, que era seu vassalo, com determinação de tornar sobre a Cidade, o que não houve effeito; porque o Rajalingá, sabendo que Afonso Dalboquerque estava em posse da Cidade, não ousou de vir, e o Rey de Malaca parecendo-lhe que o fundamento de Afonso Dalboquerque era roubar a Cidade, e deixala, e ir-se com o despojo que nella tomasse, deixou-se andar por ali por espaço de dez dias, esperando o fim
que

que havia de ter efte negocio; e como foube que elle começava affentar huma fortaleza de madeira pera fe recolher nella, e defenhava querer fazer affento em Malaca com determinação de a fufter, atemorizado defta nova, não fe havendo por feguro ali onde eftava, foi-fe polo fertão dentro dous dias dandadura; e porque antre elles havia muita falta de mantimentos, e a gente perecia, apartou-fe o Principe de feu pai, e foi-fe fazer feu affento perto do rio, e ali ordenou humas eftacadas muito fortes, e atalhou o rio com muita madeira, porque os noffos bateis não pudeffem lá paffar. Advertido Afonfo Dalboquerque, que o Principe de Malaca fe fazia forte no rio, mandou Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade feu irmão, Gafpar de Paiva, Francifco Sarram, Aires Pereira, Ruy de Araujo, e Jorge Nunez de Lião com quatrocentos homens Portuguefes, e feifcentos Jaos, que deo Utemutaraja, e os Capitães Pégus com trezentos feus, que foffem em bateis, e lancharas polo rio acima, e desfizeffem aquella ladroeira, que fe ali começava a fazer, e elles foram; e chegando á eftacada, que o Principe tinha feita, começáram-na arrancar com engenhos, que pera iffo levavam, e como a tiveram arrancada, foramlhes cometer as eftancias. O Principe como

vio a Armada, e a determinação com que vinha, fem haver refiftencia nenhuma alevantou feu arraial, e fugio pera onde o Rey eftava, que era dali hum dia de andadura, e os noffos entráram de roldão nos feus paços, e tomáram-lhe tudo o que ali tinha, que não pode levar, e feus andores muito ricos dourados, e pintados, e fete Alifantes com feus caftelos, e fellas, e com efta vitoria fe tornáram pera a Cidade. O Principe chegado aonde o Rey feu pai eftava, houve differenças antre elles fobre a perda de Malaca, e cada hum tirava a culpa de fi pela dar ao outro, de maneira, que desconcertados por iffo, e tambem por a fome os perfeguir, apartáram-fe, e fizeram feu caminho pera o Reyno de Pão, por terra deferta, e apaulada em cima de Alifantes, com fuas mulheres, e filhos, com cincoenta homens, que levavam em fua companhia por força.

CAPITULO XXX.

De como o Rey de Malaca, depois de lhe os Portuguefes terem ganhado a Cidade, fe recolheo ao Reyno de Pão, e mandou hum Embaixador ao Rey da China, pedindo-lhe focorro.

CHegado o Rey de Malaca ao Reyno de Pão, vendo-fe fem nenhum remedio,

dio, determinou de mandar hum Embaixador ao Rey da China, pedindo-lhe ſocorro pera tornar a cobrar a Cidade que tinha perdida, obrigando-o pera o niſto favorecer a amizade antiga, que os Reys de Malaca tiveram ſempre com os da China, e a obediencia, que como ſeus vaſſalos lhe tinham; e pera mais autorizar eſta embaixada, quiz que foſſe a eſte negocio hum ſeu tio, que ſe chamava Tuão Nacem Mudaliar, em quem confiava muito, o qual depois de ſer deſpachado, ſe veio embarcar ao rio de Muar, donde ſe partio em hum Junco com ſua mulher acompanhado de alguns Mouros ſeus criados; e chegado á Cidade de Cantão, que he o porto da China, onde todos os que navegam pera aquellas partes vam portar, os Governadores della polo coſtume antigo que tem, mandáram logo hum meſſageiro ao Rey, que eſtava dali cento e oitenta leguas polo ſertão, fazendo-lhe a ſaber a chegada do Embaixador do Rey de Malaca, que mandaſſe o que queria que ſe niſſo fizeſſe, porque o coſtume da China he, que nenhum Eſtrangeiro póde paſſar daquelle porto, nem ir ao Rey ſem ſua licença. O meſſageiro, que os Governadores mandáram, chegou á Cidade de Pequim, onde elle eſtava, e tardou na jornada dous mezes, e tornou com recado aos Go-

Governadores, que deixassem passar o Embaixador com a companhia que trazia, e que lhe dessem tudo o que lhe fosse necessario pera seu caminho. O Embaixador como teve este recado, fez-se logo prestes, e partio-se com sua mulher caminho da Corte, e foi sempre caminhando ao longo de hum rio, onde havia mui nobres Cidades, e mui sumptuosos edificios, de que não trato, porque não convem a esta historia. Chegado o Embaixador á Corte, foi muito bem recebido de todos os Senhores, e Governadores da terra; e passados alguns dias, quilo o Rey ouvir em pessoa, posto que este não era o seu costume, porque ninguem o vê, e correm os negocios por homens, que governam a terra. E depois de lhe o Embaixador fazer sua cortezia ao modo, e costume dos Chins, lançou-se aos seus pés, e com muitas lagrimas lhe pedio, que quizesse ajudar o Rey seu Senhor naquelle trabalho em que estava, porque nelle tinha toda sua confiança. O Rey o mandou alevantar, e disse-lhe, que lhe contasse o negocio como passára; elle lho contou, porque a tudo fora presente, e disse-lhe, que o Rey seu Senhor, depois de desbaratado, se recolhêra ao Reyno de Pão, e ali ficava esperando que elle o favorecesse, e ajudasse com gente, e Armada, pera se tornar a empos-

poſſar do Reyno, e vingar-ſe das afrontas, que o Capitão delRey de Portugal lhe tinha feitas. E poſto que o Rey da China tinha já ſabido polos Chins, que vieram de Malaca, tudo o que paſſára, folgou de ouvir o Embaixador, e muito particularmente lhe perguntou pela peſſoa, e authoridade do grande Afonſo Dalboquerque, e os Portugueſes que homens eram, e o modo que tinham no pelejar. O Embaixador como era homem diſcreto, deo-lhe muito boa rezão de tudo, de que ficou muito ſatisfeito. Paſſadas eſtas práticas, diſſe-lhe o Rey, que ſe foſſe agazalhar, que elle o deſpacharia, e faria tudo o que pudeſſe, e não lhe quiz dar palavra de o ajudar, porque ſua tenção, e deſejos eram ter amizade com ElRey de Portugal, e com o ſeu Capitão Afonſo Dalboquerque, e mandalo viſitar, aſſi pelas grandes novas que tinha de ſua peſſoa, como tambem polo bom tratamento, que fizera aos Chins, que achára no porto de Malaca, e deſejar de ter comercio na ſua terra; e ajudou muito a iſto as queixas, que os Mercadores Chins tinham das tyrannias, que o Rey de Malaca lhe fizera em ſuas mercadorias, os dias que eſtiveram na terra. O Embaixador andou muito tempo na Corte ſem poder haver deſpacho, e neſte tempo lhe morreo ſua mulher; e paſſa-

ſados alguns dias, reſpondeo-lhe por ſeus Officiaes, eſcuſando-ſe do ſocorro que lhe pedia, dando-lhe ſuas rezões pera o não poder fazer, e a principal era a guerra, que tinha com os Tartaros. O Embaixador com eſta repoſta ſe partio logo, e chegando á Cidade Janquileu, vendo-ſe mal deſpachado, e ſua mulher morta, de pura paixão faleceo, e mandou fazer huma capela pera ſeu enterramento no arrabalde da Cidade, em que jaz enterrado em huma ſepultura cercada de grades de latão, na qual mandou pôr hum letreiro, que diz: *Aqui jaz Tuão Nacem Embaixador, e tio do grande Rey de Malaca, a quem a morte levou primeiro que ſe vingaſſe do Capitão Alboquerque, lião dos roubos do mar.*

CAPITULO XXXI.

De como o Rey de Malaca chegado ao Reyno de Pão, faleceo: e como o grande Afonſo Dalboquerque começou a fortaleza, e o letreiro, que poz na porta depois de acabada, e o que niſſo paſſou.

COmo os trabalhos hiam ſeguindo eſte pobre Rey de Malaca, não ſe contentando a fortuna de o pôr em eſtado de perder ſua Cidade, mulher, filhos, e gente, deſcontente, e anojado deſta perda, chegan-

do

do ao Reyno de Pão, dahi a poucos dias faleceo. Morto o Rey, todos os Mouros honrados, que o feguiam, fe efpalháram por effes matos, e dahi a alguns dias vieram bufcar a ribeira do mar, e mandáram pedir licença a Afonfo Dalboquerque pera fe tornarem pera a Cidade, e a alguns delles, que eram homens principaes, a deo, porque houve por mais feguro telos dentro da Cidade, que andarem por fóra fazendo ajuntamentos, e amotinando os Mercadores, que não vieffem ao porto, e mandou aos Jaos que fe ajuntaffem, e correffem a terra, e trouxeffem prezos todos os Malayos, que achaffem por effes matos, pera fervirem na obra da fortaleza, que queria começar; e fe antre eftes fe achava algum, que conhecidamente fora culpado em a morte da gente de Diogo Lopez de Sequeira, mandava Afonfo Dalboquerque fazer juftiça delle, e aos outros com bragas de ferro que ferviffem na obra, e em companhia deftes lhe trouxeram mil e quinhentos efcravos, que foram do Rey, com fuas mulheres, e filhos, e todos tomou por cativos delRey D. Manuel, affi como eram do Rey de Malaca, e mandou-lhes dar feu mantimento, e ordenado, quando trabalhavam na obra, fegundo o coftume que tinham; e quando não eram neceffarios pera fer-

ſervirem, ganhavam pera ſi, porque deſta maneira eram obrigados a ſervir o Rey; e como teve iſto ordenado, mandou deſembarcar a fortaleza de madeira que trazia, pera recolhimento da gente, que havia de trabalhar na obra, e fazer preſtes cal, pedra, cantaria pera ſe começar; e poſto que Ruy de Araujo nunca deo eſperança de ſe poder achar pedra pera fazer fortaleza, como a vontade de Noſſo Senhor era, que os Portugueſes fizeſſem aſſento naquella Cidade, e que o ſeu nome foſſe ali louvado, achou-ſe tanta pedra, e cantaria em humas ſepulturas antigas dos Reys paſſados, que eſtavam em o campo debaixo do chão, e de meſquitas que derribáram, que ſe puderam fazer duas fortalezas; e como houve copia de achegas pera começarem a obra, e muitos ſervidores, mandou Afonſo Dalboquerque abrir alicerces, e fundou-ſe huma fortaleza muito forte, entulhada huma lança darmas de alto, porque o ſitio o demandava, com dous poços de muito boa agua dentro pera beber, que ali eſtavam feitos de cantaria lavrada; e porque a noſſa gente, que na fortaleza eſtiveſſe, pudeſſe recolher ſocorro, ſe lhe foſſe neceſſario cada vez que quizeſſe, ſem lho os imigos poderem tolher, fundou-ſe huma torre de menagem de quatro ſobrados ao longo do mar,
pe-

pera que tambem do alto della pudessem com artilheria defender hum outeiro, que a fortaleza tem sobre si por padrasto. E porque póde ser que alguns, que lerem esta historia, reprovem fazer-se fortaleza em terra de inimigos com tal defeito, responde-se, que lhe sofreo Afonso Dalboquerque o padrasto, por não haver em toda a Cidade lugar mais acommodado pera segurança do Capitão, e gente, que nella ficasse, porque ao longo desta torre podia chegar huma náo nossa de duzentos toneis, cada vez que quizessem, e puzeram nome a esta fortaleza a *Famosa*; e segundo tenho por informação de muitas pessoas, que a víram, parece que lhe convem muito, e não digo suas particularidades por ser muito frequentada dos nossos Portugueses; e porque Afonso Dalboquerque era muito devoto de Nossa Senhora, mandou fazer huma Igreja, a que poz nome *Nossa Senhora da Annunciada*; e pera que ficasse memoria pera sempre das pessoas, que foram na conquista deste Reyno, e fundação da fortaleza, mandou fazer huma pedra muito grande, em que se escrevêram os nomes de todos os principaes; e como a natureza dos Portugueses he serem invejosos de honra, não sofrêram a Afonso Dalboquerque que se fizesse mais conta de huns, que de outros, pois todos fo-

foram iguaes no trabalho, e conquista daquella Cidade, e elle polos não descontentar, nem tornar atrás com o que tinha feito, mandou assentar a pedra sobre a porta, com os nomes virados pera dentro, e nas costas della aquelle verso de David, que diz: *Lapidem, quem reprobaverunt edificantes.*

CAPITULO XXXII.

Como o grande Afonso Dalboquerque, a requerimento dos Governadores, e povo da Cidade, mandou lavrar moeda: e dos preços della, e do mais que se nisso fez.

EStando as cousas de Malaca neste estado, veio-se Ninachatu ao grande Afonso Dalboquerque com os Governadores da terra, e disseram-lhe, que o povo passava grande trabalho, por não haver moeda, que lhe pediam por mercê a mandasse fazer; e posto que elle havia já dias que o desejava, como a obra da fortaleza o trouxesse muito occupado, deixava isto pera outro tempo, em que tivesse menos occupação; e porque a necessidade que lhe apresentavam era muita, e o povo se não podia remediar sem moeda, quiz logo entender nisso: assi por ser insignea Real delRey

D.

D. Manuel, e de ſua vitoria, em Reyno ganhado de novo, de que elle era direito Rey, como tambem por apagar a moeda dos Mouros, e lançar ſuas prantas, e nome fóra da terra. Determinado iſto, mandou chamar todos os Mercadores, Governadores, e Principaes homens da Cidade, e poz-lhes em prática o que lhe tinham pedido; e depois de haver muitas differenças antre elles, aſſentáram com o parecer de todos os Capitães, que eſtavam preſentes, que ſe fizeſſe moeda, e de dous caixes, que era moeda de eſtanho do Rey de Malaca, ſe fizeſſe huma moeda com a eſpera delRey D. Manuel, a que puzeram nome dinheiro; e outra mais groſſa, que tinha dez dinheiros, puzeram nome ſoldo; e outras, que pezavam dez ſoldos, puzeram nome baſtardos; e toda eſta moeda era de eſtanho, que naſce na terra de Malaca, e eſtas minas fez Afonſo Dalboquerque direitos reaes delRey de Portugal; e porque em Malaca não havia moeda de ouro, nem de prata, e corria a troco de outras mercadorias, aſſentáram que ſe fizeſſe; e depois de paſſarem muitas práticas ſobre a valia que teria, pareceo a todos bem que a moeda douro pezaſſe hum quarto de tundiá, que tem de valia mil reis antre nós, a que puzeram nome Catholico, e a de prata pareceo bem

aos

aos Mercadores que fosse da de Pegú, que he pouco menos que a de Castelete, e sobre isso houve algumas rezões por huma parte, e pela outra; e Afonso Dalboquerque assentou que fosse prata mercadoura, porque querendo os Reys de Portugal mandala por mercadoria a Malaca, pela muita valia que tem, o pudessem fazer. Os Mercadores, posto que esta valia da prata fosse em seu prejuizo, foram com o parecer de Afonso Dalboquerque, e assentáram, que a moeda de prata se chamasse Malaqueses, e que tivesse o mesmo preço de quarto de tundia; e porque a moeda dos Mouros fosse logo apagada de todo, principalmente a de estanho, que era mais commua na terra, mandou Afonso Dalboquerque assentar huma casa de fazer moeda, e que todos os Mouros, que a tivessem do Rey de Malaca, a levassem logo ali sob pena de morte; e veio tanta quantidade della por medo da pena que lhes era posta, que os officiaes não se podiam valer com o despacho, e em breve tempo se lavrou huma grande quantidade de prata, ouro, e estanho. Afonso Dalboquerque como soube dos officiaes a copia da moeda que tinham, mandou chamar os Governadores da terra, e disse-lhes, que elle tinha mandado lavrar muita somma de moeda, como todos tinham assentado, e

que

que era neceſſario mandar-ſe apregoar por toda a Cidade com aquella ſolemnidade, que convinha ao eſtado delRey D. Manuel ſeu Senhor. Os Governadores aſſentáram que ao outro dia pela menhaã ſe apregoaſſe, e ajuntáram-ſe todos os principaes do povo, e vieram-ſe á fortaleza, onde Afonſo Dalboquerque eſtava com todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada, e dali começáram a caminhar neſta ordem. Hia diante de todo o povo hum dos principaes Governadores da Cidade em cima de hum Alifante com ſeu caſtelo emparamentado de ſeda, e levava nas mãos huma bandeira das armas delRey de Portugal em huma áſte comprida, e após elle hia todo o povo a pé de huma parte, e da outra como em prociſsão, e no meio deſta gente hia hum Mouro em cima doutro Alifante, emparamentado tambem de ſeda, dando os pregões, e após elle as trombetas, e atrás dellas os Governadores da Cidade, e todos os Mercadores, e principaes homens della, e no couce deſta gente hiam Antonio de Souſa filho de João de Souſa de Santarem, e o filho de Ninachatu ambos juntos em hum Alifante grande, que fora da peſſoa do Rey, com ſeu caſtelo emparamentado de pannos de brocado, e levavam comſigo muita ſomma de moeda de ouro, prata, e eſtanho, que lan-

lançavam por cima de todo o povo, a cada pregão que o Mouro dava, o qual era tanto que não cabia pelas ruas, e com muitos cantares, e tangeres á sua usansa, davam grandes louvores a Afonso Dalboquerque pela mandar fazer por conselho, e parecer de seus naturaes, e com esta ordem foram caminhando por toda a Cidade. Acabado de se apregoar a moeda, pedíram os Pegús licença a Afonso Dalboquerque pera se irem pera sua terra, e elle lha deo, e lhe fez muita honra, e mercê, de que foram muito contentes, e lhe deram grandes agradecimentos pelo que lhes fizera, quando se saqueou a Cidade, em não consentir que suas casas, e mercadorias fossem roubadas, e não importou tão pouco, que não valesse oitenta mil miticaes de ouro, a fóra o que elles tinham escondido em ouro, e prata. Despedidos de Afonso Dalboquerque, partíram-se, prometendo-lhe que muito cedo tornariam áquelle porto com muitas mercadorias, e se trabalhariam por lhe trazer hum Junco muito grande, que se lá fazia pera o Rey de Malaca, e ficou ali hum filho do Piloto, mancebo gentil homem com cem Pegús, e aprendeo a nossa lingua Portuguesa; e era tão curioso de ver cousas, que a principal porque ficou, foi pera ver a nossa fortaleza acabada, e sempre trabalhou

lhou na obra della com a sua gente, a que Afonso Dalboquerque mandou pagar mui bem seu trabalho. Este ouro, que acima disse que vinha a Malaca, o mais delle vem de huma mina de Menamcabo, que he na ponta da Ilha de Samatra da banda do Sul, fronteira a Malaca; navegação de seis dias, e tambem vem do Reyno de Pão; e em todas as Ilhas derredor de Malaca ha ouro, mas pouco; tambem o trazem os Gores, e Chins. A prata vem do Reyno de Sião, e do Reyno de Pegú, onde ha muitas minas della, e tão fina como a de Castelete.

CAPITULO XXXIII.

De como os Mercadores, e todos os Mouros bourados da Cidade se aqueixáram ao grande Afonso Dalboquerque das tyrannias, que Utemutaraja fazia na terra, e como tinha em seu poder todos os mantimentos, e de outras muitas cousas que fazia.

PAssados alguns dias, depois da fortaleza ser posta em altura pera se poder defender dos imigos, vieram por algumas vezes dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que Utemutaraja andava em concerto com o Rey Alaoadim, que sucedia no Reyno por morte do Rey Mahamet seu pai, que morrêra em Pão, como atrás fica dito, pe-

ra ſe alevantarem ambos contra os noſſos; e pera mais certeza deſte negocio, deramlhe huma carta, que Utemutaraja eſcrevêra ao Rey, e a repoſta della. A ſubſtancia da carta era deſculpar-ſe Utemutaraja ao Rey da amizade, que tinha com Afonſo Dalboquerque, e eſtar á ſua obediencia, dando pera iſſo muitas rezões, e deſculpas, offerecendo-lhe nella ſua peſſoa, e gente pera o ajudar, determinando de cometer a Cidade de Malaca, com toda ſua caſa, e fazenda, parentes, e amigos, fazendo-lhe eſte negocio muito facil, pela pouca gente que havia noſſa. Afonſo Dalboquerque guardou iſto em ſi, ſem dar conta a ninguem, e moſtrou-lhe dali por diante muito boa vontade, o qual com eſte favor, que elle ſentia, cuidando que não era ſabedor da treição em que andava, começou-ſe a deſavergonhar hum pouco no governo da terra, e deo lugar aos Mouros, que viviam na ſua povoação Dupe, que uſaſſem da ſua moeda, e que a noſſa não correſſe; e poſto que elle eſtiveſſe preſente, quando ſe aſſentou que ſe lavraſſe, como peſſoa principal, com tudo elle, nem ſeus filhos, netos, nem parentes não no quizeram ſer a apregoar della; pelo que ſe Afonſo Dalboquerque não houve por muito ſeguro na ſua amizade, e começou-ſe a recatar delle, e
apla-

aplacou os Mouros dos queixumes, com que lhe vinham cada dia dos roubos que lhes fazia, o qual trazia ſempre a ſua gente polo campo em quadrilhas, roubando o povo, que com o ſeguro de Afonſo Dalboquerque ſe tornava pera a Cidade; e não contente diſto, mandou tomar todos os eſcravos do Rey, e de ſeus Mandarijs, e de Mercadores, e começou-ſe a impoſſar pela terra dentro de algumas quintans, que ficáram dos Governadores de Malaca, que fugíram com o Rey, ſem haver remedio de querer largar nenhuma deſtas couſas que tinha tomadas; e porque os Mercadores, e povo da Cidade ſe tornáram a queixar a Afonſo Dalboquerque, e que tinha atraveſſado todos os arrozes que eram vindos, e não conſentia que nenhum Mercador os compraſſe, polos ter todos na ſua mão, e que por eſta cauſa havia muita falta de mantimentos, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque dizer por Ruy de Araujo, diſſimulando com elle, que alguns Mercadores ſe queixavam do máo governo da terra, e que ſeria ſem rezão, por quão máos eram de contentar, que lhe rogava muito, que mandaſſe olhar por iſſo; e ficou elle tão pouco emendado diſto, que lhe Afonſo Dalboquerque mandou dizer, que andando na ſua povoação Dupe hum Naire, que ſe tornou

Chriſtão, que era homem do Meirinho, o mandou prender; e dizendo-lhe o Meirinho com palavras muito brandas, que olhaſſe o que fazia, porque aquelle homem era Chriſtão, e não da ſua jurdição, e que ſe alguma couſa tinha feito, que o foſſe dizer a Afonſo Dalboquerque, que o mandaria caſtigar muito bem, não lhe reſpondeo nada, nem lhe deo o Naire, e dali por diante começou a fazer tranqueiras fortes, cercadas de cava ao redor em Dupe. Vendo Ruy de Araujo eſtes deſavergonhamentos de Utemutaraja, foi-ſe a Afonſo Dalboquerque, e contou-lhe todas eſtas couſas, que eram paſſadas, não cuidando que elle as ſabia, e diſſe-lhe, que ſe não apagaſſe aquelle Jao de todo, que ſoubeſſe certo que depois de ſua partida pera a India havia de dar muito trabalho á fortaleza, e á gente que nella ficaſſe; e eſte meſmo requerimento lhe fizeram os Mercadores, pedindo-lhe mui afincadamente que ſe não partiſſe de Malaca, ſem deixar primeiro fóra della Utemutaraja, porque era tredor, e máo homem, e ſempre andára em divisão com o Rey paſſado, e tentára algumas vezes levantar-ſe contra elle, e que elles não ouſavam de ficar na terra, ſe Utemutaraja nella ficaſſe, dando pera iſſo mui boas rezões, aſſi por ſer homem velho, e mui antigo, e acredi-

ta-

tado naquella terra, como tambem por ter muitos filhos, e netos, e ser muito rico, e ter muita gente; e além destas rezões todas, que lhe os Mercadores deram, tinha Afonso Dalboquerque sabido, que a principal cousa, por que este Jao andava nestes tratos, era, porque não podia sofrer que os Quilins, e Chitins, que eram Gentios, fossem fóra da sua jurdição, e tivessem Governador, e justiça apartada por si, que era Ninachatu que os regia, e governava segundo suas gentilidades, e costumes: e ajuntou-se tambem a isto favorecer Afonso Dalboquerque muito os Mercadores Gentios, por serem homens de muito trato, e mais ricos, e de maiores fazendas que os Mouros, e em que jazia todo o trato, e negocio de Malaca, e obrigavam-se a fazerem vir de Choramandel seiscentas casas dos mais ricos homens da terra viver a Malaca; e este favor, que elle fazia aos Gentios, e o muito que trabalhava por desarreigar os Mouros de Malaca, fez com que Utemutaraja se confederasse com o Rey Alaoadim pera se alevantarem contra os nossos.

CA-

CAPITULO XXXIV.

De como o grande Afonso Dalboquerque, pela certeza que teve da treição, que Utemutaraja lhe ordenava, e outras cousas que fazia, determinou de o prender, e a seu filho, e genro: e o mais que nisso fez, e o que passou com sua mulher.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque a conjuração, em que Utemutaraja andava com o Rey Alaoadim pera se alevantar contra elle, e como tinha recolhido todos os arrozes, que era o principal mantimento da Cidade, arreceando de o obrigar este negocio a muito, se com elle mais dissimulasse, determinou de o prender, e a seu filho, e genro, e neto, e por algumas vezes os mandou chamar pera se aconselhar com elles sobre o governo da terra, e sempre se escusáram, sem quererem vir a seu chamado, de que se Afonso Dalboquerque começou a enfadar mais delles, e com tudo dissimulou sempre; e chegando-se sua partida pera a India, vendo que não podia acabar este feito, senão por alguma manha, dissimuladamente disse a Cojeabrahem, (hum Mouro Persio de nação, que era grande amigo de Utemutaraja, e andava em requerimento com elle, que lhe désse o officio de

de Quitoal: que elle tinha aſſentado de não dar os officios da Cidade ſem conſelho, e parecer dos principaes homens della, que os chamaſſe todos, e ſendo diſſo contentes, que perante elles lho daria. Cojeabrahem, porque iſto era o que elle deſejava, teve tal maneira que os ajuntou, e trouxe-os á fortaleza, onde Afonſo Dalboquerque eſtava com todos os Capitães; e como foram dentro, ſem mais ter nenhuma prática com elles, mandou-lhes tomar as armas, que tinham, e a Ruy de Araujo, que perante todos lhes leſſe huns capitulos, que tinha contra Utemutaraja, e ſeu filho, genro, e neto, de muitas couſas, que tinham feitas contra o ſerviço delRey D. Manuel ſeu Senhor, e a carta, que eſcrevêra ao Rey Alaoadim. Utemutaraja confeſſou alguns dos capitulos, e outros negou; e quanto á carta, que era verdade que elle a eſcrevêra, mas que ſua tenção não era alevantar-ſe contra elle, ſenão haver o Rey ás mãos pera lho entregar; e que quanto aos arrozes, que diziam que tinha em ſua mão, que elle os comprára pera ganhar nelles, porque eſſe era o officio de que vivia, e não pera nenhum outro máo fim: que aquillo eram couſas, que lhe os Gentios aſſacavam, porque lhe queriam mal por lhes não conſentir ſuas ladroices. Paſſadas eſtas práticas, man-

dou-

dou-os meter todos quatro em hum ſotão da torre da menagem, e ter boa guarda nelles, e derribar as tranqueiras, e atopir as cavas, que Utemutaraja na ſua povoação tinha feitas; e a Pero Dalpoem, que ſervia de Ouvidor, que entendeſſe logo judicialmente em ſeu feito, guardando-lhe inteiramente ſua juſtiça. Como os Mercadores, e Principaes da Cidade ſouberam que Afonſo Dalboquerque tinha prezo Utemutaraja, e ſeus filhos, vieram-lhe pedir que lhes fizeſſe juſtiça de muita fazenda, que lhe tinham roubado; e elle diſſe ao Ouvidor, que lhes fizeſſe tornar tudo o que ſe achaſſe que lhes tinham tomado: e a fóra muitas couſas, que fez reſtituir á eſtes Mercadores, e povo da Cidade, foram quinhentos eſcravos, que tinha tomado forçoſamente; e proceſſado o feito, eſtando em final pera ſe dar ſentença, mandou Afonſo Dalboquerque chamar todos os Capitães, e perante elles diſſe ao Ouvidor, que leſſe o proceſſo de ſuas culpas, e viſtas, julgáram que morreſſem morte natural, e que foſſem degollados. Dada a ſentença, mandou Afonſo Dalboquerque fazer hum cadafalſo alto no meio da praça pera ſerem viſtos de todo o povo. Como ſua mulher ſoube que marido, e filhos eram julgados á morte, mandou-lhe pedir por hum Jao chamado Patequi-

quitir, que houvesse piedade della, e perdoasse a seu marido, e filhos, e que ella com elles se iriam viver a sua terra, que era a Jaoa, pois não era contente de elles viverem em Malaca, e que lhe daria pera ajuda da despeza da obra da fortaleza sete Bahares de ouro, que tem cada hum quatro quintaes. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que o costume dos Portuguefes não era vender justiça por dinheiro, que a elle lhe pezára muito achar-lhes culpas pera mandar fazer justiça delles, que os corpos lhe mandaria dar pera os enterrar segundo seu costume. Como o cadafalso foi acabado, mandou ao Ouvidor que fosse fazer justiça delles, e levasse em sua companhia toda a sua guarda, e outra muita gente armada por serem pessoas poderosas; e como foram no cadafalso, querendo o algoz degollar primeiro os filhos, disse-lhe Utemutaraja, que começasse primeiro nelle, que era velho, e os outros moços, e não nos queria ver acabar tão mal. Os corpos estiveram ali desde pela menhaã até a tarde, vistos de todo o povo da Cidade, o qual não podia crer que eram degollados. Este espectaculo destes Mouros foi permissão Divina, porque em esta mesma praça, onde o grande Afonso Dalboquerque os mandou degollar com o cutelo da justiça delRey de Portugal, havia

via dous annos que o Rey de Malaca teve determinado de matar o ſeu Capitão mór Diogo Lopez de Sequeira, e todos os que com elle vieſſem a terra, em hum banquete que lhe dava, ſenão fora huma Jaoa, que de noite a nado foi ter ás náos aviſar hum Marinheiro, que tinha por amigo. A mulher de Utemutaraja, depois de ter dado ſepultura áquelles corpos de Satanás, falou-ſe com Patequitir, e deo-lhe ſete, ou oito mil miticaes de ouro, e pedio-lhe que ajuntaſſe todos os ſeus eſcravos, que eram muitos, e que a vingaſſe dos Quilins, e Chitins, que foram cauſa da morte de ſeu marido, e filhos. O Patequitir como teve o dinheiro ajuntou-os todos, e determinou-ſe de ir pôr fogo á povoação, donde os Quilins, e Chitins viviam. Sabendo Afonſo Dalboquerque iſto, acudio com gente, e deo nelles, e trouxeram-nos todos por eſſas ruas da Cidade á eſpada, matando muitos delles. O Patequitir vendo-ſe desbaratado, e que não tinha poder pera fazer o que deſejava, tomou a mulher de Utemutaraja, e toda a fazenda que pode levar, e foi-ſe pela terra dentro, e queimou muita parte das quintans dos Chitins, e Quilins, e andou neſta revolta dez, ou doze dias; e porque vio que eſta ſua empreza não podia ter bom fim, pedio ſeguro a Afonſo

Dal-

Dalboquerque, e aſſocegou deſte ſeu propoſito, mas não quiz tornar a viver em Malaca.

Eſte Utemutaraja era Jao Gentio de nação, e havia muitos annos que ſe tornára Mouro. Sería homem de oitenta, ou noventa annos, de baixa ſorte: veio povre pera Malaca, e havia cincoenta annos que vivia nella: diſſe-lhe bem a mercadoria, e fez-ſe grande rico: era muito ſoberbo, grande tyranno, deſaſſocegado, revoltoſo, e ſempre aſſi foi em tempo do Rey Mahamet; e tinha tanto poder, e tanta authoridade em Malaca, que ſe ſenão apagára houvera de dar grande trabalho aos noſſos; e dizia Afonſo Dalboquerque muitas vezes, (vendo o aſſocego em que a terra ficára, depois de o ter morto,) que ſe eſte conſelho tivera em Ormuz contra Cogeatar, que ſe não levantára elle, nem lhe fizera quantas rebaldarias lhe fez. Eſte filho ſeu, que com elle foi morto, era o que eſteve com a adaga na mão pera matar Diogo Lopez de Sequeira, e eſte tinha o Rey ordenado por Capitão, depois da morte de Diogo Lopez, pera tomar as náos, com muita gente ſua, e de ſeu pai, que tinha pera eſte feito, e Noſſo Senhor não quiz que o elle cometeſſe, e quiz que pagaſſe a pena que por iſſo merecia.

CA-

CAPITULO XXXV.

Como Duarte Fernandez, e os Chins, que levava em ſua companhia, chegáram á Cidade de Udiá, onde o Rey de Sião eſtava, e lhe deo o recado, que levava do grande Afonſo Dalboquerque, e do Embaixador, que lhe o Rey mandou.

PArtido Duarte Fernandez de Malaca em companhia dos dous Capitães Chins, com recado do grande Afonſo Dalboquerque pera o Rey de Sião, como atrás fica dito, em poucos dias atraveſſáram á outra banda, e chegáram á boca de hum rio grande, que vai ter á Cidade de Udiá, na qual o Rey de Sião eſtava; e como ſoube que ali era chegada gente eſtrangeira, mandou lá hum Capitão com duzentas lancharas ſaber que gente era, e donde vinha. Chegado o Capitão ao porto, onde os Chins eſtavam, perguntou a Duarte Fernandez a que vinha, e quem o mandava. Elle lhe diſſe, que era meſſageiro de hum grande Capitão delRey de Portugal, o qual ficava em Malaca com huma grande Armada, e que era vindo ali por ſeu mandado viſitar o Rey de Sião, e trazer-lhe huma carta ſua. Sabido iſto, mandou o Capitão dizer ao Rey a gente que era, e a que vinha, que lhe

lhe mandasse dizer o que nisso queria que fizesse. O Rey pela noticia que já tinha da chegada de Afonso Dalboquerque a Malaca, folgou muito de saber que o messageiro era seu, e mandou ao Capitão que lho levasse logo. Chegado este recado do Rey, o Capitão se embarcou nas lancharas com Duarte Fernandez, e os Capitães Chins, e foram-se polo rio acima até a Cidade, e como desembarcáram, o Capitão com toda sua gente levou Duarte Fernandez ao Paço, onde o Rey estava esperando em huma sala grande, armada toda de brocados, e alcatifada de mui ricas alcatifas, o qual estava assentado em huma cadeira alta, vestido ao modo dos Chins, e junto com elle de huma parte, e da outra da sala todas suas mulheres, e filhas, assentadas, vestidas de brocados, e pannos de seda, com muitas joias de ouro, e de pedraria, e dali pera baixo outras muitas mulheres honradas, vestidas do mesmo theor, que era cousa muito pera ver. As mulheres desta terra são hum pouco baças, e porém mui formosas, e estavam tambem ali todos os principaes Senhores da terra mui bem vestidos. Entrado Duarte Fernandez na sala, fez sua cortezia ao Rey ao modo dos Gentios, e chegou a elle, e deo-lhe a carta de Afonso Dalboquerque, e a espada, que o Rey recebeo com

com muitas palavras de agardecimento, e perguntou-lhe polo feito de Malaca, e por ElRey de Portugal, e polo eſtado, e poder que tinha. Elle como era homem aviſado, deo mui boa rezão de tudo o que lhe o Rey perguntou. Paſſadas eſtas práticas, mandou ao ſeu Capitão que o levaſſe pera ſua caſa, e aos Capitães Chins fizeſſe muito bom gazalhado, e ao outro dia lhe mandou moſtrar toda a Cidade por lhe fazer honra, e hum Alifante branco que tinha, de que os Chins ficáram mui eſpantados; e ſe fora couſa que ſe pudera vender, deram por elle muito dinheiro pera o levarem ao Rey da China. Paſſados alguns dias, o Rey deſpachou a Duarte Fernandez, e mandou em ſua companhia hum Embaixador a Afonſo Dalboquerque com huma carta pera ElRey D. Manuel, e hum annel de hum rubi, e huma coroa, e eſpada de ouro, os quaes partíram da Cidade de Udiá, e em ſete dias foram da outra banda da coſta de Samatra, e chegáram a Taranque, que he huma Cidade do Rey de Sião, e dali ſe vieram ſempre por lugares ſeus até os baixos de Capacia; e chegados a Malaca, acháram já os muros da fortaleza com grande parte das ameas, e torres acabadas, com muita artilheria poſta nellas, e a Cidade toda á obediencia de Afonſo Dalboquerque.

que. Os Capitães Chins como arreceavam que se elle perdesse naquella empreza de Malaca, quando víram a fortaleza feita, e o assocego em que estava a Cidade, ficáram mui espantados, e muito corridos do que tinham passado com elle antes de sua partida. Como Afonso Dalboquerque soube que em companhia de Duarte Fernandez vinha Embaixador do Rey de Sião, mandou-o receber por todos os Capitães, e fez-lhe muita honra, e gazalhado. O Embaixador lhe deo a carta que trazia pera elle, e outra pera ElRey D. Manuel com o presente. A carta de Afonso Dalboquerque era reposta da que lhe tinha mandado por Duarte Fernandez, em que lhe dizia, que folgára muito com o seu messageiro, e com sua amizade, offerecendo-lhe seu Reyno, e pessoa pera serviço delRey de Portugal, e mantimentos, e gente, e mercadorias de sua terra quantas fossem necessarias, e que dias havia que elle desejava sua amizade, pelas grandes cousas que ouvia dizer, que os Portuguefes faziam na India contra os Mouros, e que esperava que elle lhe désse vingança daquelle tyranno do Rey de Malaca, não sabendo ainda que era tomada.

CA-

CAPITULO XXXVI.

De como o grande Afonso Dalboquerque despachou o Embaixador do Rey de Sião, e em sua companhia mandou Antonio de Miranda de Azevedo com huma instrução do que havia de fazer, e do presente, que por elle lhe mandou.

DEpois de o grande Afonso Dalboquerque ter passado suas práticas com o Embaixador do Rey de Sião, como estava já prestes pera se partir pera a India, determinou de o despachar, e mandar em sua companhia Antonio de Miranda de Azevedo por Embaixador ao Rey, e mandou-lhe que se fizesse prestes pera se ir no Junco dos Chins, que ali estavam esperando por elle, e deo-lhe esta instrução do que havia de dizer:

» Direis ao Rey de Sião, como ElRey » de Portugal meu Senhor me mandou a » este porto de Malaca tomar emenda da » treição, que o Rey, e seus Governadores » fizeram a hum seu Capitão mór, e gen» te, que a elle mandára tratar de amiza» de, e que sobre seu seguro lhe matáram, » e cativáram muita parte da gente em terra.

» Lhe direis, que depois de eu ser che» gado a este porto, mandára per muitas

» ve-

» vezes pedir ao Rey, que fizesse rezão de
» si, e mandasse entregar os Portuguefes,
» que tinha cativos, e tornar toda a fazen-
» da, que tinha tomada, e que elle com
» sua desordenada soberba nunca respondê-
» ra a proposito, nem quizera sua amizade,
» nem fazer assento de paz com elle, favo-
» recendo os Mouros da India, que ali ti-
» nham suas náos, contra o serviço delRey
» de Portugal.

» Lhe direis, que vendo eu sua falsa de-
» terminação, cometi a Cidade, e a entrei
» por força, e venci o Rey, que escapou
» ferido, e sua gente, e Alifantes; e por
» não destruir a Cidade, me tornei a em-
» barcar, e estive assi por espaço de quinze
» dias, esperando seu arrependimento; e que
» tendo o Rey experimentado o esforço dos
» cavaleiros Portuguefes, não deixára toda-
» via de se determinar em guerra, sem que-
» rer que antre mim, e elle houvesse concer-
» to de paz, e amizade.

» Lhe direis, que por lhe reprimir esta
» sua contumacia, tornei outra vez a co-
» meter a Cidade, e o desbaratei, e matei
» muita gente, e alguns Capitães seus, e
» tomei seus Alifantes, e queimei seus pa-
» ços, e que perdoei ao povo, e Merca-
» dores, por se não perder a Cidade, e tra-
» to da terra: e que lhe dou esta conta,

» porque ſei certo que ha de folgar muito
» com a deſtruição deſte Rey pela guerra,
» que com elle ſempre teve.

» Lhe direis, que ElRey de Portugal
» meu Senhor folgará muito de ſuas náos,
» e gente tratarem em Malaca, e que eſta
» era a principal rezão por que folguei de
» a ter tomada; e que tendo elle neceſſida-
» de de ſuas Armadas, e gente pera conſer-
» vação de ſeu eſtado, que eu como ſeu
» Capitão geral o ſervirei em tudo o que
» me mandar.

E com eſta inſtrução lhe deo hum preſente pera o Rey, que lhe mandou em nome delRey de Portugal, a ſaber, humas couraças de veludo crameſim: hum coſſelete comprido de todas as peças: hum capacete, e barbote mui bem guarnecido: huma adarga danta com ſeus cordões muito ricos, metida em huma funda de brocado: tres pannos darmas de veludo, e cetins de cores entretalhados, e borlados de ouro, que foram do Rey de Malaca, com que tinha armado a caſa de madeira, onde o Rey de Pão ſeu genro havia de andar pela Cidade, (como atrás fica dito,) e hum bacio de agua ás mãos de baſtiães: e duas albarradas do meſmo theor: e huma caldeirinha bem lavrada: e duas taças de baſtiães, tudo de prata: e huma béſta com ſeu almazem:

zem: e quatro ramais de coral muito grosso, e fino, por ser de muita valia naquella terra, e huma peça de escarlata: e fez mercê ao Embaixador do Rey de Sião de algumas peças, de que foi muito contente. Antonio de Miranda, depois de ter suas cartas de crença pera o Rey, embarcou-se no Junco dos Chins, e navegando, em poucos dias foi ter á Cidade de Taranque, que he do Rey de Sião, e ali se despedio dos Chins, e fez seu caminho por terra em cavallos, e bois de carrega, direito á Cidade de Sião, onde foi muito bem recebido do Rey que nella estava.

Este Reyno de Sião he muito estreito daquella banda, por onde os Chins fazem sua navegação. Tem alguns portos, e lugares, e dali por terra tem dez dias de caminho até a costa de Tanaçarij, e Taranque, e Savião, e da outra banda do mar de Samatra: tem tambem muitos portos, e lugares, e he Senhor de muita gente. São Gentios, e na terra ha muitos Mouros Mercadores de muitas partes. Os Chins tem nella seus estantes, porque confiam muito daquella gente. Este Rey teve sempre guerra com o de Malaca, e por isso não lhe pezou de o ver destruido. Muitas cousas havia que dizer deste Reyno de Sião, mas minha tenção não he escrever mais das ter-

ras que aquillo que convem pera declaração desta historia.

CAPITULO XXXVII.

Como o grande Afonso Dalboquerque despachou os Embaixadores dos Reys de Campar, e da Jaoa, e mandou descubrir a Ilha de Maluco.

SEndo o Rey de Campar certificado que o de Malaca era desbaratado, e o estado em que as cousas de aquelle Reyno estavam, temendo-se que por ser seu genro lavrasse tambem a furia dos Portugueses por sua terra, embarcou-se em dez lancharas, e veio-se ao rio de Muar, que he do Reyno de Malaca, oito leguas da Cidade, contra o Reyno de Pão, e chegado a este rio, mandou hum messageiro a Afonso Dalboquerque com hum presente de oito fardos de lenhonoe muito fino, e dous de huma maça, que se faz do sangue do dragrão, que serve de verniz pera cousas pintadas, e mandou-lhe dizer, que aquella era a fruta que se colhia na sua terra, e que desejava muito sua amizade, e ser vassalo, e servidor delRey de Portugal, porque elle nas cousas de seu sogro não tinha nenhuma culpa. Afonso Dalboquerque lhe mandou agradecer muito o presente, e a vontade que ti-

tinha de ſervir a ElRey de Portugal ſeu Senhor, e mandou-lhe algumas peças em recompenſa do ſeu preſente, e offereceo-lhe gente, e Armada quando lhe compriſſe; e partido eſte meſſageiro do Rey de Campar, deſpachou outro, que havia muitos dias que ali andava do Rey da Jaoa, o qual lhe trouxe de preſente huma duzia de lanças muito compridas, com ſuas fundas de páo metidas no ferro, e hum panno muito comprido, em que vinha pintado o modo, em que o Rey vai á guerra, com ſuas carretas, cavallos, e Alifantes armados com ſeus caſtelos de madeira, e o Rey ali pintado em huns paços de madeira em riba das carretas, e tudo iſto muito bem pintado, e mandou-lhe vinte ſinos pequenos, que he a ſua muſica, e tangedores, que os tangiam com páos feitiços, e concertavam-ſe muito bem, e faziam muito bom ſom: e mandou-lhe dous muito grandes, que tangem na guerra, e ſoam muito longe, e offerecer gente, e mantimentos, e o mais que lhe foſſe neceſſario pera aquella guerra de Malaca; e a cauſa foi, porque eſtava muito differente com o Rey, pelas muitas tyrannias, que ſe faziam aos ſeus naturaes, quando ali vinham. Afonſo Dalboquerque o deſpachou, e por elle mandou ao Rey da Jaoa hum Alifante dos que tomára em Malaca, porque

que são lá muito estimados, e huma peça de escarlata, e outra de veludo cramesim, e deo-lhe embarcação pera sua pessoa, e pera levar o Alifante: e neste tempo chegáram tres pangajaoas do Reyno de Menamcabo, que he na ponta da Ilha de Çamatra da outra banda do Sul a Malaca, e trouxeram somma de ouro, e vinham buscar pannos da India, de que tem muita necessidade na sua terra. Os homens deste Reyno são muito bem dispostos, e alvos, andam sempre bem tratados, vestidos em seus bajus de seda, e crisis com bocaes de ouro, e pedraria na cinta. He gente bem acostumada, e verdadeira: são Gentios: tem em grande estima huma carapuça de ouro, que dizem que lhes ali deixou Alexandre, quando conquistou aquella terra.

Tendo Afonso Dalboquerque todos estes messageiros despachados, determinou de mandar descubrir as Ilhas de Maluco, e todas as outras daquelle arcepelago, que tinha por informação serem muitas, e fez prestes tres navios, dos quaes deo a capitanía mór a Antonio Dabreu, que atrás tenho dito que fora ferido no Junco, com que se cometeo a ponte de Malaca, por seu esforço, e cavaleria merecia tudo; e dos outros dous navios deo a capitanía a Francisco Serrão, e a Simão Afonso, e mandou por Pi-

lo-

lotos Luis Botim, e Gonçalo de Oliveira, e Francifco Rodriguez, homem mancebo, que fempre andou na India por Piloto, e fabia mui bem fazer hum padrão fe comprisse, e efte era o fim, por que o lá mandava, e com elles dous Pilotos da terra, e por Feitor João Freire criado da Rainha D. Leonor, e Diogo Borges criado delRey D. Manuel por feu Efcrivão, e fez preftes hum Junco carregado de muitas mercadorias, de que deo parte a Ninachatu, e a hum Gentio, que fe chamava Cogequirmani, que tinha fua mulher, e filhos em Malaca, e hia por Capitão do Junco; e porque nelle havia pouco que fazer, partio-fe dous, ou tres dias primeiro que a noffa Armada: e o regimento, que deo a Antonio Dabreu foi, que por nenhum cafo do mundo em aquelle caminho fizeffe prezas, nem arribaffe fobre nenhuma náo, nem confentiffe que gente fua fahiffe em terra, e em todos os Portos, e Ilhas a que chegaffe déffe prefentes, e dadivas aos Reys, e Senhores da terra, e pera iffo lhe mandou dar muitas efcarlatas, e veludos de Méca, e outras muitas mercadorias; e mandou-lhe que nenhuma náo de Malaca, nem de outras partes, ora foffem de Mouros, ou de Gentios, que achaffem em effas Ilhas do cravo, ou das maçans, não lhe tolheffe tomarem

car-

carrega ; mas antes lhe désse favor, e ajuda quanta lhe fosse possivel, e que da mesma maneira que elles negoceassem sua carrega, assi o fizesse elle, guardando os costumes da terra: e que nenhum Capitão por caso que acontecesse fosse a terra, senão o Feitor, e Escrivão, com duas, ou tres pessoas, que os acompanhassem. Estes navios levavam cento e vinte Portuguefes, e vinte escravos cativos pera darem á bomba, e hiam mui bem fornecidos de mantimentos, e artilheria, e levavam muita estopa, e breu, e calafates, pera que sendo-lhes necessario fossem espalmar os navios no cabo de huma Ilha grande, que está quatro dias de caminho das Ilhas do cravo, que se chama Amboino, porque ali ha já reconhecimento de maré. E estando prestes de tudo, partíram-se em o mez de Novembro. Partido Antonio de Abreu, mandou Afonso Dalboquerque fazer prestes hum Junco novo muito grande, de que deo parte a Ninachatu, e a outros Mercadores de Malaca, no qual mandou carregar muitas mercadorias de Cambaya, que tomou no caminho vindo da India, e que fosse a Pacé carregar de pimenta pera estar na fortaleza, porque vindo os Chins, e os Gores, (por quem esperava,) achassem carrega; e todos os outros Mercadores, e Chitins de Malaca come-

meçáram a fazer ſuas navegações, e ſeus tratos, de maneira que em poucos dias começou o negocio della a ſer muito célebre; e com eſta nova do bom tratamento, que o grande Afonſo Dalboquerque mandava fazer ás náos, que ali vinham com mercadorias, começáram a vir de todas as partes, e todos achavam que levar pera ſuas terras.

CAPITULO XXXVIII.

Do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com os Capitães ſobre a ordem, em que deixaria as couſas de Malaca: e algumas que ordenou pera governança da terra antes de ſua partida pera a India.

ACabado o grande Afonſo Dalboquerque de dar deſpacho a todas as couſas, que tenho dito, mandou chamar todos os Capitães Fidalgos, e criados delRey da Armada, e diſſe-lhes, que aquella fortaleza eſtava acabada da maneira que elles viam, com muita artilheria nella pera ſe poder defender de todo o poder dos Reys daquella parte, que ſobre ella vieſſem: que a moução pera partir pera a India era chegada, e que compria muito partir-ſe, porque as couſas de Goa ficavam tão tenras, que não ſabia o eſtado em que eſtariam: que lhes pedia

dia muito lhe diſſeſſem a maneira que ſe teria ſobre a governança de Malaca, e que gente, e artilheria deixaria na fortaleza, e quantas náos, e ſe faria Capitão do mar, ou ſe abaſtaria hum ſó no mar, e na terra, e ſe tiraria alguns Mouros principaes da Cidade, em que houveſſe ſuſpeita. Ouve neſte conſelho diverſos pareceres, e por fim de tudo aſſentou-ſe, que houveſſe Capitão na fortaleza, e Capitão da Armada no mar, e que o do mar eſtiveſſe á obediencia do Capitão da fortaleza, (por atalhar a deſavergonhamentos da India, que já então havia, ainda que foſſem menos que agora, que elle ſempre caſtigou com grande rigor, em quanto a governou;) e que lhe déſſe menagem de em tudo lhe obedecer, e todos os Capitães como á propria peſſoa de ſua Senhoria; e que ſendo caſo que Deos fizeſſe alguma couſa do Capitão da fortaleza, que o do mar ficaſſe por Capitão della até elle prover. Aſſentado iſto por todos, fez Afonſo Dalboquerque Capitão da fortaleza a Ruy de Brito Patalim, e Capitão mór do mar Fernão Perez Dandrade, e por Capitães dos navios, que com elle haviam de ficar, Lopo de Azevedo, que ficava por ſota Capitão, Chriſtovão Graces, Aires Pereira, Antonio de Azevedo, Pero de Faria, Chriſtovão Maſcarenhas, Vaſco Fernan-

nandez Coutinho, e João Lopez Dalvim, e tambem havia de ficar Antonio de Abreu com os ſeus Capitães, tanto que chegaſſe de Maluco, e fez Ruy de Araujo, (pela muita obrigação em que lhe era,) Feitor, e Alcaide mór, e Provedor da fortaleza del-Rey, e Eſcrivães da Feitoria Franciſco de Azevedo, e Pero Salgado, e Almoxarife dos mantimentos João Jorge, e ſeu Eſcrivão Jacome Fernandez, e Franciſco Cardoſo Almoxarife do almazem, e ſeu Eſcrivão Bras Afonſo, e Provedor dos defuntos, e Hoſpital Chriſtovão Dalmeida, e Diogo Camacho por ſeu Eſcrivão, e Meirinho da fortaleza Baſtião Gallego, e fez Governadores da terra, (não tirando a ſuperioridade ao Capitão da fortaleza,) dos Gentios, Ninachatu, e dos Mouros hum Caciz ſeu, e dos Jaos da povoação Dupe, Regunecerage Mouro, e da outra parte da Cidade a Tuão Calaſcar Jao de nação, e deixou Ruy de Araujo por determinador de ſeus agravos, e differenças; e quando a juſtiça houveſſe de obrar como maior alçada, o Capitão da fortaleza ficava ſobre tudo.

Aſſentado iſto, como os Mercadores da terra ſouberam que Afonſo Dalboquerque eſtava em determinação de ſe partir pera a India, vieram-ſe a elle, e hum em nome de todos lhe diſſe, que elles tinham ſabido
que

que Sua Senhoria ſe queria partir, e deixa-los, que ſe eſpantavam muito de deixar huma couſa tamanha, e tão rica, como era Malaca, e ir-ſe, a qual ſem elle ſe não podia ſuſter: e pois tinha a maior couſa que havia no Mundo nas mãos, que a não devia de deixar perder por nenhuma outra, e que ſe o fazia por falta de dinheiro, que elles lhe dariam quanto ouro, prata, e mercadorias houveſſe miſter, e tudo o mais de ſuas fazendas gaſtariam por ſerviço delRey de Portugal, e ſeu, que lhe pediam muito por mercê que não deixaſſe aquella Cidade até não tomar mais aſſento. Afonſo Dalboquerque lhes agradeceo muito ſeus offerecimentos, dando-lhes algumas razões por onde lhe convinha chegar á India, e que elle lhe prometia de muito cedo os tornar a ver, e que pera ſegurança, e defensão da Cidade deixava aquella fortaleza com muita artilheria, e muitos cavaleiros Portugueſes pera a defender a todo o poder do Mundo, e pera ſegurança do mar, e trato de ſuas mercadorias huma Armada com muitos Fidalgos, e Cavaleiros. Os Mercadores lhe diſſeram, que eſtando elle em Malaca, o ſeu nome ſó abaſtava pera a defender, e ſuſter cem annos, e por iſſo lhe pediam que ſe não foſſe, e por aqui ſe foram alargando em boas palavras, e louvores de ſua peſ-

ſoa.

ſoa. Afonſo Dalboquerque lhes agradeceo eſta confiança que delle tinham, e diſſe-lhes, que elle folgára muito de ficar ali, por lhes fazer a vontade, mas que era forçado ir ver a India, porque a fortaleza de Goa ficava por acabar, e não ſabia o aſſento que teria tomado. Paſſadas eſtas práticas, que teve com os Mercadores, eſtando já preſtes pera ſe partir, deteve-ſe mais hum dia, porque o Rey de Pacé, que tomára em o caminho vindo da India, (como atrás fica dito,) que elle trazia em ſua caſa, tratado com toda a cortezia, e ceremonia que convinha a ſua peſſoa, havia dous dias que ſecretamente era deſaparecido, ſem ſe ſaber por onde fora. Afonſo Dalboquerque feitas ſuas diligencias polo haver ás mãos, vendo que ſe não achava, deſpedio-ſe dos Capitães, e de todos, e foi-ſe embarcar na náo Flor de la mar, e Pero Dalpoem Ouvidor da India em a náo Trindade, e Jorge Nunez de Lião em a náo Enxobregas, e Simão Martinz em hum Junco grande, o qual hia carregado de muitas mercadorias, que ſe tomáram no deſpojo da Cidade, e levava Simão Martinz em o Junco treze Portugueſes, e cincoenta Malabares de Cochim pera guarda delle, e ſeſſenta Jaos carpinteiros da ribeira, muito bons officiaes, que Afonſo Dalboquerque levava com ſuas mulhe-

lheres, e filhos pera ſervirem ElRey de Portugal em Cochim no concerto das náos, por haver muita falta delles na India. O Governador de Pacé, que eſtava alevantado contra o Rey, (como atrás fica dito,) ſabendo que os Portugueſes tinham tomado Malaca, cheio de temor de Afonſo Dalboquerque fez-ſe vaſſalo delRey de Portugal, e elle o recebeo, porque o proprio Rey não quiz aceitar ſeus offerecimentos, e dali por diante eſteve ſempre em ſeu ſerviço, e obediencia.

CAPITULO XXXIX.

Oração, que Camillo Porcio fez ao Papa Leão Decimo em louvor da tomada de Malaca: e das vitorias, que os Portugueſes tiveram da conquiſta da India.

TOmado eſte Reyno, e feito fortaleza na Cidade de Malaca, aviſou logo o grande Afonſo Dalboquerque ElRey Dom Manuel do eſtado em que as couſas delle ficavam, o qual pelas mais engrandecer, (por ſer eſte Aurea Cherſoneſo muito celebrado de todos os Authores antigos, e modernos,) o fez a ſaber por ſuas cartas ao Papa Leão Decimo; e ſendo-lhe por João de Faria, Embaixador que lá eſtava, notificado as gran-
des

des vitorias dos Portuguefes, havidas neftas partes, por induftria, animo, e esforço defte grande Capitão Afonfo Dalboquerque, mandou fazer huma folemne Procifsão em que foi; e tornado ao Sacro Palacio, Camillo Porcio diante de todos lhe fez a Oração que fe fegue, em Outubro anno de mil quinhentos e treze.

» Se em algum tempo, Beatiffimo Pa-
» dre, teve o povo Chriftão rezão de dar
» graças ao Senhor, e ter em muito o ef-
» forço, e valentia fua, por coufa esforça-
» damente cometida, e felicemente acaba-
» da, efte anno he pera iffo o mais com-
» modo enfejo, que até agora houve, em
» o qual o Senhor Deos, pela muita mife-
» ricordia que de feu povo houve, lhe quiz
» acrefcentar prazeres com novos prazeres,
» e profperidades com novos contentamen-
» tos communs; porque além de pôr Voffa
» Sanctidade efte anno na mageftade do
» throno Pontifical, mais por univerfal pro-
» veito da Chriftandade, que por particular
» algum de fua peffoa, pois fez Voffa San-
» ctidade com iffo unico refugio, e reme-
» dio pera coufas quafi perdidas, e arden-
» do todo o Mundo em guerras, pera que
» com mais alegria foffe feftejada fua nova
» eleição. Nefte mefmo tempo deo ao mui-
» to poderofo, e muito felice, e invictiffi-
» mo

» mo Rey D. Manuel de Portugal tantas,
» e taes vitorias, e triunfos de ſeus imi-
» gos, que facilmente ſe póde crer pelejar
» o Senhor por nós. E deſta inſigne bata-
» lha, que em ſeu nome ſe deo, haver-nos
» dado ſinal, pera daqui por diante termos
» confiança, que nos dará vitorias aſſinala-
» das, ſe quizermos uſar do esforço natu-
» ralmente noſſo, tão nomeado, e temido
» antre gentes barbaras.

» Por ventura haverá alguem que poſſa
» cuidar ſerem obras de mãos de homens
» as novamente feitas polos Portugueſes na
» India, tendo por Capitão o esforçado
» Afonſo Dalboquerque? tantas, tão ricas,
» e fortes Cidades entradas per força de ar-
» mas? tão varias nações vencidas? tantos
» povos ſujeitos em batalha? e com deſ-
» igual numero de gente, ſempre ficando
» vencedores em todas as couſas a que pu-
» zeram peito, e com iſſo fizeram tributa-
» rios muitos Reys, ſujeitos com Armas
» Portugueſas: e os a que não chegou o
» perigo da guerra, por de todo eſtarem
» ſeguros delle, vieram, ou mandáram per
» ſeus Embaixadores com muita inſtancia
» pedir paz, e alliança. E por eſta rezão he
» a nobreza deſtas vitorias maior, e mais
» excellente, por não ſerem nomeadas, po-
» lo eſtrago, e mortandade que ſe em os
» imi-

» imigos fez sómente, mas polo esforço no-
» tavel Portugues, com que foram ganha-
» das a que assi Deos favoreceo, que vito-
» rias presentes puzessem em esquecimento
» as passadas de maneira, que sempre os
» despojos de huma alcançassem os da ou-
» tra, e com ellas ficassem vencidos tantos
» Reys, e alliados todos os demais, que
» não quizerem exprimentar a valentia Por-
» tuguesa.

» Pelo que, Beatissimo Padre, (assi co-
» mo tudo o mais,) faz Vossa Sanctidade
» isto com muita prudencia, e christão ze-
» lo, que por huma vitoria como esta, (que
» não sei se se póde desejar maior,) que em
» tão felices tempos Nosso Senhor quiz dar
» ao Christianissimo Rey D. Manuel, man-
» da que se façam solemnes Procissões, e
» pessoalmente as acompanha, pera que se-
» jam dadas graças ao Senhor, e a todos
» os Sanctos por huma tamanha mercê co-
» mo esta.

» Porque não he esta vitoria havida de
» hum povo belicoso, ou de huma Cidade
» forte, e bem defendida, mas daquella
» grande, e nomeada India, em a qual de-
» pois de sujeitos per armas Portuguesas os
» riquissimos Reynos de Goa, e Ormuz, e
» feitos seus tributarios, de maneira que da
» mão do valeroso Capitão Afonso Dalbo-

» querque, em nome delRey de Portugal
» ſeu Senhor, aceitaſſem os Reynos aquel-
» les, que os houveſſem de governar: ago-
» ra em fim de tantas vitorias, aſſi por mar,
» como por terra, eſtá vencido aquelle fer-
» tiliſſimo, e riquiſſimo Reyno de Malaca,
» a quem os antigos por ſua muita riqueza
» chamáram de ouro, querendo com eſte
» nome, (que a nenhuma outra terra ſe deo,)
» moſtrar a grandeza de ſuas muitas rique-
» zas; e não ſómente na vitoria deſtes Rey-
» nos havida ſe intereſſa a grandeza del-
» les, mas, (o que não he pouco proveito
» pera noſſos tempos,) que barbaros, a quem
» dantes a fama noſſa não chegou, agora
» o perigo delles faz temor a áquelles, pe-
» ra cujas terras ſe abríram caminhos, de
» que até agora não tinhamos conhecimen-
» to algum. Abrio-ſe-nos polo Reyno de
» Ormuz caminho pera a Caſa Sancta de
» Jeruſalem, (terra, em que o Salvador naſ-
» ceo,) poder ſer tornada a ganhar, e tira-
» da das mãos de aquelles infieis, que ty-
» rannica, e indevidamente a poſſuem, em
» cujos corações tem entrado temor, que
» lhes faz arrecear o perigo de ſeus ſeme-
» lhantes. Nas quaes couſas todas não ſei a
» qual mais gabe, ſe o zelo, e felicidade
» do muito poderoſo Rey D. Manuel, o
» qual com tanto trabalho, e deſpezas ſuas
» quiz

» quiz estender o nome Christão a tão apar-
» tadas Provincias, e alheias gentes de nos-
» so comercio, pera que donde a Ley de
» Christo não era de antes ouvida, ahi pu-
» zesse a bandeira de sua Sancta Cruz; ou
» o esforço, saber, e valentia de animos
» Portuguêses, que com ousadia nunca vis-
» ta, e com desejo intimo de accrescentar a
» Religião Christã, hajam passado a tão di-
» versos climas de sua natureza, onde lhes
» era necessario pelejar não sómente com
» crueis, e despiadados inimigos, mas com
» a mesma fome, sede, frios, e calmas in-
» sofriveis: e com ella mesma desprezassem
» todos os trabalhos, que sobrevir pudes-
» sem, por cumprir com a obrigação, que
» de mandado de seu Rey com animo con-
» tente aceitáram.

» E em estas cousas verá facilmente a
» grandeza das mercês do Senhor quem
» olhar com quão pouca gente toda a In-
» dia se ganhou; pois não havendo na Ar-
» mada toda tres mil homens Portuguêses,
» sobre tantos Reynos della tomados por
» força de armas, tantos Reys espantados
» do nome Portugues virem humildes pe-
» dir paz, e os que a não quizeram tomar,
» aceitarem per força leis da mão de seus
» vencedores, e alguns, a que o Senhor quiz
» alumiar, se bautizassem, e aceitassem a Fé

» Chriſtã, de maneira que em tão remotas
» terras ſe achaſſem Chriſtãos com Chri-
» ſtãos: e por remate deſtas vitorias, com
» o meſmo numero de gente, e menos ain-
» da, por ſer neceſſario ſuſtentar com par-
» te della em guarnição os Reynos ganha-
» dos, vemos Malaca tomada, ſeu Rey ven-
» cido, e afugentado com muita pequena
» parte de ſeu exercito, que o ſeguir pode,
» por a maior ſer morta a ferro, e ficar hu-
» ma tão nobre Cidade cabeça de hum tão
» rico Reyno em poder de Chriſtãos. Eſta,
» Beatiſſimo Padre, he aquella Aurea Cher-
» ſoneſo, que eſtá no cabo daquella gran-
» de enſeada, em que o rio Ganges deſcar-
» rega ſuas aguas no mar, tão nomeada pe-
» la ſua muita riqueza, que aſſi polas mui-
» tas, e mui ricas mercadorias, que ſe a
» ella de differentes partes trazem, como pe-
» las não menos ricas, que della ſe levam,
» he tida pela mais nobre eſcala de toda a
» India; e com rezão, porque nenhuma
» couſa ha das que na vida ſe podem de-
» ſejar, de que não haja nella grandiſſima
» abaſtança.

» Tinha Malaca hum Rey Mouro em
» ſecta, rico em theſouros, poderoſo, e Ar-
» mada de mar, e grandiſſimo imigo do
» nome Chriſtão, eſpecialmente de Portu-
» gueſes, porque quaſi dous annos antes qui-
» ze-

» zera matar á treição hum Capitão nobre
» Portugues, que a ſeu porto chegára, e
» havendo o excelente Capitão Afonſo Dal-
» boquerque, (nome bem merecido por ſeus
» illuſtres feitos,) que então em nome do
» muito poderoſo Rey D. Manuel gover-
» nava a India, poſto em paz, e ſegurança
» os outros Reynos, e fortalezas delles, que
» nella áquem do Ganges, a que os Portu-
» gueſes chamam do cabo do Comorim pe-
» ra dentro, tinha ganhado, determinou to-
» mar vingança da treição, que o Rey de
» Malaca a Portugueſes fizera, e em ſatiſ-
» fação diſſo tomar-lhe o Reyno; e chega-
» do com bom tempo a Malaca, ſe poz
» em ordem pera combater a Cidade, aſſi
» por mar, como por terra. O Rey della,
» que nunca tal couſa arreceára, vendo-ſe
» menos apercebido do que havia miſter pe-
» ra ſua defenſa, quiz uſar de manha, e
» mandando recado de paz ao animoſo vin-
» gador da treição feita a Portugueſes Afon-
» ſo Dalboquerque, começou com dilações
» álargar a conclusão do negocio da paz,
» que tratava fingidamente, e entretelo, con-
» tinuando em fortalecer-ſe; e ſendo eſtas
» cautelas ſentidas polos Portugueſes, ſe pu-
» zeram em ordem pera combater a Cida-
» de, e embarcando-ſe em embarcações pe-
» quenas, com animoſo peito pojáram em

» ter-

» terra, e com a artilheria que levavam,
» começáram a desviar os Mouros, pera
» que mais sem perigo pudessem entrar a
» Cidade. Vendo-se o Rey neste trabalho,
» e que o chegavam a estado de lhe ser ne-
» cessario defender-se por armas, e que já
» o não podia fazer com enganos, ordena
» a defensa com os seus por suas estancias,
» e elle sobre hum Alifante andando antre
» elles esforçando-os, e dizendo-lhes que
» não quizessem faltar á sua patria, e áquel-
» le ultimo estado. Já os Portuguezes com
» huma animosa alegria se chegavam ao
» muro, e a artilheria da banda do mar
» desparava, quando os da Cidade come-
» çáram de enfraquecer, e deixadas suas es-
» tancias, (que pouco tempo sustentáram,) co-
» meçáram de fugir: seguindo-os os Portu-
» guezes com esforçados corações, e entran-
» do em seu alcance dentro na Cidade, che-
» gáram ao meio della, onde em huma pon-
» te, que sobre hum rio, por onde entram
» navios, que polo meio da Cidade corre,
» estava, tinha o Rey feito sua defensa, e
» posto a força de sua gente; e fortalecen-
» do mais esta estancia, recolheo nella os
» que fugiam; e por o rio se não poder
» passar a váo polos Portuguezes, se fez for-
» te na ponte. Ali se azedou mais a peleja,
» todavia os Portuguezes favorecidos da es-
» pe-

» perança, e os imigos cortados do medo
» das armas Portuguesas, tão rijamente apertáram
» com os infieis, que não estimando
» as armas delles, nem seus Alifantes com
» castelos de frecheiros, nem a difficuldade
» do váo, com ferro abríram caminho por
» meio dos imigos, dos quaes huns se metiam
» com desesperação pelas armas Portuguesas,
» outros se deitavam ao rio pera se
» salvarem: finalmente em cabo de poucas
» horas fugíram todos, e o Rey com elles,
» indo ferido. Foi entrada a Cidade,
» e saqueada, muitos imigos mortos: foi
» nella achada muita quantidade de ouro, e
» prata, achábam-se nella muitos aparelhos,
» e munições de guerra, entre as quaes foram
» duas mil peças de artilheria: foram
» tomados sete Alifantes costumados a guerra
» com seus castelos, e encaixados delles
» tecidos de ouro, e muito ricamente guarnecidos,
» de maneira que não sómente os
» homens, mas os brutos daquelle Reyno
» ficáram obedecendo ao imperio Portugues.
» Ó bom Deos, ó Senhor poderoso, vosso
» he o poder, vosso he o esforço: a vossa
» mão direita fez virtude, a vossa mão
» direita nos alevantou; porque como pode
» huma tão forte Cidade ser entrada, e hum
» tão poderoso Rey ser lançado della, se
» vós não déreis vossa ajuda, e favor? Não

» a nós

» a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso
» nome dai gloria. Vós quebrantastes as for-
» ças dos imigos, vós fizestes os póvos su-
» jeitos a nós, e os puzestes debaixo de nos-
» sos pés. Vós mandastes vossas setas, e os
» desbaratastes, com vossos relampados os
» espantastes, vós fostes o Capitão, vós o
» Conselheiro, vós puzestes o medo em nos-
» sos imigos, vós os fizestes fugir. Não pe-
» ra nós, Senhor, não pera nós, mas pera
» gloria do vosso nome.

» Mas pera que me detenho tanto na
» tomada de Malaca, pois não he menos o
» que depois della tomada se fez de suas
» ruinas. Della, e de suas mesquitas se fez
» logo fortaleza assás forte pera freio daquel-
» la inquieta gente, e lhe foram dados Go-
» vernadores cada anno, debaixo de cujo
» governo vivessem, e leis, com que fos-
» sem sustentados em justiça; e depois disto
» foram assentadas pazes com muitos Reys
» vizinhos seus, que foram os Reys de Pe-
» gú, Samatra, Pedir, Pacé, Jaos, e final-
» mente até os ultimos Orientaes Chinas,
» tão nomeados pela mercancia.

» E por não faltar aos Portuguesses oc-
» casião de empregar suas forças, e estender
» com ellas o imperio com ellas ganhado,
» partido o illustre Capitão Afonso Dalbo-
» querque de Malaca, tornando a Goa, que
» di-

» direi da vitoria que ouve? que não pare-
» ce vitoria, mas huma diſpoſição Divina
» que aſſi o quiz; porque tendo eſte illuſtre
» Capitão a Ilha, e Reyno de Goa ganha-
» do per força de armas duas vezes, dei-
» xando-a á ſua partida o mais fortalecida
» que pode, fazendo a viagem que fez a
» Malaca, e viſitar as mais fortalezas da In-
» dia: o Hidalcão, Senhor que fora della,
» vendo Afonſo Dalboquerque fóra de a po-
» der defender, com muita gente de pé, e
» de cavallo a veio cercar, e fez perto de
» hum eſtreito de agua ſalgada, que em tor-
» no cérca a Ilha, huma fortaleza; e fazen-
» do paſſar gente á Ilha, mandou que com
» contínuas eſcaramuças, e rebates cançaſ-
» ſem os Portugueſes, que na fortaleza ficá-
» ram, os quaes cercados de tão poderoſo
» imigo, ſe víram em grande aperto, e ne-
» ceſſidade. E querendo aſſi o Senhor Deos,
» eſtando elles neſte trabalho, apareceo a
» Armada, que com tão inſigne vitoria vi-
» nha de Malaca, com cuja vinda foi tama-
» nho o medo dos imigos, que ſem eſperar
» que ſe deſembarcaſſem os Portugueſes, ſe
» foram com a maior preſſa que puderam.

» Lê-ſe daquelle grande Alexandro Prin-
» cipe de Macedonia, que chegando ás par-
» tes da India, e combatendo hum lugar
» forte, e bem defendido de ſeus morado-

» res,

» res , teve em tanto , e pareceo tamanha » cousa haver tomado aquelle lugar , que » começáram os seus soldados a dizer , que » era mais esforçado que Hercules. Sendo » isto assi , que triunfos , que honras sobera- » nas se devem a ElRey D. Manuel , que » tem vassalos , por cuja mão , e esforço » não sómente venceo per armas huma Ci- » dade da India , mas a mesma India , (dos » Romanos não vista , dos Godos não sabi- » da , e dos famosos Sesostris Rey de Egy- » pto , Cyro , Semiramis em vão per muitas » vezes combatida ,) quasi andou rodeando » com continuação de suas vitorias.

» Augusto Cesar com ser Monarca hou- » ve por grande felicidade sua antre as mais , » ser visitado dos Reys da India com pre- » sentes , e mandar-lhe por seus Embaixado- » res pedir amizade.

» Quem poderá contar bem os grandes » serviços , que polos Reys da India foram » mandados ao invictissimo Rey D. Ma- » nuel ? as pareas que lhe pagáram ? as ami- » zades que lhe requerêram ? finalmente a » vassalage , que quasi todos aceitáram per » mão , e esforço deste illustre Capitão ? por- » que além dos que por força de armas ti- » nha feito tributarios , não ficou Rey da » India , de quem não fosse servido com ser- » viços de infinito preço : do Rey de Cam-

» baya ,

» baya, do poderoſo Rey de Narſinga, que
» ſabida a vitoria de Malaca, mandou por
» ſeus Embaixadores hum copo de ouro, e
» huma eſpada de ouro com hum robi no
» punho de grandiſſimo preço, e lhe man-
» dou pedir que delle, e de ſeu Reyno ſe
» ſerviſſe. Mas pera que me detenho em
» contar de ouro, e pedraria, e couſas, que
» infieis lhe mandáram? Paſſo-me ao que
» mais val. Aquelle preſte João Senhor de
» toda a Ethiopia, que eſtá debaixo do Egy-
» pto, por o ter por amigo, não lhe man-
» dou ouro, nem pedraria, mas mandou-
» lhe o que em muito mais eſtima elle ti-
» nha, e elle eſtimou muito mais, que foi
» huma boa parte do lenho da Vera Cruz;
» e lhe mandou dizer, que com rezão lhe
» mandava aquella parte da verdadeira Cruz,
» em que foramos remidos, pois elle levan-
» tára per forças de armas tão longe da ſua
» patria a bandeira da Sancta Cruz. Eſcre-
» vem os hiſtoriadores, que Demetrio, fi-
» lho de Antigono, ſuceſſor que foi de Ale-
» xandro no ſenhorio de Macedonia, por
» ſer muito induſtrioſo no tomar Cidades,
» lhe chamáram Poliorcetes, que em lingua
» Grega ſignifica tomador de Cidades. Que
» nome daremos logo ao excellente Capitão
» Afonſo Dalboquerque, pois taes Cidades
» tomou, taes Reynos venceo, tantos exer-
» ci-

» citos desbaratou : que felicidade ahi que
» se possa comparar com a de hum Rey,
» Senhor de tal vassalo ? que per força de
» armas distruio Calicut fortissimo Reyno?
» Fez o Rey de Narsinga tão poderoso com
» todos seus vassalos , e riqueza de Rey-
» nos , e copia de Alifantes vir pedir pazes
» a seu Rey ? Fez o Rey de Cambaya acei-
» tar paz ? Restituio em seus Reynos depois
» de per armas vencidos aos Reys de Co-
» chim , e Cananor ? Livrou de grande su-
» jeição os Christãos , que viviam na India ?
» Ganhou o Reyno de Ormuz ? O Reyno
» de Goa ? O Reyno , e Ilha de Ceilão ? Fi-
» nalmente , que não contente com tantas
» vitorias , mandou-o o poderoso Rey Dom
» Manuel fazer guerra ao grão Soldão do
» Egypto , passando o mar Roxo ? E porque
» não haja parte , a que suas vitorias não
» cheguem , em Africa tomou a nobre Ci-
» dade de Çafim ? As quaes vitorias , e feli-
» cissimos successos do invictissimo Rey Dom
» Manuel quanto mais são dignos de lou-
» vor , e honra , tanto nós somos mais me-
» recedores do odio da gente , porque ne-
» nhuma outra cousa trabalha , senão acres-
» centar polo Mundo a Fé de Christo , nós
» deixada tão justa , e comum causa , todos
» estamos embaraçados em vingar particula-
» res injúrias : elle peleja com imigos in-
» fieis ,

» ficis, nós huns com outros: elle ganha
» pera si novos Reynos, e Provincias, nós
» por negligencia nossa perdemos o nosso,
» e havemos de perder cada vez mais, nem
» ouvimos ao Senhor que cada dia nos cha-
» ma, e brada que acordemos. Olhai, Se-
» nhores, por vossa Fé, quantas, e quão
» graves perdas tem recebido a Religião
» Christã de sessenta annos a esta parte? são
» por ventura cousas, que nos possam es-
» quecer? nem lembrar-nos sem muita dor?
» quéde Costantinopla? quéde Negroponte?
» quéde Lepanto? quéde Modon? quéde
» Durazo? quédas outras Cidades, que com
» grande deshonra nossa, estam em poder
» de Turcos? que esperamos? senão que
» nos tomem dormindo? e descuidados nos
» destruão? e desapercebidos nos matem? Já
» entram por Ungria: já fazem guerra em
» Esclavonia: já navegam livremente todo
» o mar: já querem Italia. Ora pois, Bea-
» tissimo Padre, pois viestes a este lugar co-
» mo estrela de salvação em tamanha tor-
» menta, tomai este cuidado, concertai es-
» tas discordias dos Principes Christãos, apa-
» gai de todo esta desaventurada guerra,
» que antre elles ha, que nenhum bom su-
» cesso póde ter: apartai todas as imizades,
» pera que amigos todos, as armas, que
» huns contra outros aparelhavam, todas
» jun-

» juntas vam bufcar o comum inimigo; pe-
» ra que vencido elle, e cobrando nós a
» Cafa Sancta, juntamente com ElRey Dom
» Manuel, que manda doze mil homens
» em companhia do Duque de Bragança feu
» fobrinho paffar a Africa, ficando nós ven-
» cedores, alevantemos ao Senhor hum tro-
» feo da vitoria, que das gentes barbaras
» nos deo, e fejam confundidos os que ado-
» ram idolos, e confiam em feus deofes
» vãos, e conheçam o nome do Senhor, e
» faibam, que elle he fó o poderofo em to-
» da a terra. Amen. »

CAPITULO XL.

O que os noffos paffáram em Goa com os Capitães do Hidalcão, que a vieram cercar depois da partida do grande Afonfo Dalboquerque pera Malaca.

LEmbrado o Hidalcão do que o grande Afonfo Dalboquerque mandára dizer a feu pai, eftando no rio de Goa, como fica dito, não podendo encubrir a paixão que tinha, de lhe ver affi cumprida fua palavra, e a Cidade em poder de Chriftãos, e Milrrhao Gentio eftar governando, e grangeando as tanadarias da terra firme, vendo o tempo difpofto pera a tornar a cobrar pela partida de Afonfo Dalboquerque pera Ma-

la-

laca, mandou hum ſeu Capitão, que ſe chamava Pulatecão, com gente de pé, e de cavallo, que foſſe ſobre Milrrhao, e o lançaſſe fóra das terras, e que ſe trabalhaſſe muito por lhe tomar Timoja, que andava em ſua companhia, e tanto que as tomaſſe, ſe deixaſſe eſtar, até lhe elle mandar o que fizeſſe. Partido Pulatecão com ſeu arraial, como Milrrhao ſoube de ſua vinda, foi-o eſperar com cinco mil peões da terra, e cincoenta de cavallo, e mandou diante Hicarrhau, que lhe tomaſſe hum paſſo da ſerra, por onde havia de paſſar, o qual ſe deo a tanto vagar, que quando chegou o tinha Pulatecão tomado, e deo nelle com toda ſua gente, e desbaratou-o, e ſeguindo-lhe o alcance o matou no caminho, e muita parte da gente que levava: e aſſi de caminho como hia, foi dar no arraial de Milrrhao, e polo logo em desbarato; e vendo-ſe elle aſſi desbaratado ſem eſperança de ſocorro, aconſelhado de Timoja, não quiz tornar a Goa, e fez-ſe na volta de Narſinga, e chegado a Biſnaga, onde o Rey eſtava, foi muito bem recebido delle, e ali morreo Timoja em chegando de doença; e o Milrrhao, paſſados alguns dias, tendo recado de Onor como ſeu irmão, que ſe tinha alevantado com o Reyno, era morto, pedio licença ao Rey, e veio-ſe tomar poſſe delle,

le, e foi sempre leal vassalo delRey de Portugal. O Pulatecão como se vio com esta vitoria, e em posse das terras de Goa, não se lembrando do que lhe o Hidalcão tinha mandado, quiz seguir sua boa fortuna, e fez prestes algumas jangadas, e bateis que achou, e sem ter nenhuma resistencia passou á Ilha de Goa, e fez-se forte em Benastarim; o qual Rodrigo Rabelo, que era Capitão da Cidade, ou por seu descuido, ou por acudir a outras cousas, que lhe parecêram mais necessarias, não tinha fortificado, como lhe Afonso Dalboquerque mandára antes de sua partida, por ser passagem, e passo principal da terra firme pera a Ilha de Goa. O Pulatecão depois de fortificar Benastarim, com determinação de o suster, foi-se por essas aldeas dos Gentios, distruindo, e queimando tudo o que achava. Avisado Rodrigo Rabelo disto, sahio da Cidade com trinta de cavallo, e o Aguazil velho de Cananor com quatrocentos Naires de espada, e adarga, que lhe Diogo Correa tinha mandado, como soube a nova da vinda da gente do Hidalcão, foi cometer o Pulatecão mui valerosamente, e desbaratou-o, e matou-lhe mil e quinhentos Turcos, e Coraçones, e a sobegidão da boa fortuna fez a Rodrigo Rabelo desprezar os imigos vencidos, e foi-lhe seguindo o alcance com a gente

te de cavallo. Os Turcos vendo-ſe apreſſados dos noſſos, recolhêram-ſe obra de ſeſſenta delles a huns pardieiros velhos, que eſtavam em hum outeiro por ſe valerem da furia da noſſa gente. Rodrigo Rabelo chegado ali foi-os cometer, e como o lugar onde eſtavam era hum pouco ladeira arriba, e trabalhoſo de entrar a cavallo, defendêram-ſe os Turcos de maneira que o matáram, e Manuel da Cunha, que eram na dianteira. A outra gente como ſe vio ſem Capitão, recolheo-ſe com eſta deſaſtrada nova á Cidade, na qual houve muita triſteza pela morte de Rodrigo Rabelo, porque era muito esforçado, e ſingular Capitão. E Pulatecão com a gente que lhe ficou recolheo-ſe a Benaſtarim, com determinação de fazer guerra á Cidade. Os noſſos, porque os mais não queriam que foſſe Capitão Franciſco Pantoja, a quem pertencia, por ſer Alcaide mór da fortaleza, paſſadas algumas differenças que houve antre elles, elegêram por Capitão Diogo Mendez de Vaſconcelos, que Afonſo Dalboquerque deixára prezo na torre da menagem polo caſo já dito. Feita eſta eleição, foram-ſe todos ao Caſtelo, e ſoltáram-no, e entregáram-lhe a governança da Cidade, com juramento que lhe todos fizeram de lhe obedecerem como á propria peſſoa de Afonſo Dalboquerque até elle prover niſſo como

lhe pareceſſe; e como foi em poſſe da capitanía, eſcreveo logo a Manuel de Lacerda, que andava por Capitão mór de huma Armada ſobre Calicut, dando-lhe conta de tudo o que paſſava, e pedindo-lhe que o vieſſe ſocorrer.

CAPITULO XLI.

De como o Hidalcão, ſabendo que o ſeu Capitão tinha entrado a Ilha de Goa, e tomado Benaſtarim ſem ſua licença, mandou Roçalcão que o foſſe tirar delle, e o que niſſo paſſou.

COmo Manuel de Lacerda teve recado de Diogo Mendez do trabalho em que eſtava, deixou logo a guarda da coſta de Calicut, e veio-ſe com toda ſua Armada, e gente meter em Goa, e achou toda a Cidade muito atemorizada da nova que havia da vinda de Roçalcão Capitão principal do Hidalcão, com muita gente, e artilheria; e porque os não tomaſſe deſapercebidos, deram grande preſſa ao fortificar da Cidade, e fazer eſtancias de novo, e proverem-ſe de mantimentos, antes que entraſſe o Inverno: e neſte tempo chegou Diogo Fernandez de Béja com ſua Armada, e gente, que Afonſo Dalboquerque antes de ſua partida pera Malaca tinha mandado a Ormuz, que deo

gran-

grande animo aos nossos. O Hidalcão como soube que o Pulatecão tinha entrado a Ilha de Goa, e estava em posse de Benastarim, receoso delle, porque era boliçoso, que depois de tomado Goa se alevantasse com ella, e lhe não obedecesse, como já fazia com as rendas da terra, mandou hum Capitão seu principal, de que se fiava muito, que se chamava Roçalcão, com muita gente, e artilheria sobre Goa, e que se trabalhasse muito polo lançar fóra. Pulatecão não ficou contente com a chegada de Roçalcão, e houve-se por muito injuriado mandar o Hidalcão outro Capitão áquelle negocio, tendo elle já entrado a Ilha; e o que o mais escandalizou foi ser Roçalcão, de quem não estava muito amigo, e por esta causa não quiz obedecer a seus mandados. O Roçalcão como era homem discreto, e vio que este negocio se não podia curar per força, determinou de se valer dos nossos, e com huma profundissima dissimulação usou deste artificio. Vinha em sua companhia João Machado com quinze Portugueses, que foram cativos com Fernão Jacome, quando deo á costa com a náo, em que partíra de Çacotorá, como fica dito, e na companhia destes cativos vinha hum Duarte Tavares, escudeiro do Conde de Abrantes, que os Turcos cativáram na Ilha de Choram; e porque es-

te Duarte Tavares era homem de credito antre elles, mandou-o Roçalcão com recado a Diogo Mendez Capitão da Ilha de Goa, e que lhe dissesse que o Hidalcão seu Senhor desejava muito de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, e que estava muito pezaroso do que Pulatecão tinha feito, e que por isso o mandava ali com gente pera o prender; e chegando a Benastarim, o achára fóra de conclusão, como homem que estava alevantado; que lhe pedia por mercê que o ajudasse a lançar fóra, porque elle não queria ter guerra com os Portuguezes, senão paz, e amizade. Diogo Mendez não olhando que era mais serviço delRey favorecer Pulatecão, que era homem aventureiro Turco de nação, e que estava alevantado contra o Hidalcão, e sendo favorecido dos nossos pudera cometer qualquer cousa contra elle: e tambem fiando-se das palavras de Duarte Tavares, que vinha enganado da malicia do Roçalcão, assentou com todos os Fidalgos, e Cavaleiros de o ajudar, e fez logo prestes os bateis, e galés, e mandou Diogo Fernandez de Béja, que fosse com duzentos homens polo rio arriba favorecer a parte do Roçalcão, o qual com o nosso favor por mar, e elle por terra deram no Pulatecão, e desbaratáram-no, e como se vio perdido, fugio pera a terra firme

me de Goa, onde foi morto com peçonha. O Roçalcão como teve Benaſtarim fortificado, e com muita gente, artilheria, e munições de guerra, paſſados alguns dias, mandou dizer a Diogo Mendez, que lhe pedia muito por mercê, que lhe alargaſſe aquella Cidade, que era cabeça principal do Reyno do Hidalcão ſeu Senhor, porque não havia de ſer doutrem. Com eſte recado ficou Diogo Mendez aſſombrado, e conheceo o erro que tinha feito, e os que o aconſelharám, e dali por diante começou-lhe o Roçalcão a fazer a guerra, e todo aquelle inverno teve a Cidade cercada, onde os noſſos paſſáram muitos trabalhos, fomes, e deſaventuras, que são largas de contar, até que o grande Afonſo Dalboquerque chegou de Malaca, e na força deſtes trabalhos, tendo já hum lanço do muro no chão, que cahio com as grandes invernadas. Vendo João Machado que alguns Portugueſes ſe hiam pera Roçalcão, deſeſperados já de ſe a Cidade poder ſuſter, deixou ſua mulher, e filhos, que lá tinha, e veio-ſe pera os noſſos com dez, ou doze Chriſtãos, que com elle ſe quizeram vir, a qual vinda alegrou muito os noſſos por ſer em tal tempo. Eſte João Machado era caſado com huma Moura, que fez Chriſtã, de que teve tres, ou quatro filhos, que elle meſmo bautizou ſecretamente.

CA-

CAPITULO XLII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, partido de Malaca, veio demandar o canal por onde entrára, vindo da India: e como ſe perdeo em huns baixos da Coſta de Çamatra, e milagroſamente ſe ſalvou, e o mais que paſſou.

PArtido o grande Afonſo Dalboquerque de Malaca, veio demandar o canal por onde entrára vindo da India, e paſſados os baixos de Capacia, porque a náo Enxobregas, e o junco eram companheiros, mandou aos Capitáes que foſſem ambos juntos, porque os Jaos, que hiam no junco, não lhe ordenaſſem alguma treição, e ſe alevantaſſem, e elle, e Pero Dalpoem tiveram-ſe conſerva hum ao outro; e fazendo ſeu caminho tanto ávante, como a polvoreira, não ſe reſguardando os Pilotos da náo de Afonſo Dalboquerque de huns baixos, que eſtavam naquella coſta de Çamatra, fronteiros ao Reyno de Darú, vieram de noite dar nelles com a náo Flor de la mar, a qual por ſer já muito velha, tanto que ali deo, fez-ſe logo em duas partes. Pero Dalpoem, que vinha mais ao mar, como ouvio a grita da gente, e ſentio que a náo era perdida, ſorgio logo, e eſteve aſſi toda a noi-

noite com grande tempo á mercê da amarra; e como foi menhaã, porque os bateis das náos Trindade, e Flor de la mar eram perdidos, os quaes polo mar ser grande se desfizeram a bordo das náos, ordenou Afonso Dalboquerque de mandar fazer huma jangada de taboas sobre huns páos, em que se meteo, vestido em huma jaqueta parda, e atado com huma corda, porque o mar o não levasse, e dous Marinheiros comsigo, que com huns remos feitos de huns pedaços de taboas remavam a jangada; e assi desta maneira, e tambem com cordas, que lhe Pero Dalpoem mandou lançar atadas em baldes, com muito trabalho chegou á náo Trindade. A gente, que ficava naquelles pedaços de Flor de la mar, vendo-se no derradeiro dia de sua vida, começáram com grandes gritos, e prantos a bradar por Afonso Dalboquerque, que hia na jangada, e elle movido com muita piedade de os ver assi neste trabalho, lhes disse, que se não agastassem, e tivessem muita confiança em Nosso Senhor, porque elle lhes prometia de os não deixar, ainda que polos salvar aventurasse perder a vida, e a náo, e gente que nella estava, e que entretanto fizessem huma jangada, porque logo tornaria por elles.

Estando os nossos fazendo a jangada, o junco, em que hia Simão Martinz, veio na vol-

volta da terra, muito perto donde eſtavam aquelles pedaços de Flor de la mar com a noſſa gente, e víram bem o trabalho em que eſtavam, e dali ſe tornou outra vez na volta do mar, e não no víram mais; e o caſo foi, que os Jaos, que hiam neſte junco, pelo máo cuidado que Jorge Nunez de Lião teve, do que lhe Afonſo Dalboquerque tinha muito encommendado, e tambem por Simão Martinz ir muito doente, ſe alevantáram, e matáram a todos, ſem eſcaparem mais que quatro Marinheiros, que com a revolta ſe metêram em huma almadia, e foram ter a Pacé, e o Governador, que eſtava alevantado com o Reyno, como tenho dito, os agazalhou, e lhes fez muita honra, e dali os mandou caminho da India em huma náo, que vinha de Malaca, que ali chegou, e hia pera Choramandel; e eſtando a náo pera ſe partir, chegou a barca do junco com muitos Jaos nella, e diſſeram que o junco ſe perdêra. Chegado Afonſo Dalboquerque á náo Trindade com aſſás trabalho, o qual Noſſo Senhor quiz ſalvar milagroſamente, que por rezão, ſegundo o mar era groſſo, não fora poſſivel ſalvar-ſe, e lembrando-ſe do que tinha prometido aos que ficáram na náo, mandou logo a Pero Dalpoem que ſe fizeſſe á véla pera os ir tomar. A gente da náo Trindade lembrando-

ſe

ſe mais de ſi, que do trabalho, em que ſeus companheiros eſtavam, fizeram-lhe grandes requerimentos, que não mandaſſe chegar a náo a terra, porque era parcel, e o vento muito, que ſe perderiam. Afonſo Dalboquerque vendo que não hia contra caridade em ſalvar aquella gente, que teve por companheira em ſeus trabalhos, não deo por ſeus requerimentos, mas antes os reprendeo muito da pouca lembrança que tinham de quantas vezes ſe víram ſocorridos delles, nas afrontas, em que ſe achָáram no feito de Malaca, e determinou de aventurar tudo polos ſalvar; e indo á véla demandar a jangada, que os noſſos tinham feito do maſto, e verga, em que todos eſtavam metidos, vio-a ir deſamarrada, (e diziam depois alguns Marinheiros, que lhe cortáram o cabo, e não ſabiam quem;) e porque o vento, e a maré eram contrairos pera virem pera a náo, e a jangada ſe hia direito a terra, ſem lhes poderem valer huns pedaços de remos com que remavam, por cumprir com o que lhes tinham prometido, deſconfiado já de os poder tomar, mandou dar todas as vélas polos alcançar, antes que chegaſſem a terra, e fazer duas ancoras preſtes pera ſorgir, ſe foſſe neceſſario, e aos Pilotos, que com os prumos nas mãos foſſem ſondando o fundo, e como a viração era ten-

tendente, e a maré enchia, em breve espaço chegáram á jangada, e surgíram logo as duas ancoras em tres braças e meia, que era o fundo, que a náo demandava com seu resgardo: e com cordas, que lançáram da náo atadas em baldes, e quartos vazios, tomáram a jangada com muito trabalho. Recolhida a gente á náo, estiveram toda aquella noite com muito vento pela proa, aguardando a misericordia de Nosso Senhor, a qual lhes não faltou, porque na antemenhaã lhes veio hum pouco de terrenho, com que sahíram pera fóra, e fizeram sua viagem.

CAPITULO XLIII.

Do que se perdeo na náo Flor de la mar: e como o grande Afonso Dalboquerque, depois de ter a gente recolhida á náo Trindade, fez sua derrota a Ceilão: e do que passou no caminho até chegar a Cochim.

NEsta náo Flor de la mar, e no junco, que se alevantou contra os nossos, se perdeo o mais rico despojo, que nunca se vio, depois da India descuberta, até aquelle tempo, e a fóra isto muitas mulheres grandes lavrandeiras de bastidor, e muitas meninas, e meninos da geração de todas aquellas partes, do cabo do Comorim pera dentro, que Afonso Dalboquerque trazia

zia pera a Rainha D. Maria. Perdêram-ſe os caſtelos de madeira emparamentados de brocado, que o Rey de Malaca trazia em riba de ſeus Alifantes, e andores mui ricos de ſua peſſoa, todos forrados de ouro, couſa muito pera ver, e muitas joias de ouro, e pedraria, que trazia pera mandar a ElRey D. Manuel: e ſe perdeo huma meza com ſeus pés, forrado tudo de ouro, a qual Milrrhao deo a Afonſo Dalboquerque pera ElRey, quando lhe entregou as terras de Goa; e chegando a Cochim com fundamento de a deixar ao Feitor, que a mandaſſe, foi a preſſa tamanha no embarcar, por bem da moução que ſe hia gaſtando, que lhe eſqueceo, e levou-a comſigo, e os noſſos por ſua parte tambem perdêram muito. De maneira, que quanto vinha na náo, e no junco, não ſe ſalvou mais que a eſpada, e coroa de ouro, e o annel de rubi, que o Rey de Sião mandava a ElRey D. Manuel; e o que Afonſo Dalboquerque mais ſentio deſta perda, foi a manilha, que ſe tomou a Naodabegea, a qual trazia em muita eſtima pera lhe mandar, por ſer couſa de admiração o effeito della: e aſſi ſentio muito perder os liões que trazia, por ſe acharem em humas ſepulturas antigas dos Reys de Malaca, e trazia-os pera pôr na ſua em Goa por memoria daquelle feito, e de to-

dos

dos os despojos, que se ali tomáram, estas duas peças sós tomou pera si, que por serem de ferro eram muito pera estimar. Naquella travessa de Ceilão esteve de todo perdido por falta de agua, e mantimentos, por a gente ser muita, senão fora socorrer-lhe Nosso Senhor com duas náos grandes de Mouros, que topáram no caminho, que vinham de Çamatra carregadas de pimenta, e seda, sandalos, e lenholoes. Afonso Dalboquerque como as vio, mandou arribar a ellas, e tomou-as, e dali se forneceo de mantimentos, e agua, que os poz em Ceilão. E porque os Mouros disseram que as náos eram de Chaul, e de Dabul, até saber a verdade, mandou meter Simão Dandrade com certos homens, e Dinis Fernandez Patrão mór nellas. Os Mouros da de Chaul, em que hia Simão Dandrade, vendo que elle não sabia a altura, nem entendia o caminho que faziam, deram comsigo nas Ilhas de Maldiva, e foram ter á de Candaluz, que he a principal de todas ellas, e ali lhe fugíram todos os Mouros; e de alguns, que Simão Dandrade nella achou de Cananor, soube que estava ali Mafamede Maçari, hum Mercador do Cairo, o qual sustever sempre a opinião dos Rumes com o Çamorim, e trabalhou muito por sua vinda á India; e sendo Afonso Dalboquerque

em

em Malaca, com o medo que tinha, que havendo os nossos vitoria, o Çamorim lho entregasse, porque havia muitos dias que trazia este requerimento com elle em segredo, e mentia-lhe: e ouve medo que alguma hora lhe falasse verdade, partio-se de Calicut com tres náos carregadas de especiaria, e sua mulher, e filhos, e toda sua fazenda; e sendo tanto avante como Çacotorá, pegado com a costa, antre o cabo de Guardafum, e Magadaxo, deo-lhe tão grande temporal que arribou, e naquelle golfão perdeo as duas náos, e elle na em que hia com sua mulher, e filhos correo as Ilhas de Maldiva, e foi afferrar Candaluz, e ali deo com a náo a través, e salvou alguma especiaria, e comprou huma candura, que são navios pequenos, que navegam por aquellas Ilhas. E como foi tempo, partio-se com essa pouca de especiaria, que pode salvar, e levou Simão Rangel comsigo, que tinha comprado, e veio a ver Calayate, onde se perdeo a candura, e dali se partio em huma náo de Ormuz, e foi ter a Adem. Com este temporal se perdêram muitas náos, que aquelle anno, sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, eram partidas pera o estreito; e por esta grande perda que os Mouros de Calicut recebêram nestas náos, por serem grandes, e perdendo huma, perdiam muito,

to, por não ousarem de navegar senão no Inverno, com medo das nossas Armadas, dali por diante fizeram navios pequenos, e com elles a remo navegavam todo o estreito do mar Roxo. Quando Afonso Dalboquerque soube, depois de ser em Cochim, que Mafamede Maçari arribára ás Ilhas, sentio muito mais perder-se, porque vinha com determinação de vasar por antre ellas com as náos que trazia, e fazer a navegação dos Mouros, e pudera ser que lhe viera cahir nas mãos com toda sua fazenda, que elle muito desejava haver. Simão Rangel era hum homem honrado criado delRey D. Manuel, de que se Afonso Dalboquerque servia em muitas cousas, porque era homem, que tudo sabia mui bem fazer; e estando em Cochim, sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, porque começou elle, e outros a estranhar cousas, que Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira faziam contra o serviço delRey, mandou-o em hum catur pera Goa, e no caminho o cativáram os paraos de Calicut. E este Mafamede Maçari o comprou, e levou comsigo, de que Afonso Dalboquerque chegado de Malaca ficou muito agastado, e quizera castigar Lourenço Moreno, que era Feitor; e porque todos tinham culpa, o deixou de fazer, e escreveo a ElRey Dom

Ma-

Manuel tudo o que tinham feito, ſendo elle em Malaca, e do deſcuido que tiveram em prover Goa, eſtando cercada.

CAPITULO XLIV.

Como o grande Afonſo Dalboquerque chegou a Cochim: e das novas que lhe deram de Goa, e da vinda dos Rumes, e da Armada que chegou de Portugal.

CHegado o grande Afonſo Dalboquerque a Cochim, porque até ali ſe não ſabia novas delle, nem do acontecido em Malaca, foi grande alvoroço, e prazer em todos, porque com ſua chegada ficáram os Mouros da India mais aſſocegados do alvoroço, que tinham da nova dos Rumes, e Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira muito envergonhados de terem eſcrito a ElRey D. Manuel, e eſpalhado pela India que era perdido, e toda ſua Armada, (e era eſte grande Capitão tão temido dos Mouros, e ſua peſſoa de tanta authoridade antre elles, que ſó com ella, aſſi desbaratado, e perdido, veſtido em huma jaqueta parda com que ſe ſalvou, ſabendo-ſe que era chegado á India, fez tornar atrás todos os Reys della da conjuração em que andavam contra os Portugueſes,)

ſes,) e o dia que chegou deſembarcou logo, e da ribeira, donde o Capitão eſtava com toda a gente, o levàram debaixo de hum paleo de brocado á Igreja, eſtando-o eſperando á porta o Vigairo della com as reliquias; e depois de fazer oração, e dar muitas graças a Noſſo Senhor polo livrar dos perigos, que tinha paſſados, ſe foi á fortaleza, acompanhado de todos, e fazendo-lhes muito gazalhado, os deſpedio á porta, ficando ſó com o Capitão, e Officiaes delRey; e depois de lhes dar conta das couſas de Malaca, e do que paſſára em ſua viagem, perguntou-lhes pela fazenda delRey, e as náos, que aquelle anno foram carregadas pera Portugal; porque ainda que as couſas da guerra o ocupaſſem muito, nunca lhe faltou tempo pera olhar pela fazenda delRey; e perguntando-lhes pelas couſas de Goa, (porque em nenhuma outra tinha tanto o ſentido, eſtando em Malaca, como nella;) contáram-lhe como todo aquelle inverno eſtivera cercada de tres Capitães do Hidalcão com muita gente, e o trabalho que os noſſos paſſáram no cerco, aſſi de guerra, como de fome, e que de todo eſtiveram perdidos por hum lanço do muro que lhes cahíra com a grande invernada, e que o Capitão era morto, e Manuel da Cunha. Afonſo Dalboquerque ſentio muito eſ-

eſtas mortes : a de Rodrigo Rabelo, porque era muito bom Cavaleiro; e a de Manuel da Cunha, porque não eſtava bem com ſeu pai Triſtão da Cunha, pelas differenças que tiveram em ſua jornada, quando foram pera a India; e como elle não tinha couſa, de que fizeſſe mais fundamento que Goa, deſpachou logo hum catur com recado a Diogo Mendez, dando-lhe conta de ſua vinda, e eſcreveo aos Juizes, e Vereadores o alvoroço que tinha pera os ver, e que ſe ficava fazendo preſtes pera ſer logo com elles, e que eſperava na miſericordia de Deos de lhes dar boa vingança dos Turcos de Benaſtarim, e mandou-lhes huma Provisão pera Manuel de Lacerda ſer Capitão da Cidade, e Duarte de Melo Capitão mór do mar até ſua ida.

Como em Goa ſe ſoube a vinda de Afonſo Dalboquerque, foi grande prazer na Cidade, e grande repicar de ſinos, e tirar de artilheria, porque ſe houveram todos por remidos. Partido o catur, chegou recado de Diogo Correa Capitão de Cananor, que havia nova por Mercadores, que era partida de Suez huma grande Armada de Rumes, que vinham em favor do Hidalcão contra Goa, e iſto ſe ordenára tanto que ſouberam que elle era partido pera Malaca. Afonſo Dalboquerque, porque ti-

nha muito pequena Armada pera os ir buscar, como tinha assentado, ficou muito descontente desta nova; e estando estas cousas assi, e elle indeterminado a qual dellas acudiria primeiro, sendo vinte dias de Agosto do anno de doze, chegou D. Garcia de Noronha a Cochim, o qual partíra o anno passado com seis náos, e invernára em Moçambique, e Jorge de Melo Pereira, que aquelle anno partíra destes Reynos de Portugal por Capitão mór de huma Armada de oito náos com muita gente, a qual El-Rey D. Manuel mandava, com lhe parecer que Afonso Dalboquerque era perdido, e a vinda dos Rumes certa, como lhe Lourenço Moreno, e Antonio Real tinham escrito da India, e com a chegada destas duas Armadas ficou muito contente, e deo muitas graças a Nosso Senhor por ser em tal tempo, e muito mais com a vinda de D. Garcia seu sobrinho, assi pelas qualidades de sua pessoa, como tambem polo ajudar nos trabalhos da India, que eram cada vez maiores; e ElRey D. Manuel lhe escreveo, que o mandava por Capitão mór daquella Armada, e tendo necessidade de sua pessoa pera o ajudar, que ficasse na India por Capitão mór do mar; e porque Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira tinham escrito a ElRey D. Manuel

co-

como Goa ficava cercada, e a pouca necessidade que tinha della, culpando muito Afonso Dalboquerque querela suster, cuidando que nisso se vingavam das reprehensões, que lhe dava de seus vicios, e de cousas que em seus officios faziam contra o serviço delRey, com esta informação escreveo a Afonso Dalboquerque, que lhe agradeceria muito praticar este negocio com os Capitães, e Officiaes; e que se a todos parecesse bem deixar Goa, que a derribasse, e que o não cegasse ganhala duas vezes aos Mouros com tanto trabalho, e risco de sua pessoa, porque nisto lhe fazia muito serviço. Afonso Dalboquerque vendo que isto eram informações de Duarte de Lemos, e Gonçalo de Sequeira, os quaes envergonhados de não serem com elle na tomada della, tomavam isto por desculpa, dissimulou este negocio sem dar delle conta a ninguem, e acabado o feito de Benastarim, fez o que lhe ElRey mandou, da maneira que adiante se dirá.

CAPITULO XLV.

Como o grande Afonso Dalboquerque partio de Cochim com determinação de ir buscar os Rumes: e como foi cercar a fortaleza de Benastarim.

COm esta nova da vinda da Armada dos Rumes apressou o grande Afonso Dalboquerque mais sua partida. E posto que a sua Armada não fosse tamanha, que pudesse resistir ao poder, que se dizia que elles traziam, porque as principaes náos, que havia na India, de que se pudera ajudar, achou-as muito desbaratadas quando chegou de Malaca, polo pouco cuidado que disso tiveram os Officiaes delRey, que estavam em Cochim: com tudo com a esperança que tinha de o Nosso Senhor ajudar, se partio pera Goa a dez de Setembro do anno de doze com huma Armada de dezeseis vélas, e quatro que havia de tomar em Goa, com determinação de os ir buscar; e chegado a Cananor já tarde polos ventos serem rijos, achou a vinda dos Rumes hum pouco duvidosa, e com esta nova mandou duas náos, das que vieram de Portugal, que comsigo trazia, que se tornassem a Cochim tomar sua carga, e de Cananor se partio, e foi sobre a barra de Goa com determina-

na-

nação de pôr as mãos aos Capitães do Hidalcão, que eſtavam em Benaſtarim: e por huns Mouros que tomou em huma náo, que vinha de Adem, foi certificado que aquelle anno não viria Armada dos Rumes á India, porque ſe dizia que entenderiam primeiro em tomar Adem, e ſegurar as partes do eſtreito, porque a noſſa Armada o não pudeſſe navegar. Surtos na barra, diſſe Afonſo Dalboquerque aos Capitães, que elle determinava de ir ſobre Benaſtarim antes que o Hidalcão ſoubeſſe da ſua vinda: que elles ſe foſſem á Cidade com toda a Armada, porque elle queria ir por Goa a velha tomar-lhe o paſſo por mar, antes que o cercaſſe por terra; e ainda que o perigo eſtava certo, elle determinava de forçar a artilheria dos Turcos, e atalhalos de maneira, que lhe não pudeſſe vir nenhum ſocorro, porque no rio havia agua pera os navios chegarem até a fortaleza, e abalroarem com os ſeus baluartes. Determinado iſto, mandou deſembarcar toda a gente darmas, que eſtava nos navios, que havia de ir com elle, e meteo nelles cem Marinheiros, e bombardeiros, os melhores de toda a Armada, e forneceo-os da melhor artilheria que havia, muita polvora, e pilouros, e deo a capitanía delles a Triſtão de Miranda da náo S. Pedro, Pero de Afonſeca

de

de Sancta Maria da Ajuda, Vicente Dalboquerque da Ajuda pequena, Antonio Raposo do navio Ferros, Garcia de Sousa de huma náo Malabar, e Aires da Silva do navio Rosairo, o qual fez Capitão mór de todos estes navios, e Afonso Dalboquerque hia em hum catur. Prestes tudo, mandou a D. Garcia que se fosse com toda a Armada pera Goa, e que lhe tivesse prestes todas as cousas necessarias pera ir por terra a Benastarim, e que não consentisse sahir nenhuma gente da Cidade sem seu especial mandado; e elle partio-se, e foi entrar por Goa a velha, e chegando defronte da fortaleza de Benastarim, mandou a Tristão de Miranda que se chegasse com a náo São Pedro até se pôr a tiro de bombarda com a fortaleza, e que elle, e os outros Capitães nos navios o iriam seguindo, e naquelle lugar aguardáram todos até que a artilheria dos Turcos quebrou da furia com que começára átirar.

Como a nossa gente perdeo o medo, e espanto de tantos tiros, mandou Afonso Dalboquerque aos Capitães que se chegassem mais hum pouco com os navios, e a Garcia de Sousa que se fosse atravessar antre elles, e a fortaleza, porque era náo grande, e ficava ali por amparo dos navios. Os Turcos como não folgavam com a vizinhan-

ça

ça dos noſſos navios, tiravam-lhes tantos tiros, e tão furioſos, que os paſſavam de huma parte á outra; e porque os noſſos ſe viam afrontados de hum bazaliſco, que os Turcos tinham aſſeſtado em hum baluarte ao lume dágua, fez Afonſo Dalboquerque preſtes huma barcaça com hum camelo de metal, e mandou ao ſeu Condeſtabre com ſeis bombardeiros, que foſſe de noite nella ſurgir pegado no baluarte dos Turcos, defronte das ſuas bombardas, e que ſe trabalhaſſem por lhes quebrar o bazaliſco. O Condeſtabre era tão valente homem, que ſem receio do perigo fez o que lhe Afonſo Dalboquerque mandou, e como foi menhaã começou átirar com o camelo ás bombardas, e quiz Noſſo Senhor que deo hum pilouro pela boca do bazaliſco, e quebrou-o, e matou dous bombardeiros arrenegados, hum Gallego, e outro Caſtelhano, que na primeira entrada de Goa ſe lançáram com os Mouros. Como ſe Aires da Silva vio deſafrontado do bazaliſco, mandou alar o ſeu navio mais avante, e os Marinheiros ordenáram-ſe tão mal, que ſe atraveſſáram diante das bombardas dos imigos. Os Turcos vendo os noſſos embaraçados, atiráram-lhes com tantos tiros juntos, que o eſpedaçáram, e acertou hum pilouro de dar pela proa do navio, e dando em huns tres barris

ris de polvora, que ali estavam, lançou-lhes parte da cuberta, castelos, e ponte ao mar, e duas taboas junto do lume da agua, sem haver perigo na gente mais que queimarem-se tres grumetes; mas o espanto disto os fez lançar todos ao mar, e só Aires da Silva ficou no navio. Os Turcos como víram a fortuna dos nossos, deram grandes gritas, tangendo suas trombetas. Afonso Dalboquerque vendo Aires da Silva neste trabalho, meteo-se em hum esquife com quatro homens, e per antre as bombardas dos Turcos chegou ao navio, e bradou á gente que andava a nado, que se tornassem a elle, acusando-os com sua pessoa, e dizendo-lhes algumas palavras de reprehensão por deixarem o seu Capitão só. Os Marinheiros quando o víram andar no seu esquife diante de tantas bombardas, envergonhados do que tinham feito, tomáram esforço, e volvêram outra vez ao navio; e elle, posto que a artilheria não deixava de fazer seu officio, disse ao seu Mestre, que andava em hum batel, que fosse dar huma rageira por popa ao navio, pera o desatravessarem das bocas das bombardas; e como foi desatravessado, mandou muitos calafates com couros, e tudo o mais que era necessario, que fossem a elle, e lhe tapassem os buracos, que tinha ao lume dágua. Aires da Sil-

Silva com os Marinheiros, em quanto os calafates faziam ſeu officio, com caldeirões eſgotáram o navio de muita agua que tinha, e porque aquelle dia ſe não acabou de concertar, como foi noite, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque que ſe arredaſſe pera fóra, e a Triſtão de Miranda que mandaſſe alar a náo S. Pedro ávante dos navios pequenos, o qual logo de noite mandou melhorar as amarras, porque de dia não ouſava nenhum batel de aparecer. Os Turcos como víram a náo, começáram-lhe átirar logo com huma bombarda groſſa, e aos primeiros tiros vaſáram-na de huma parte á outra; e ainda que a noſſa gente paſſaſſe trabalho, com tanto riſco de ſuas peſſoas, os Turcos não eſtavam fóra delle, porque a noſſa artilheria lhe tinha morta muita gente, e muitos cavallos dentro na fortaleza, e tinham-lhes arraſado todo o muro de maneira, que Roçalcão, e os Capitães não ouſavam de entrar na torre da menagem polo perigo que havia de ir a ella, e de noite mandava repairar no muro o que lhe a noſſa artilheria derrubava de dia.

CAPITULO XLVI.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou arrancar a estacada, com que os Turcos tinham rodeado a fortaleza, polos nossos navios não entrarem dentro: e como se foi pera a Cidade, depois de os ter metidos, e o mais que passou.

EStando as cousas neste estado, o grande Afonso Dalboquerque por atalhar a todo o remedio, que os Turcos podiam ter de socorro, mandou recado a D. Garcia de Noronha, que lhe mandasse dous navios pequenos, e huma barcaça com suas arrombadas muito fortes, e artilheria, e que entrasse polo passo seco, pera baterem com ella a fortaleza por aquella banda, e que tivesse prestes muitos carros carregados de pilouros, e polvora, e muitas mantas, bancos pinchados, cestos, alviões, e artilheria grossa, e miuda encarretada, e tudo o mais que fosse necessario pera combater a fortaleza por mar, e por terra, e os Capitães da Ordenança que fizessem sua gente prestes; porque tanto que tivesse os navios da estacada pera dentro, seria logo com elle. Dom Garcia com este recado mandou fazer os navios prestes com suas arrombadas de cairo, e de pipas, e a barcaça com huma bom-

bar-

barda groſſa, e deo a capitanía dos navios a Fernão Gomez de Lemos, e a Antonio de Matos, e a João Gomez da barcaça; e como eſtiveram preſtes, foram-ſe polo rio arriba, e querendo paſſar polo paſſo ſeco, porque o navio em que hia Antonio de Matos era maior, tocou, e foi neceſſario tirarem-lhe as arrombadas em que eſcorava pera poder paſſar; e polo pezo da artilheria que levava em cima da ponte ſer grande, veio o navio á barda, e ſoçobrou. Fernão Gomez de Lemos, e João Gomez paſſáram, e em chegando á fortaleza, pegáram logo em hum baluarte, que eſtava daquella banda, e puzeram-ſe tão perto delle, que os Turcos de cima lhe feríram alguma gente com eſpingardões, e com frechas, e os navios bem varejados da artilheria; e com tudo, como homens de esforço, ſempre tiveram mão ſem ſe afaſtarem. Roçalcão como vio que tambem por aquella parte os combatiam, mandou logo paſſar áquelle baluarte quatro bombardas groſſas, e no pano do muro por baixo, e por cima mandou tambem pôr artilheria, e com ella lhe paſſavam os navios de huma parte á outra; mas os noſſos com todo eſte trabalho não deixavam de lho pagar na meſma moeda. Afonſo Dalboquerque tendo aquella parte ſegura de lhe não entrar por ali nenhum

ſo-

ſocorro de gente, e mantimentos, determinou de arrancar huma eſtacada, com que os Mouros tinham a fortaleza rodeada, e meter os navios dentro pera abarbarem com os muros della, e mandou a Triſtão de Miranda, e Aires da Silva, que com elle eram dentro na náo, polo ſeu navio ficar de fóra polo caſo acontecido, que abalroaſſem a náo S. Pedro com a eſtacada pera a arrancarem, e fazerem hum boqueirão largo, por onde pudeſſem entrar dentro, porque o que os Mouros deixáram pera ſerventia da fortaleza, era muito eſtreito: E após elles mandou Pero de Afonſeca, Antonio Rapoſo, e Vicente Dalboquerque que fizeſſem outro tanto; e com quanto eſtes Capitães chegáram os ſeus navios com muito esforço á eſtacada, não foi ſem perigo ſeu, porque foram bem ſervidos da artilheria, frechas, e eſpingardões; e como foi noite, foi ter Afonſo Dalboquerque com elles, e arrancáram muita parte da eſtacada. Feito iſto, mandou a Triſtão de Miranda que portaſſe huma ancora além da eſtacada, e que alaſſe a náo S. Pedro pera dentro quanto mais pudeſſe, e aos outros navios que o ſeguiſſem. Os Turcos como víram que os noſſos de noite andavam metendo os navios da eſtacada pera dentro, lançáram feixes de palha acezos ao pé do muro, e á claridade
do

do lume lhes tiravam com a artilheria; e porque os noſſos eſtavam já muito metidos nas bocas das bombardas, e Afonſo Dalboquerque corria muito perigo no eſquife em que andava, pediram-lhe os Capitães muito que ſe afaſtaſſe pera fóra, porque em aventurar ſua peſſoa ſe podia perder aquelle negocio, e que deſcançaſſe, que elles fariam aquillo que lhes elle mandava muito bem feito. Afonſo Dalboquerque com o ſeu animo invencivel lhes reſpondeo, que não podia deſcançar em quanto os viſſe naquelle trabalho, que fizeſſem o que lhes mandava, porque elle não nos havia de deixar, ſem entender como os deixava; e como teve os navios dentro da eſtacada poſtos em ordem pera baterem a fortaleza, recolheoſe pera fóra com determinação de ſe ir pera a Cidade fazer preſtes pera vir por terra, e ao recolher lhe eſpedaçáram dous negros remeiros do eſquife, e como ſe vio fóra, foi-ſe ao paráo, e dali mandou alguns peões Canarins, que lhe foſſem á terra firme tomar algum lingua pera ſaber novas do Hidalcão, e elles foram, e tomáram dous Mouros, que vinham pera a fortaleza de Benaſtarim, e delles ſoube que Içufularij vinha com dous mil homens ſocorrer a fortaleza, e que dentro nella eſtariam ſeis mil Turcos, Rumes, e Coraçones, e da outra gen-

gente haveria tres mil, em que entravam cem eſpingardeiros, e trezentos de cavallo.

Afonſo Dalboquerque com eſta nova deixou Aires da Silva por Capitão mór daquelles navios, e hum paráo pera lhe trazer agua, e os mantimentos que foſſem neceſſarios, e diſſe-lhe, que tanto que elle cometeſſe a fortaleza por terra, déſſe elle pela banda do mar com a ſua gente. E ordenado iſto, partio-ſe pera a Cidade no catur em que viera. Durou eſte trabalho oito dias, e oito noites, e em todos elles nunca os Turcos ceſſáram de tirar com ſua artilheria, da qual as noſſas náos foram bem hoſpedadas por eſtarem apegadas com os baluartes, e nas bocas das ſuas bombardas. E diziam os noſſos, que neſte feito ſe acháram, que neſtes oito dias lhes atiráram os Turcos mais de quatro mil tiros de artilheria groſſa, a fóra outra miuda, e do alto do muro lhes tiravam com frechas, e eſpingardões, com que feríram muitos dos noſſos. Os maſtos, vergas, enxarcea dos navios eram tão creſpos das frechas, que eſpantava muito velos. Triſtão de Miranda, e Vicente Dalboquerque, poſto que naquelle tempo eram mancebos, fizeram-no muito ouſadamente aquelles dias, e ficáram tão atroados da artilheria dos Turcos, e da noſſa, polos ſeus navios ſerem ſempre dos dianteiros, que por eſ-

eſpaço de muitos dias não ouvíram. Aires da Silva tambem por ſua parte fez aquelle dia como muito valente cavaleiro; e o caſo acontecido no ſeu navio foi, porque nunca curou de rageiras, nem de proizes, ſenão chegar-ſe por diante de todos a concluſão, porque nelle não havia medo; e depois de Afonſo Dalboquerque ſe partir pera a Cidade, ſabendo que da outra banda da terra firme era chegada huma cafila de bois de carrega, que trazia mantimentos pera a fortaleza, foi de noite com eſſa gente que tinha nos navios, e deo nelles, e queimou-lhes as caſas, e matou muitos Mouros, e tomou-lhes os mantimentos, e os que ficáram vivos puzeram-ſe em fugida. Pero de Afonſeca, e Antonio Rapoſo tambem por ſua parte pelejáram com muito esforço, e ſem nenhum receio da artilheria dos imigos, portavam ſuas ancoras. Eſte negocio aſſi cometido com tanta artilheria, tanta gente de imigos em huma fortaleza, não creio que ſe vio outro como eſte naquellas partes, porque muitas vezes reprendia Afonſo Dalboquerque os noſſos de não ſegurarem ſuas peſſoas, e vidas, porque os navios eram tão eſpedaçados da artilheria dos Turcos por todas as partes, que não havia lugar em que ſe elles pudeſſem ſalvar, ſenão fora querelos N. Senhor guardar daquelle perigo.

CA-

CAPITULO XLVII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque chegou á Cidade, e do grande recebimento que lhe fizeram, e o mais que paſſou com os Turcos.

DEpois que o grande Afonſo Dalboquerque teve os Turcos atalhados de todo o ſocorro que lhes podia vir, foi-ſe a Goa por mar no catur em que viera, e chegado ao cais, como aquella fora a primeira vez que entrára na Cidade, depois da ſua vinda de Malaca, vieram-no receber á porta de Sancta Catharina, onde deſembarcou deſta maneira. D. Garcia de Noronha com toda a gente da Armada, Manuel de Lacerda Capitão da Cidade com todos os Fidalgos que nella havia, e Pero Maſcarenhas com a gente da Ordenança; e os Juizes, e Vereadores, e o mais povo natural da terra em ſua companhia. E tinham-lhe huma faca, em que havia de ir com huma guarnição de brocado, e eſtribos, e tudo o mais da guarnição era de prata muito bem lavrada, e hum páleo de brocado, que haviam de levar os Vereadores da Cidade; e em chegando á porta, lhe fizeram huma arenga: a ſuſtancia da qual era o grande alvoroço, que todos tinham de ſua vinda, e o con-

contentamento da vitoria, que lhe Nosso Senhor dera contra o poder do Rey de Malaca. Acabada a arenga, chegou Manuel de Lacerda, e entregou-lhe as chaves da fortaleza. Feitas todas estas ceremonias, falou a todos com muito amor, e gazalhado; e cavalgando na faca, que lhe tinham presstes, rodeado de toda a sua guarda, começou a caminhar direito á Igreja, indo todos a pé diante delle; e sendo no meio do caminho, vieram os Clerigos recebelo com huma Cruz alevantada; e vendo-a Afonso Dalboquerque, desceo-se da faca, e pondo-se em joelhos diante della, disse aos que levavam o páleo, que a tomassem debaixo, porque aquella honra não se havia de fazer senão áquella Cruz, que era semelhança da em que Nosso Senhor padecêra, e foram-na assi todos seguindo até á Igreja; e feita a oração, tornou Afonso Dalboquerque a cavalgar na faca, e debaixo do páleo veio-se ás casas do Çabayo, em que pousava, e começou logo a entender nas cousas que eram necessarias, pera ir por terra sobre Benestarij. Estando prestes pera se partir, com determinação de dar huma bateria á fortaleza, e fazer hum portal largo, por onde pudesse entrar hum corpo de gente, vieram-lhe dizer, que Roçalcão era fóra da fortaleza, e vinha marchando com muita gente de

de pé, e de cavallo em batalha dar vista á Cidade. Afonso Dalboquerque com esta nova, porque era de noite, mandou a Manuel de Lacerda Capitão da Cidade, que tanto que fosse menhaã se puzesse a cavallo, e Pero Mascarenhas, e Antonio de Saldanha, João Machado, Fernão Caldeira, Manuel Fernandez, João Cabeceira, Lourenço Prego, e Diogo Fernandez Adail com elle, que fosse ver que gente era. Ao outro dia pela menhaã cedo se sahíram pela porta fóra, e chegáram sobre hum valle, onde Roçalcão com a sua gente estava alojado; e como Manuel de Lacerda ouve vista da gente, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que Roçalcão estava ali, e poderia haver em sua companhia tres mil homens. Com este recado mandou sahir Ruy Gonçalvez, e João Fidalgo com trezentos soldados da Ordenança, bésteiros, e espingardeiros, e alguns com piques, que fossem pela estrada direita ajuntar-se com Manuel de Lacerda; e apôs esta gente mandou mais trinta de cavallo, e recado a Manuel de Lacerda que se deixasse estar, dando costas á gente da Ordenança, e não travasse com os Turcos; e se visse que todavia queriam pelejar, que lho mandasse dizer. Roçalcão como vio que os nossos eram poucos, veio-se chegando com suas batalhas. Manuel de

La-

Lacerda deixou-ſe eſtar, e não quiz travar com elle. Roçalcão vendo eſta determinação dos noſſos, eſteve quedo ſem ouſar de andar mais por diante. E eſtando huns, e outros aſſi, foi João Machado correndo á Cidade, e diſſe a Afonſo Dalboquerque como Roçalcão eſtava em ſom de querer pelejar, que viſſe o que queria que fizeſſem: elle com eſte recado mandou chamar D. Garcia, e todos os Capitães, e deo-lhes conta do que paſſava; e porque João Machado ſe começou áffirmar, que Roçalcão queria pelejar, foram todos de parecer que devia de ſahir com toda a gente, e illo cometer. Afonſo Dalboquerque lhes reſpondeo, que pois eſtavam em determinação de ir cometer a fortaleza por terra, a qual tinham já cercada por mar, e lançar os Turcos fóra della, não lhe parecia bom conſelho andar eſcaramuçando com os Mouros no campo, ſenão chegarem-ſe a concluſão do feito com boa determinação, porque os Mouros eram grandes archeiros, e gente muito ſolta, e andavam muito deſpejados de armas, e podiam-ſe chegar, e afaſtar cada vez que lhe bem vieſſe, o que elles não podiam fazer, porque hiam todos carregados dellas, e eram mui pezados pera andarem eſcaramuçando com os Turcos no campo: e por cima de todas eſtas rezões tornáram-ſe todos áffirmar,

mar, que devia de ſahir fóra, e pelejar com os Turcos.

Vendo-ſe Afonſo Dalboquerque forçado deſte conſelho, mandou repicar, e abrir as portas, e ſahio ao campo com toda a gente, e fez della tres batalhas. Na dianteira mandou Pero Maſcarenhas, que ſe ajuntaſſe com Ruy Gonçalves, e João Fidalgo, e tiveſſe cuidado da gente da Ordenança; e na outra D. Garcia, e em ſua companhia Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Antonio de Saldanha, Franciſco Pereira Peſtana, Jorge Dalboquerque, Jorge Nunez de Lião, Gonçalo Pereira, D. João Déſſa, Diogo Fernandez de Béja, D. João de Lima, Gaſpar Pereira, Jorge da Silva, Ruy Galvão, Pero Correa, João Delgado, Manuel de Souſa, Jeronymo de Souſa, e outros muitos Fidalgos, e Cavaleiros, e elle com a mais gente na retaguarda; e indo aſſi neſta ordem á viſta dos Turcos, começou Roçalcão ábalar com ſuas batalhas pera os noſſos. Afonſo Dalboquerque como o vio, mandou a Pero Maſcarenhas com a gente da Ordenança, que foſſe de roſto a elles, e a D. Garcia que ſe foſſe chegando ſeu paſſo cheio pela banda da mão direita, e elle ficou da banda da mão eſquerda, e foi melhorando por hum vale acima, tomando a ilharga da batalha dos Turcos; e porque

que D. Garcia andava muito, mandou-lhe dizer que ſe tiveſſe, até que elle foſſe no cabo do valle, porque era lugar de grande commodidade pera cometer os Turcos. O Roçalcão vendo que a determinação dos noſſos era cometelos, teve-ſe, e mandou a ſua gente que não andaſſe mais por diante. Afonſo Dalboquerque como era eſperto na guerra, entendeo que os Turcos ſe queriam retirar atrás, como gente mudada da determinação em que vinha, e mandou dizer a Pero Maſcarenhas, que apertaſſe hum pouco mais rijo com elles, e a D. Garcia de Noronha que os ſeguiſſe por aquella banda onde hia, e a Manuel de Lacerda que foſſe dando coſtas aos da Ordenança com a gente de cavallo, como lhe tinha mandado. Os Turcos vendo-ſe afrontados da gente da Ordenança, metidos em deſordem, deram volta contra a fortaleza.

CAPITULO XLVIII.

Como Roçalcão ſe poz em fugida, e o grande Afonſo Dalboquerque lhe foi ſeguindo o alcance até os muros da fortaleza de Beneſtarij, e do mais que paſſou.

COmo o grande Afonſo Dalboquerque vio que Roçalcão levava o roſto na fortaleza, mandou a Manuel de Lacerda que

que com a gente de cavallo travaſſe com os Turcos; e como ſe os noſſos foram chegando pera elles, apartáram-ſe mil peões dos Canarins da terra, e foram-ſe por hum recoſto arriba. Afonſo Dalboquerque vendo que hiam deſmanchados, apartou hum corpo de gente da ſua batalha, que ſe meteſſe antre os peões, e os Turcos, os quaes como ſe víram atalhados, deixáram o caminho que levavam, e foram-ſe ao váo de Gondalij, por ſer mais perto, e paſſáram o rio, onde muitos delles ſe afogáram. Pero Maſcarenhas a eſte tempo com a gente da Ordenança era já pegado nos Turcos, e D. Garcia de Noronha pela banda da mão direita foi-ſe tambem chegando mais depreſſa; e huns, e outros, porque eram já muito perto da fortaleza, remetêram com tanto esforço com os Turcos, que lhes fizeram perder todos os cavallos, e com o medo que tiveram de os noſſos com eſte impeto entrarem de roldão com elles dentro na fortaleza, çarráram as portas, deixando muitos de fóra, que com muito trabalho por cima do muro, com toucas que lhes os de dentro lançavam, ſe ſalváram; outros corrêram pela ilharga da fortaleza, e foram entrar pela outra banda, e muitos atolados na vaſa morrêram; e alguns, que ſe quizeram lançar ao rio, acudio Aires da Silva com

os

os outros Capitães nos bateis, e matáram-nos, e desembarcáram ao pé do muro com sua gente apadezada, cuidando que aquelle era o tempo, em que lhe Afonso Dalboquerque mandava que o fizessem. Os Turcos como víram os nossos ao pé do muro, foram tantas as pedras, frechas, e espingardões, com que lhes tiráram, que os fizeram tornar a embarcar, estando já muitos delles feridos. A outra gente nossa, que era da banda da terra, como se acháram pegados com o muro da fortaleza, trabalháram todos a qual mais podia por subir, huns por cima de piques, e outros dando-se de pé, (porque o muro da banda da Cidade he mais baixo, e menos forte que da do rio;) e sendo alguns Fidalgos, e Cavaleiros em cima, acudio Roçalcão com hum golpe de Turcos, e tornáram-nos a lançar do muro abaixo, e feríram muitos com frechas, espingardões, panelas de polvora, e feixes de feno acezo, sem haver nenhum remedio de se quererem afastar; e os Capitães, que Afonso Dalboquerque esperava que o ajudassem a recolher a gente, que era daquella banda, esses eram os que trabalhavam mais por subirem, dando de pé huns aos outros; e o primeiro que chegou ao muro foi Pero Mascarenhas, que hia com a gente da Ordenança, ao qual Afonso Dalboquerque depois

pois

pois de recolhidos abraçou, e beijou na face, de que alguns ficáram eſcandalizados, e não tinham rezão; porque além de o elle fazer aquelle dia, como valente Cavaleiro, tinha-lhe Afonſo Dalboquerque obrigação, porque deixou a fortaleza de Cochim, de que era Capitão, e veio ſervir ElRey naquella guerra. Franciſco Pereira Peſtana, que foi o que ſe mais tomou diſto, remeteo ao muro, e dando huma palmada nelle, (que não foi ſem lhe cuſtar queimarem-no,) diſſe: *Quero ver ſe dirão em Portugal as regateiras de Lisboa, que chegou aqui Franciſco Pereira.* Afonſo Dalboquerque o reprendeo, dizendo-lhe, que ſe eſpantava muito delle fazer huma couſa como aquella tão fóra de tempo. O Franciſco Pereira como era agaſtado, e aſpero de condição, começou-ſe a tomar com Afonſo Dalboquerque em palavras, e veio a tanto, que lhe diſſe: *Comigo vos tomais vós, e não com Duarte de Lemos, porque vos moſtrava os dentes?* Ao que elle reſpondeo com muita paciencia, (porque em todas ſuas couſas foi ſempre exemplo della:) *Moſtraria, que os tinha muito grandes, e mui compridos*; e virou-lhe as coſtas ſem mais repoſta, porque dias havia que em outras palavras, que com elle teve, o ſofreo polo não caſtigar, e diſſe-lhe: *Arrenego da vida em que vivo,*

Fran-

Francisco Pereira , *rasgo-me*, e lançou as mãos a huma loba de escarlata çarrada, que tinha vestida, e rasgou-a.

D. Garcia de Noronha com toda a outra gente, que era da banda da mão direita, com o arrifar, e couces dos cavallos, que os Turcos deixáram por se salvarem por cima do muro , metêram-nos em tão grande desconcerto , que os não deixáram chegar ao muro , nem á porta, e tiveram bem que fazer em se defender delles ; mas os Turcos antes de se subirem, foram bem escozidos dos nossos, e matáram muitos; e nesta presteza que tiveram de seguir aos Turcos , se houve Roçalcão de todo por desbaratado, e a fortaleza entrada; e não fora muita dúvida, se os nossos foram apercebidos pera isso. Afonso Dalboquerque com a outra gente , que vinha da banda da mão esquerda, foi cometer hum baluarte, em que estava Miliqueaye, o segundo Capitão com muita gente , que o defendeo muito bem; mas com tudo os nossos aperfiáram de maneira pela subir , que bem pudera Afonso Dalboquerque por aquella parte pôr a sua bandeira em cima do muro, se pelas outras tivera esperança de ser ajudado; mas como Benestarij era huma Villa muito grande , e com muros muito fortes, e não tinha ali artilheria, com que a pudesse bater, mandou

a gen-

a gente que se arredasse. E ainda que os nossos este dia não fizeram mais que o que tenho dito, muito he pera louvar, tantos Fidalgos, tantos Cavaleiros, e gente nobre, carregados de armas, por grande calma, irem de Goa a Benestarij, que são duas leguas a pé, e chegarem a pôr as mãos no muro, e com tanto esforço aperfiáram de entrar em huma fortaleza com tantos Turcos dentro, e que a sabiam muito bem defender. Foram aqui feridos Manuel de Lacerda, Pero Dalboquerque, Jorge da Silva, Lopo Vaz de Sampayo, Ruy Galvão, Pero Correa, João Delgado, Ruy Gonçalvez Capitão da gente da Ordenança, Diogo Fernandez de Béja, Manuel de Sousa, Jeronymo de Sousa, e outros muitos homens honrados, que aquelle dia acompanhando seus Capitães pelejáram mui ousadamente, sem receio de fogo, nem de panelas de polvora, espingardões, lanças, frechas, e pedras, com que lhes tiravam; e além destes foram feridos cento e cincoenta soldados com a artilheria, os quaes estavam afastados do pé do muro: e não ficou isto sem castigo, porque dos Turcos foram muitos mortos, e feridos, antes de se recolherem á fortaleza, e dos peões, que ficáram de fóra ao cerrar da porta, morrêram muitos, e dous Capitães Gentios, hum chamado Miralle, e outro Conaique.

CA-

CAPITULO XLIX.

Como o grande Afonſo Dalboquerque recolheo a gente, e ſe foi á Cidade: e como tornou com todo ſeu arraial pôr cerco á fortaleza, e do que paſſou com Roçalcão.

RETirados os noſſos do pé do muro, pozſe o grande Afonſo Dalboquerque defronte da fortaleza, em lugar onde lhe a artilheria não podia fazer nojo, e eſteve aſſi hum grande pedaço com todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, vendo a maneira que ſe podia ter pera a cometer, e os lugares por onde ſe podia entrar; e depois de terem tudo muito bem viſto, partio-ſe pera a Cidade com toda a gente, onde eſteve alguns dias curando os feridos, e dando folga aos sãos do trabalho que paſſáram aquelle dia, e mandou logo pór em ordem toda a artilheria, eſcadas, bancos pinchados, mantas, pipas vazias pera eſtancias, e todas as outras couſas, que pera tal feito na Cidade ſe podiam haver; e poſto tudo em caminho, dali a dous dias mandou ſahir a gente da Ordenança, e todos os béſteiros, e eſpingardeiros, que foſſem dando guarda a eſtas munições, e que o eſperaſſem ás duas arvores, (que he meio caminho de Goa pe-

ra

ra Beneſtarij) e que ali lhe aſſentaſſem a ſua tenda, e ao outro dia pela menhaã ſe partio com toda a gente, que ſeriam por todos tres mil e quinhentos homens; e chegado ás duas arvores, aſſentou ſeu arraial cercado todo de artilheria, e ali eſteve dous dias eſperando polos mantimentos, de que tinha dado cargo a Baſtiam Rodriguez ſeu criado, que ora he Juiz da balança da Moeda deſta Cidade de Lisboa; e como foi chegado, poz-ſe Afonſo Dalboquerque em caminho com todo o ſeu arraial em tres batalhas, e mandou a Pero Maſcarenhas, que com a gente da Ordenança foſſe diante com toda a artilheria, e que fizeſſe eſtancias em que a puzeſſe. Como os noſſos foram á viſta da fortaleza, começáram-lhes os Turcos átirar, e Afonſo Dalboquerque por lhes pagar na meſma moeda, mandou a Pero Maſcarenhas que fizeſſe outro tanto; e como a noſſa artilheria começou átirar, os Turcos, que pareciam por cima do muro, recolhêram-ſe pera dentro. Deſpejado o muro, deſcéo-ſe Afonſo Dalboquerque de huma faca em que hia, e foi-ſe a pé onde Pero Maſcarenhas tinha a eſtancia da artilheria, e como foi noite, mandou-a chegar mais á fortaleza, defronte de hum certo lugar, que João Machado lhe tinha dito que o muro era mais fraco, porque ſua determinação era der-

derrubar hum lanço delle, por onde pudesse entrar força de gente, a que os Turcos não pudessem resistir. E aquelle dia que chegáram não se fez mais, que assentarem seu arraial ao redor da fortaleza, e ao outro dia pela menhaã tornou Afonso Dalboquerque, e poz-se em hum lugar encostado a hum penedo, pera ver o que os nossos faziam. Os Turcos como víram na maneira da cortezia, que elle podia ali estar, começáram átirar com a artilheria pera aquella parte mais a miudo, e nisto chegou Diogo Mendez de Vasconcelos, e como vio que o lugar não era muito sadio, e os pilouros amiudavam, disse a Afonso Dalboquerque que se passasse pera detrás do penedo, porque ali corria sua pessoa muito risco; e posto que Diogo Mendez não fosse muito seu amigo, fez o que lhe aconselhou, e indose pera detrás do penedo, veio hum pilouro, e matou hum homem, que hia falando com elle, e encheo todo de sangue. Afonso Dalboquerque deo muitas graças a Nosso Senhor polo livrar daquelle perigo, e mandou guardar o pilouro, e por sua morte deixou que o forrassem de prata, e o levassem a Nossa Senhora de Guadelupe, com huma alampada de prata muito grande, e hum colar de ouro de pedraria muito rico, e cem mil reis em dinheiro pera se comprar
de

de renda de azeite pera a alampada, e tudo isto lhe mandou Pero Correa, que ficou por seu testamenteiro.

Passado isto, mandou Afonso Dalboquerque a D. Garcia, que aquella noite fizesse chegar as estancias mais perto do muro, porque estavam hum pouco longe, e elle poz tão boa diligencia em o fazer, que antes que fosse menhaã tinha feito huma estancia muito mais forte do que estava dantes, com muitas pipas, e cestos cheios de terra, e a artilheria toda posta em seu lugar, e Afonso Dalboquerque andou toda a noite na sua faca, vendo o que se fazia. Como foi menhaã, que Roçalcão vio as nossas estancias mais chegadas á sua fortaleza, fez prestes quatrocentos Turcos, e mandou-lhes que dessem nellas. Pero Mascarenhas, Ruy Gonçalvez, e João Fidalgo, que estavam com a gente da Ordenança em guarda dellas em hum baixo, por amor da artilheria dos Turcos, acudíram mui prestes ao rebate, e Dom Garcia de Noronha por outra parte, e deram nelles tão ousadamente, que primeiro que se os Turcos recolhessem, ficáram muitos estirados por esse campo. Tanto que os Turcos foram recolhidos, começou a nossa artilheria átirar ao muro com tanta furia desde pela menhaã até á tarde, que não havia Mouro que ousasse aparecer antre as ameas.

E por-

E porque em o nosso arraial havia tiros muito furiosos, e os bombardeiros eram muito certos em seu officio, começáram a romper o muro por algumas partes. Vendo Afonso Dalboquerque os muros desta maneira, mandou aos Capitães que estivessem prestes, pera ao outro dia pela menhaã cometerem a fortaleza, e entrarem os Turcos por força de armas, e que não lhes dizia o lugar, senão que cada hum tivesse aviso, e onde vissem sua pessoa, ali acudissem todos, e aos bombardeiros mandou que apertassem mais a fortaleza com a artilheria. Vendo-se Roçalcão tão apertado por mar, e por terra, sem esperança de nenhum socorro, mandou chamar Miliqueaye, (o segundo Capitão que era Coraçone de nação,) e todos os principaes Turcos da fortaleza, e arrenegados, e fez-lhes huma fala, dizendo, que elles viam bem da maneira que estavam cercados, e atalhados de todo o socorro, e muita parte do muro derribado, e que havia muita falta de mantimentos, e polvora, e de todas as outras munições necessarias pera sua defensão, e a pouca esperança que tinham de ser provídos dellas, que pois se já não podiam salvar pelas armas, que o deviam de fazer com algum concerto de paz, que fizessem com os Christãos. Miliqueaye, e os outros Turcos, vistas as rezões de Roçal-

çalcão, e a experiencia que tinham do que paſſava, foram de parecer que ſe pediſſe tregoa, pera depois tratarem em o concerto da paz. Determinado iſto, ao outro dia pela menhaã cedo, (eſtando Afonſo Dalboquerque em ſua determinação,) puzeram huma bandeira branca no muro: elle como a vio, mandou logo João Machado, que foſſe ter fala com Roçalcão pera ſaber delle o que queria, o qual chegou ao pé do muro, e Roçalcão lhe veio falar, e diſſe-lhe, que diſſeſſe ao Capitão geral, que lhe déſſe ſeguro, porque queria fazer tudo o que elle quiſeſſe. Afonſo Dalboquerque, como queria mais a vida de hum Chriſtão que no combate podia aventurar, que matar quantos Turcos eſtavam na fortaleza, folgou muito, e mandou-lhe dizer que lhe mandaſſe dous Turcos homens principaes em arrefens, e que elle lhe mandaria dizer o que queria. João Machado tornou com eſte recado, e como Roçalcão deſejava a paz, mandou-lhe logo os Turcos que pedia.

CA-

CAPITULO L.

De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os Capitães, e Fidalgos, que ali estavam, o que lhe Roçalcão mandára cometer: e do que assentou com elle, e como se partio pera Goa.

CHegado João Machado com os dous Turcos, que haviam de estar em arrefens, até se acabar de tomar conclusão no concerto das pazes, que Roçalcão pedia, como tenho dito, chamou Afonso Dalboquerque todos os Capitães, e Fidalgos, que estavam naquelle arraial, e disse-lhes como os Turcos da fortaleza de Benestarij estavam já quasi rendidos, porque Roçalcão Capitão principal lhe mandára cometer pazes, e que faria tudo o que elle quizesse; que pera lhe responder a este seu requerimento era necessario dizerem-lhe todos seus pareceres. Os Capitães lhe respondêram, que elles estavam offerecidos ali com suas pessoas pera morrerem por serviço de Deos, e delRey Dom Manuel; e pois tinha tanta gente, e com tal vontade, que não havia de responder a preposito a Roçalcão, senão combater a fortaleza, e entrala por força de armas, e tomalo ás mãos; porque cometer elle pazes, tendo dentro comsigo em a fortaleza

dobrada gente de Turcos, do que ali eſtavam de Chriſtãos, que não era ſenão por ter mais mal comſigo, do que todos cuidavam, e que por eſtas rezões, e outras muitas lhes parecia que não devia de entender em concerto nenhum com elle. E como Afonſo Dalboquerque, e D. Garcia, e outros eram de contrario parecer, reſpondeolhes, que a melhor couſa que os Turcos tinham naquella fortaleza era a artilheria, e os cavallos, e que toda a outra gente, ainda que a cativaſſe, não daria por ella dous vintens, nem os havia de meter comſigo na Cidade, porque havia muita falta de mantimentos: e ſe lhes parecia, que dando-lhe combate tomariam a peſſoa de Roçalcão, como diziam, que era couſa muito duvidoſa tomalo, e punham em condição de matarem quatro, ou cinco Fidalgos, ou vinte pela ventura, ſegundo todos eram deſejoſos de ſerem os primeiros; porque oito mil Mouros cercados, e atalhados, ſem nenhuma eſperança de ſalvação, de neceſſidade muito ſangue haviam de fazer primeiro que os apagaſſem de todo; e por tanto ſeu parecer, e determinação era, que deixando-lhe Roçalcão a fortaleza com toda a artilheria, e cavallos, e tudo o mais que nella houveſſe, e entregando-lhe os arrenegados, deixalos ir, e pôr-lhes huma ponte

te de prata por onde paſſaſſem á terra firme.

Aſſentado iſto, mandou Afonſo Dalboquerque dizer a Roçalcão por João Machado, que com eſtas condições, que tenho dito, faria pazes com elle, e o deixaria ir livremente; e não querendo, que ſoubeſſe certo que não havia de dar vida a elle, nem a nenhuma peſſoa, que naquella fortaleza eſtiveſſe. Como Roçalcão deſejava muito a paz, concedeo-lhe tudo; e que quanto era aos Chriſtãos arrenegados, que lá eſtavam, que lhe pedia por mercê que não falaſſe nelles, que os não havia de entregar, porque ſua lei lho defendia. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que a primeira couſa, que lhe havia de entregar, eram os arrenegados, e que ſem iſto não faria nenhum concerto com elle. Roçalcão como vio ſua determinação, polos deſejos que tinha de ſe ver já fóra do laço, em que eſtava, quiz antes acudir á ſua neceſſidade, que cumprir com a obrigação de ſua lei; e diſſe a João Machado, que diſſeſſe ao grande Capitão, que pois tanto inſiſtia nos arrenegados, que lhos entregaria com tal condição, que lhes déſſe a vida. Afonſo Dalboquerque lha concedeo, e mandou-lhe ſeguro pera elle, e pera todos os Turcos, e Mouros, com tanto que não levaſſem nenhuma couſa, ſenão

vestidos de suas pessoas. Como Roçalcão teve o seguro, mandou logo á terra firme suas mulheres; e como as teve da outra banda, elle, e Miliqueaye, que era o segundo Capitão da fortaleza, desconfiados de lhe Afonso Dalboquerque guardar o seguro, se passáram logo da outra banda, não lhe lembrando a palavra, que tinham dado aos Turcos, de se não sahirem fóra da fortaleza, sem primeiro os levarem diante.

CAPITULO LI.

De como os nossos entráram a fortaleza, e quizeram saquear os Turcos, se lhes o grande Afonso Dalboquerque não valêra: e o que passou com os arrenegados, e como se partio pera Goa.

COmo a nova correo polo arraial, que Roçalcão, e Miliqueaye eram passados da outra banda da terra firme, com a cubiça de saquearem a fortaleza vieram-se os nossos de roldão, e entráram dentro nella, e começáram a roubar, e a tratar mal os Turcos, e muitos com medo se lançáram ao rio, e se afogáram. Vendo Afonso Dalboquerque este alvoroço, chegou á porta pera ter a gente que não entrasse, até que de todo fosse a fortaleza despejada dos Turcos; e depois de ali estar, foi-lhe forçado en-

entrar dentro, e com assás trabalho pode defender a nossa gente, que os não matassem, e roubassem, por lhes guardar o seguro que lhes tinha dado; e porque os Mouros eram muitos, e não havia nenhum remedio pera se passarem da outra banda tão prestes, como Afonso Dalboquerque queria, por acabar de os lançar todos fóra, mandou vir os bateis das náos, e algumas atalaias que ali tinha, e com isto se começou a despejar hum pouco mais a ribeira; e com tudo eram tantos os Persas, Turcos, e Coraçones, e da outra gente da terra, que estiveram dous dias em passar. Passados todos á outra banda da terra firme, ao outro dia pela menhaã chegou Içufularij Capitão do Hidalcão, que vinha socorrer a Roçalcão com grande força de gente, e mantimentos; mas segundo Benestarij estava rodeado por mar, e por terra da nossa gente, não era possivel poderem-no entrar, e Içufularij como vio a fortaleza tomada, e sem nenhum remedio, tornou-se com a gente que trazia pera suas terras mui agastado, dando muita culpa a Roçalcão por deixar huma fortaleza com tanta gente sem pelejar. E os Turcos vendo-se em salvo, sem mais esperarem foram-se logo tres Capitães com muita gente branca pela terra dentro. Afonso Dalboquerque como a fortaleza foi despeja-

ja-

jada, mandou recolher todos os cavallos, e artilheria que nella eſtava, e mandou repairar o derribado da fortaleza o melhor que pode, e fornecela de mais artilheria, e munições de guerra, e hum Capitão com gente pera a guardar; e acabado de prover iſto, mandou vir perante ſi Fernão Lopez, e os outros arrenegados, os quaes vendo-ſe diante delle, receoſos que lhe não guardaſſe o ſeguro que lhes tinha dado, lançáram-ſe aos ſeus pés, e com muitas lagrimas lhe pedíram miſericordia. Afonſo Dalboquerque como não havia de faltar de ſua verdade, guardou-lhes o ſeguro quanto á vida, como tinha prometido a Roçalcão, e mandou-lhes cortar a todos a mão direita, e o dedo pollegar da eſquerda, e as orelhas, e narizes, por memoria, e eſpanto da treição, e maldade, que cometêram contra Deos, e ſeu Rey. Eſte Fernão Lopez, que era o principal delles, ſe veio pera Portugal depois da morte de Afonſo Dalboquerque, e chegando á Ilha de Sancta Ilena, deixou-ſe ficar nella com hum eſcravo ſeu, e ali acabou ſeus dias, e foi o primeiro, que neſta Ilha fez caſa, e huma Ermida, prantou muitas arvores, e fez muita creação de porcos, e de cabras, que foi grande refugio pera as noſſas náos, que ali chegam vindo da India. Afonſo Dalboquerque,

que , depois de ter provída a fortaleza de tudo o que lhe era neceſſario, veio-ſe pera a Cidade com toda a gente , onde foram recebidos de todo o povo com huma grande Procisſão á porta da Cidade , e dali ſe foram direitos á Igreja dar graças a Noſſo Senhor pela grande vitoria que lhe dera de ſeus imigos; e paſſadas eſtas ceremonias todas , ordenou logo hum Hoſpital muito grande com camas, e todo o mais neceſſario pera ſe curarem os feridos, que eram muitos, e mandou Garcia de Souſa com certos navios, que andaſſe ſobre a barra de Dabul, e não conſentiſſe que nenhuma náo entraſſe no porto , nem ſahiſſe , a fim de fazer a guerra ao Hidalcão por todas as partes que pudeſſe. Partido Garcia de Souſa, fez preſtes muita cal, pedra, e cantaria pera fortificar a fortaleza de Beneſtarij, e repartir os paſſos da Ilha, que tiveſſem diſſo neceſſidade, e poz-lhe nome o *Caſtelo de S. Pedro*, pela náo , qne ali fora deſpedaçada diante delle, e deo cuidado a Manuel Fragoſo do baluarte de Pangij , e da torre da Ilha de Choram ; e a Baſtião Rodriguez Cavaleiro da caſa delRey, e Juiz da balança que ora he da Moeda da Cidade de Lisboa da torre de Divarij , e por ſer caſado em Goa, deo-lhe a Alcaidaria mór della em ſua vida. E porque eſtes paſſos eram os principaes,

paes, e muito importantes pera ſegurança da paſſagem da terra firme pera a Ilha, deo grande preſſa a ſe acabarem, porque ſua determinação era entrar o eſtreito do mar Roxo, e tomar Adem ſe pudeſſe, do qual negocio não tinha dado conta a ninguem por ſe não ſaber de ſua ida; e porque o tempo da moução era chegado, e tinha muitos negocios em que entender, primeiro que ſe nelles embaraçaſſe, determinou de deſpachar os Embaixadores dos Reys da India, que ali andavam; e porque Pero Maſcarenhas vendo o negocio de Beneſtarij acabado, lhe pedio licença pera ſe tornar á ſua fortaleza de Cochim, elle polos deſejos que tinha de o deixar por Capitão em Goa, confiando muito de ſeu esforço, e diſcrição, lhe pedio muito por mercê que quizeſſe ficar ali pera dar ordem a ſe acabarem aquellas torres, pera as quaes tinha já todas as couſas neceſſarias, porque niſſo fazia mais ſerviço a ElRey, que eſtar em Cochim.

CA-

CAPITULO LII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou D. Garcia de Noronha ſeu ſobrinho com huma Armada ſobre Calicut : e como deſpachou os Embaixadores, que andavam em Goa, e o mais que paſſou.

COmo o grande Afonſo Dalboquerque eſtava muito deſcontente do Çamorim, por lhe faltar de ſua palavra, ſobre as pazes que por ſeus Embaixadores lhe mandára pedir, eſtando de caminho pera Malaca, ao qual negocio foi Simão Rangel, deſejando de ſe vingar delle. Acabado o feito de Beneſtarij, mandou D. Garcia de Noronha ſeu ſobrinho, que foſſe ſobre Calicut, e lhe fizeſſe todo o máo tratamento que pudeſſe, e guardaſſe aquella coſta de maneira, que della não ſahiſſe nenhuma náo com eſpeciaria pera Méca. Partido D. Garcia, porque havia dias que em Goa andavam alguns Embaixadores dos Reys da India, entendeo logo Afonſo Dalboquerque em ſeus deſpachos, e mandou ao Secretario que lhe trouxeſſe todos os papeis, e cartas do Hidalcão; e depois de os ver, mandou chamar o ſeu Embaixador, e diſſe-lhe, que ſe o Hidalcão queria ter paz, e amizade com ElRey de Portugal ſeu Senhor,

que

que elle era diſſo muito contente; mas que os apontamentos que trazia não eram conformes ao que lhe o Hidalcão tinha por muitas vezes eſcrito, e que pera ſe declarar eſte negocio com elle, determinava de mandar hum Embaixador em ſua companhia. O Embaixador lhe reſpondeo, que nos apontamentos não houvera mudança nenhuma; e pois queria lá mandar ſeu meſſageiro, e havia de haver dilação no negocio, que lhe pedia muito por mercê, em quanto ſe falaſſe no concerto da paz, mandaſſe aos ſeus Capitães que largaſſem o porto de Dabul, e deixaſſem vir as náos com mercadorias, e mantimentos a elle. Afonſo Dalboquerque deſejava tanto de tomar alguma concluſão com o Hidalcão, que mandou logo recado a Garcia de Souſa, que eſtava ſobre Dabul, que largaſſe a navegação do porto, não ſendo mercadorias defezas; e que ſe os Mouros quizeſſem ſeguros pera ſuas náos navegarem, que lhos mandaſſem pedir a Goa. Deſpachado eſte Embaixador, mandou Afonſo Dalboquerque em ſua companhia, pera aſſentar paz, Diogo Fernandez Adail de Goa, e o filho de Gil Vicente por ſeu Eſcrivão, e João Navarro por lingua, e ſeis encavalgaduras, e hum Capitão da terra com vinte peões pera os ſervirem polo caminho. Partido Dio-
go

go Fernandez, deſpachou o Embaixador do Rey de Cambaya, que havia dias que andava em Goa, e dilatava-lhe o ſeu deſpacho; porque como a Armada que fazia era grande, e muito apercebida de todas as couſas neceſſarias pera cometer qualquer feito por grande que foſſe, ainda que não tiveſſe dado conta a ninguem do caminho que queria fazer, arreceava-ſe que preſumiſſem os Mouros que era pera entrar o eſtreito do mar Roxo, e que pela via de Cambaya, e de Miliquiaz, que era muito aſtucioſo, ſe vieſſe a ſaber de ſua ida primeiro que partiſſe, e Adem, que elle determinava de cometer ſe apercebeſſe; e pera lhe fazer crer mais iſto, chegou neſte tempo outro meſſageiro do Rey de Cambaya fóra de propoſito, dizendo que vinha apreſſar mais o concerto da paz; e a principal rezão, por onde Afonſo Dalboquerque dilatou eſte deſpacho, foi porque deſejava muito ver-ſe com o Rey em peſſoa, e por ſer já tarde, e podia perder a moução do eſtreito, e D. Garcia de Noronha, que havia de ir em ſua companhia, polos muitos negocios que tinham em Cochim, e Calicut, não podia vir a tempo que pudeſſe fazer huma couſa, e outra, deſpachou os Embaixadores com determinação, que da volta do eſtreito viria a Cambaya ver-ſe com o Rey, ſe lhe o tem-

o tempo désse lugar pera isso. E depois de ter visto os apontamentos, e condições, com que ElRey D. Manuel mandava que se fizesse a paz, determinou de mandar em sua companhia Tristão Déga por Embaixador ao Rey, e João Gomez por seu Escrivão, com hum presente de cousas de Portugal, e da India; e a Instrução que levava era pedir-lhe fortaleza em Diu, onde a gente, e fazenda delRey de Portugal estivesse segura; e que os Mercadores do seu Reyno mandassem suas mercadorias a Goa, e não a outra parte, e que nella achariam todas as que quizessem pera carregarem suas náos, e não recolhesse em sua terra Rumes, nem Turcos, que eram imigos capitaes dos Portuguezes; e depois disto, despachou hum messageiro de Miliquecaz, que o viera visitar da sua chegada de Malaca, e antes que se partisse, mandou-lhe mostrar os armazens delRey, que naquelle tempo estavam com muita artilheria, muitas cubertas de cavallos, e armas, e todas as mais cousas necessarias pera guerra, e as estrebarias com muitos cavallos, e mandou fazer alardo de todos os bésteiros, e espingardeiros, que eram muitos; porque todo o homem casado, e solteiro, que vivia em Goa, era obrigado a ter besta, ou espingarda, assi pera defensão da Cidade, como pera qualquer outro

in-

incidente que ſobreviesse: e aſſi lhe mandou moſtrar Beneſtarij, que os Turcos tinham muito forte com baluartes, e o lugar por onde as noſſas náos o foram abalroar, e ſem nenhum temor da muita artilheria que nelles tinham, lho tomáram por força. E quiz Afonſo Dalboquerque que o meſſageiro de Miliqueaz viſſe eſta fortaleza, e o eſtrago que nella fora feito, porque diſſeſſe a ſeu Senhor quão pouca confiança devia de ter nos ſeus baluartes de Diu, ſe ElRey de Portugal lhe mandaſſe que o tomaſſe; e com eſtes artificios, de que ſe elle ſabia muito bem valer na paz, e na guerra, em quanto governou a India, nunca ſe Miliqueaz houve por muito ſeguro em Diu, ainda que o ſabia muito bem diſſimular.

CAPITULO LIII.

De como chegou a Goa hum Embaixador do Rey Vengapor: e como o grande Afonſo Dalboquerque ſe vio com Roçalcão, e o que com elle paſſou.

PArtido Triſtão Déga, e os Embaixadores do Rey de Cambaya em huma náo de Miliqueaz, que viera a Goa carregada de mantimentos, deſpachou o grande Afonſo Dalboquerque Gaſpar Chanoca pera ir a Narſinga, que ao tempo de ſua partida pera

ra

ra Malaca tinha lá mandado, e tornou com reposta, e em sua companhia mandou o Rey de Narsinga hum Embaixador com hum presente pera ElRey D. Manuel, e por não ser ainda vindo de Malaca se tornou, e por esta causa o tornou a mandar com o mesmo negocio ao Rey, dando-lhe conta do feito de Benestarij; e antre outras cousas muitas, que levava pera lhe dizer, era, que pois todos os Reys da India tinham dado lugar em seus portos pera fazer huma casa forte, em que se agazalhasse a fazenda del-Rey de Portugal, e elle tanto desejava sua amizade, que lhe devia de dar Baticalá pera a fazer; e que quanto era os cavallos que vinham a Goa, que elle queria que fossem todos a Narsinga, que era muito contente de lhos dar antes que ao Hidalcão; e posto que Fr. Luis lhe tinha escrito, que não fizesse fundamento de sua amizade, nem confiasse em suas palavras, em quanto o Rey de Garçopa fosse vivo, quiz Afonso Dalboquerque dissimular com elle, porque lhe tinha ElRey D. Manuel mandado por muitas vezes, que se trabalhasse por ter sua amizade por ser gentio. Dahi a tres dias chegou hum Embaixador do Rey Vengapor a visitalo da vinda de Malaca, e feito de Benestarij, e trouxe-lhe de presente sessenta cubertas de cavallo com suas testeiras, e colas,

las, obra muito bem feita, e acabada, com vinte e cinco ſellas com ſeus eſtribos, e guarnições, e mandou-lhe cometer por elle, que lhe largaſſe a governança das terras de Goa, e que por ellas lhe daria de renda huma certa couſa, e lhe deixaſſe tirar trezentos cavallos, de que tinha neceſſidade. Afonſo Dalboquerque deſpachou muito bem eſte Embaixador, e mandou-lhe dar por ſeu dinheiro os cavallos que pedia, e muitas couſas pera o Rey em retorno do ſeu preſente, fazendo delle ſempre fundamento; porque além de procurar a amizade delRey de Portugal, e offerecer-ſe com ſua peſſoa, e gente na guerra de Goa contra os Turcos, he o ſeu Reyno eſtrada verdadeira, e ſegura pera Narſinga, e muito abaſtado de mantimentos, e nelle ſe fazem cubertas, ſellas, e tudo o mais neceſſario pera cavallos, donde ſe Goa podia prover de todas eſtas couſas, tendo dellas neceſſidade. Paſſado iſto, Roçalcão, que ſe deixou ficar nas terras de Goa, da outra banda do rio, depois do desbarato de Beneſtarij, mandou per muitas vezes dizer a Afonſo Dalboquerque, que folgaria de ſe verem ambos, e que ſeria onde elle quizeſſe; e porque ſe eſcuſava diſſo, ſabendo que ſe fazia preſtes pera ir pera fóra, inſiſtio mais em ſeu requerimento. Afonſo Dalboquerque im-

importunado delle, vendo que não trazia nenhum perjuizo ao concerto das pazes, que ſe tratavam com o Hidalcão falar-lhe, foi-ſe ver com elle no rio de Beneſtarij, e o que paſſáram foram offerecimentos, que lhe Roçalcão fez, e deſejos de ſua amizade, e do ſerviço delRey de Portugal. Neſta prática entendeo Afonſo Dalboquerque claramente, que Roçalcão ſe não havia por muito ſeguro ali onde eſtava, e que os Mouros por lhe verem pouca gente, e fóra da graça do Hidalcão, queriam bolir com elle; e que por ſe valer do poder delRey de Portugal, arreceando-ſe que o Hidalcão vieſſe ſobrelle, deſejava tanto ſua amizade. Afonſo Dalboquerque não lhe aceitou ſeus offerecimentos, uſando com elle de palavras deſapegadas, porque não tiveſſe de que lançar mão, até ver o aſſento que o Hidalcão tomava no concerto das pazes, que per ſeus Embaixadores lhe tinha mandado cometer. Acabada eſta prática, perguntou-lhe que novas tinha do Hidalcão; e elle lhe diſſe, que no ſeu arraial havia grande divisão, porque os Perſas, e Coraçones eram contra os Turcos, e Rumes por matarem Camalcão, hum Capitão principal de ſua caſa, e Governador de ſua fazenda, que era Perſio de nação. Paſſadas todas eſtas couſas, e outras, deſpedio-ſe Afonſo

Dal-

Dalboquerque, e foi-ſe pera Goa, ſem tomar nenhuma concluſão com elle.

CAPITULO LIV.

Da chegada do Embaixador do Preſtes João a Goa, e do recebimento que lhe fizeram: e como o grande Afonſo Dolboquerque o mandou a Portugal, e o mais que paſſou.

CHegado o grande Afonſo Dalboquerque á Cidade, achou nella Eſtevão de Freitas, que vinha de Dabul com recado de Garcia de Souſa pera elle, em que lhe fazia a ſaber, que áquelle porto era chegado huma náo de Zeila, na qual vinha hum Embaixador do Preſtes João Rey dos Abexins, pera ElRey de Portugal, e que os Governadores da terra o tinham reteudo; que lhe mandaſſe dizer o que faria; porque como lhe tinha mandado que largaſſe a navegação do porto, até ver outro recado ſeu, não ouſára de bolir comſigo. Afonſo Dalboquerque folgou muito com eſta nova, porque lhe tinha ElRey D. Manuel per muitas vezes eſcrito, que ſe trabalhaſſe por ſaber do Preſtes João, e dos homens, que ElRey D. João, antes de ſeu falecimento, lá tinha mandado por terra; e tornou logo a mandar Eſtevão de Freitas na fuſta em

que viera, com recado a Garcia de Sousa, que lho mandasse, o qual como teve este recado, mandou dizer aos Governadores da terra, que aquelle homem, que tinham reteudo, vinha enviado do Prestes João pera ElRey de Portugal; e que o Capitão geral da India, sabendo que ali estava, lhe escrevêra que lho mandasse: que lhes pedia por mercê lho entregassem pera lho mandar, e que nisso não houvesse dúvida. Os Governadores, posto que sua determinação era não no deixar passar sem recado do Hidalcão, a quem tinham mandado, receosos que Garcia de Sousa os tratasse mal, mudáram o conselho, e entregáram-lho; e como elle o teve comsigo, despachou logo Estevão de Freitas que o levasse, e deo-lhe mantimentos, e tudo o mais que lhe pedio pera sua viagem, e chegado á barra de Goa, mandou Afonso Dalboquerque todos os Fidalgos, e Capitães em bateis que o fossem receber; e porque este Embaixador trazia hum pedaço do Lenho da Vera Cruz pera ElRey D. Manuel, foi-se á ribeira esperalo com toda a Clerisia, e gente da Cidade com Cruzes em procissão, e dali leváram o Lenho debaixo de hum páleo á Sé, e depois de todos darem muitas graças a Nosso Senhor, por lhes mostrar cousa tão desejada, como era abrir-se caminho pera
se

ſe poderem communicar com o Preſtes João, mandou Afonſo Dalboquerque agazalhar o Embaixador, e dar-lhe todo o neceſſario pera ſua deſpeza, e de ſua mulher, e huma moça, e moço Abexins, que trazia comſigo. Eſte Embaixador ſe chamava Mateus, era alvo, e de boa preſença, e dizia ſer irmão do Patriarca dos Abexins. E poſto que os noſſos duvidaſſem ſer enviado polo Preſtes João, dizendo ſer Mouro, eſpia do Grão Soldão, elle falava nas couſas da Fé como homem creado antre Chriſtãos. Eſpantamento duvidarem os noſſos ſer eſte homem verdadeiro Embaixador do Preſtes João, e canonizarem-no por Mouro, porque não era tão pequena a fama do nome, e poder, que ElRey D. Manuel naquellas partes tinha, e da contínua guerra que fazia aos Mouros, que hum Rey tão Chriſtianiſſimo, tão deſejoſo de ſe communicar com os Chriſtãos, eſtando vinte dias de navegação da India, não ſe trabalhaſſe por ſaber que gente, e que Chriſtãos eram, pois tinha na ſua terra Portugueſes, que ElRey D. João o Segundo lá tinha mandado, e tendo Jeruſalem tão vizinho, onde os ſeus naturaes continuamente hiam viſitar o ſancto Sepulchro, duvidarem que o Guardião de S. Franciſco de Monte Sião lhe mandaſſe hum pedaço do Lenho da Vera Cruz. São

isto obras de Satanás, que sempre tira ali, onde vê que póde mais danar.

Passados dous dias, mandou Afonso Dalboquerque vir perante si o Embaixador; e sendo presente Pero Dalpoem Secretario, e Alexandre de Ataíde lingua, lhe perguntou o caminho que fizera, e como o mandára o Prestes João assi, sem vir em sua companhia algum Portugueses, dos que lá estavam, e que recado trazia pera ElRey de Portugal. O Embaixador disse, que sua vinda fora por Zeila, e que áquella hora que o Prestes João o chamára pera o mandar, lhe descubríra sua vinda, sem dar conta a ninguem, e lhe dera aquellas cartas pera ElRey de Portugal, não lhe dizendo outra cousa, senão que se viesse á India, e pedisse ao seu Capitão geral embarcação pera Portugal; e que senão partíra com esta dissimulação, e na Corte do Prestes João se soubera que elle vinha com recado a ElRey de Portugal, em nenhuma maneira pudéra passar por terra de Mouros, sem muito perigo. O recado que trazia era, que o Prestes João seu Senhor mandava cometer casamento de seus filhos com os delRey de Portugal a troco, e offerecer-lhe gente, e mantimentos pera distruirem a casa de Méca, e o Grão Soldão do Cairo, e que tudo isto lhe mandaria pôr em hum porto da

sua

ſua terra, qual elle quizeſſe: e que o Lenho da Vera Cruz, que trazia, lhe mandára o Guardião de Jeruſalem, com o qual tinha muita amizade, e que tudo aquillo que lhe dizia podia ver pelas cartas ſer verdade. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que elle não coſtumava abrir as cartas, que vinham pera ElRey ſeu Senhor, nem fazer experiencia nos Embaixadores, que pera elle hiam, que elle o deſpacharia logo pera ſe ir nas náos que eſtavam pera partir. E porque eſte Lenho da Vera Cruz foſſe com mais authoridade, e veneração diante delRey, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque fazer huma caixa de ouro, em que veio; e porque eſtava já muito a pique com ſua ida pera o eſtreito, mandou o Embaixador a Jorge de Melo Pereira, Capitão de Cananor, que o embarcaſſe na náo de Bernaldim Freire, ou de Franciſco Pereira, qual lhe melhor pareceſſe, e que lhe déſſe todos os mantimentos que foſſem neceſſarios pera ſua viagem. E porque em Cananor o Capitão, e todos tiveram eſte Embaixador por truão, e eſpia do Grão Soldão, tanto que ſe Bernaldim Freire partio, em cuja náo hia, foi muito mal tratado delle, e em Moçambique, onde invernou, o prendeo em ferros por conſelho de Franciſco Pereira, e fizeram outras couſas, (cuidando que niſſo da-

na-

navam a Afonſo Dalboquerque,) que nāõ digo, porque sāo mortos. E chegados a eſte Reyno, poſto que Bernaldim Freire por enxugar o que tinha feito, diſſeſſe grandes males do Embaixador, com tudo ElRey D. Manuel, pelas cartas que lhe Afonſo Dalboquerque eſcreveo, o recebeo muito bem, tendo-o ſempre em credito de Embaixador; e depois de ſe aqueixar a ElRey do que lhe Bernaldim Freire, e Franciſco Pereira fizeram, mandou-os prender no Caſtelo de Lisboa, e ali eſtiveram até que ſe o Embaixador partio pera a India muito bem deſpachado, e com elle mandou ElRey D. Manuel D. Rodrigo de Lima por Embaixador ao Preſtes Joāo; e Diogo Lopez de Sequeira, ſendo Governador da India, entrando o eſtreito com huma Armada os levou comſigo, e chegando a Maçūá, morreo o Mateus, e D. Rodrigo foi com ſua embaixada, do qual nāo dou rezāo por nāo ſer em tempo de Afonſo Dalboquerque; e neſtas meſmas náos, que vieram aquelle anno a Portugal, veio hum Embaixador do Rey de Ormuz, do qual farei mençāõ em ſeu lugar.

CA-

CAPITULO LV.

Da chegada de D. Garcia de Noronha a Cochim: e de como, depois de ter dado ordem aos navios que se haviam de concertar, e despachar as náos, que aquelle anno haviam de vir pera Portugal com carga, se partio pera Calicut com toda sua Armada, e o que lá passou.

CHegado D. Garcia de Noronha a Cochim, depois de dar ordem ás náos da carga, que aquelle anno haviam de vir pera Portugal, e concertar as que levava comsigo, partio-se pera Calicut com toda sua Armada, e chegando defronte do porto da Cidade, mandou-lhe dizer o Principe irmão do Çamorim, que era nosso amigo, que seu irmão desejava de ter pazes com ElRey de Portugal, e que era contente de lhe dar lugar em Calicut pera fazer huma fortaleza, e lhe pagaria tributo. D. Garcia pelas dilações, e enganos, em que andáram com Simão Rangel, não lhe quiz nunca responder a proposito, e foi continuando a guerra, e guardou a costa de maneira, que não sahio nenhuma náo daquellas, que estavam carregadas pera partirem pera o estreito, e ali andou todo o mes de Janeiro, até que lhe Afonso Dalboquerque escre-

cre-

creveo que largaſſe a coſta, e ſe vieſſe, deſcubrindo-lhe ſecretamente como ſua determinação era entrar o eſtreito do mar Roxo, e que lá ſeria mais certo tomarem as náos com toda ſua fazenda, que em Calicut. D. Garcia como teve eſte recado de ſeu tio, deixou a coſta, e foi-ſe a Cochim, e fez preſtes todos os navios, que já eſtavam concertados, e partio-ſe com elles, e chegou a Goa a dez de Fevereiro, e deo conta a Afonſo Dalboquerque de tudo o que tinha paſſado com o Çamorim, e que eſtando pera ſe partir, lhe eſcrevêra o Principe de Calicut huma carta, em que lhe dizia, que o Çamorim eſtava arrependido de não ter feito pazes com elle, e que lhe queria dar o lugar que pedia pera fazer fortaleza; e que ſe até ali lho não dera, fora porque os Mouros eſtantes do Cairo lho eſtrováram, e que não tornára a eſte negocio por lhe ter mandado que ſe vieſſe. Afonſo Dalboquerque com eſte recado deteve-ſe em Goa quatro, ou cinco dias, e deſpachou Franciſco Nogueira, que ElRey D. Manuel mandava, que fazendo-ſe fortaleza em Calicut, ficaſſe por Capitão della, e Gonçalo Mendez, que havia de ſer Feitor, pera ambos irem acabar eſte negocio, polos deſejos que tinha de meter hum pé em Calicut; e mandou-lhes que não tomaſ-

maſ-

maſſem lugar pera fazer fortaleza, ſenão de dentro do arrecife defronte do ſeu cerame no pouſo das náos, e deo-lhe cartas pera os Capitães, e Officiaes de Cochim, e Cananor lhe darem tudo o que lhe foſſe neceſſario pera a obra. Deſpedido Franciſco Nogueira de Afonſo Dalboquerque, foi-ſe a Cochim fazer preſtes, e deo as cartas que levava ao Capitão, e Officiaes delRey, e dali partio pera Calicut, pera entender no fazer da fortaleza, como lhe Afonſo Dalboquerque tinha mandado; e como o Çamorim ſoube que elle era partido de Goa, e que na coſta não havia Armada que tolheſſe partirem dez náos, que eſtavam carregadas de pimenta pera o eſtreito, diſſimulou com Franciſco Nogueira, e foi-lhe dilatando o negocio com palavras de comprimento; o qual vendo-ſe enganado do Çamorim, tornou-ſe pera Goa, e ali eſteve eſperando a vinda de Afonſo Dalboquerque; e depois de ſer partido, partíram as náos que eſtavam carregadas, e ſendo no golfão de Çacotorá pera o Cabo de Guardafum, foi tamanha a tormenta que deo nellas, que humas ſe perdêram, e outras arribáram, e foram-ſe meter por eſſes portos de Cambaya até Dabul; e vindo Afonſo Dalboquerque do eſtreito correndo aquella coſta, tomou-as todas, e trouxe-as comſigo a Goa,

e com

e com a perda dellas ficáram os Mercadores Mouros de Calicut de todo perdidos.

CAPITULO LVI.

Como o grande Afonso Dalboquerque deo conta aos Capitães, e Officiaes delRey da carta, que lhe escrevêra sobre largar Goa ao Hidalcão, e o que se sobre isso assentou.

PAssadas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães, e alguns Fidalgos desses mais antigos da India, e os Officiaes delRey, e a cada hum per si com juramento dos Sanctos Evangelhos, que não dessem conta a ninguem do que lhe queria dizer, lhes disse, que havia dias que ElRey D. Manuel lhe escrevêra huma carta, em que lhe mandava que praticasse com elles, se era seu serviço suster Goa, ou não; e polos negocios o trazerem todo aquelle tempo muito occupado, lhe não dera conta disso, nem de huns apontamentos, que lhe mandára, os quaes lhe parecia serem feitos por Gaspar Pereira, Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira, porque havia muito que tinha entendido nelles que, porque lhes não contentava a guerra, andavam nestes manipodios, e conjurações; e porque
lhe

lhe parecêra cousa muito perjudicial ao estado, e credito delRey ter conselho público sobre este negocio, o quizera fazer de maneira que menos prejuizo trouxesse ao seu serviço, e que por isso lhes pedia por mercê, que vissem os apontamentos, (que logo lhes mandou dar,) e que escrevessem a Sua Alteza o que lhe deste negocio parecia, pera lhes mandar a reposta nas náos que estavam pera partir pera Portugal.

CARTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE PERA ELREY DE PORTUGAL SOBRE ESTE NEGOCIO.

SEnhor, eu tomei Goa, porque Vossa Alteza mo mandou, e o Marichal o trazia em sua instrução, e tambem o fiz por ser cabeça principal da liga que stava feita, pera nos botarem fóra da India; e se a Armada, que os Turcos tinham feito no rio de Goa, (com muita gente, artilheria, e armas, que pera este negocio tinham,) fora ávante, e neste tempo viera a dos Rumes, porque esperavam, não duvidára perder-se tudo; e ainda que viera huma de Portugal, por grande que fosse, não lhe houveram de deixar tomar assento na terra: e ella desbaratada, tudo o mais era levado nas mãos sem trabalho, e como se to-

tomou Goa , ella ſó obrou mais no credito de Voſſa Alteza , que todas as Armadas , que de quinze annos a eſta parte são vindas á India : e ſe Voſſa Alteza , polo parecer dos que lhe iſto eſcrevêram , faz fundamento de ſegurar ſeu eſtado neſtas partes , com as fortalezas de Cochim , e Cananor , não póde ſer ; porque ſendo contrariadas por mar , não tem mais força , que em quanto os Reys da terra quizerem ; porque ſe hum homem noſſo toma qualquer couſa por força a hum negro , logo a ponte levadiça he alevantada , e as portas da fortaleza fechadas : e faz iſto não ſer Voſſa Alteza Senhor da terra , como he de Goa , porque o agravo , que ſe faz a Mouros , ou Portugueſes , não chega mais longe que até o Capitão da fortaleza. Voſſa he a juſtiça , voſſo he o baraço , e o cutelo , e em mão do voſſo Capitão geral eſtá o caſtigo , e diante delle ſe remedea o agravo de cada hum ; e ſe agora ha algum melhoramento na obediencia da gente da terra , viſto eſtá que a tomada de Goa fez , que tem a India a direito ; e ſer ella tantas vezes contrariada dos Turcos , como os que eſcrevêram a Voſſa Alteza dizem , e tão bem defendida dos Portugueſes , deo ainda maior credito pera as couſas deſtas partes irem por diante ; e poz em tamanha deſeſ-

pe-

peração os companheiros da ſua liga, que o Rey de Cambaya, ſendo hum tão grande Principe como he, me mandou logo ſeus Embaixadores, e todos os Cavaleiros, e Fidalgos, que ſe perdêram com D. Afonſo de Noronha meu ſobrinho, vindo de Çacotorá, ſem lhos eu mandar pedir, e offereceo-me fortaleza em Diu: couſa tão grande, que ainda agora o não poſſo crer, e ſou importunado do Çamorim de Calicut, que me quer dar lugar pera fazer fortaleza em ſua terra, e que vos pagará tributo cada anno. Tudo iſto faz Goa, ſem eu a nenhum deſtes fazer a guerra. E por ſem dúvida tenho, que fazendo-ſe fortaleza em Diu, e Calicut, (como eſpero em Noſſo Senhor,) que depois dellas bem fortificadas, ſe na India entrarem mil náos do Soldão, que nenhuma dellas torne a ſeu poder. E ſe os do voſſo conſelho entendeſſem as couſas da India tambem como eu, entenderiam que não póde Voſſa Alteza ſenhorear huma couſa tamanha, como he a India, com pôr todo ſeu poder, e forças no mar, (couſa tão duvidoſa, e de tantos inconvenientes,) e iſto he o que os Mouros deſtas partes querem, e não fortalezas, porque ſabem que não póde durar, e querem viver em ſeus eſtados, e mandos, e levarem as eſpeciarias a ſuas eſcapolas antigas que tem, e não querem

ſer

ſer ſujeitos a Voſſa Alteza, nem querem voſſos tratos, nem voſſa amizade; e ſe elles iſto não querem, como hão de folgar de nos ver tomar aſſento neſta Cidade de Goa, e fazela muito forte, e ſer Voſſa Alteza Senhor de hum porto, e barra tão principal como eſte he, que não trabalhem com todas ſuas forças por nos defenderem que o não façamos? E ſe aos que iſto eſcrevem a Voſſa Alteza parece aſpera couſa ſer Goa tantas vezes contrariada, como póde ſer tomar-ſe a terra a hum tão grande Rey, como he o Hidalcão, e Senhor de tanta gente, que ſe não trabalhe pela tornar a tomar, e nos quebrar a cabeça ſe puder? E como vier hum Capitão ſeu ſobre eſta Cidade, logo lha havemos de deixar ſem primeiro provar noſſas forças com as ſuas? Se iſto aſſi ha de ſer, deixe Voſſa Alteza a India aos Mouros, e não na queira ſuſter com gaſtos, e deſpezas tão deſordenadas no mar, em náos de cortiça a quatro bombas. Pois os gaſtos deſordenados, que eſtes homens occioſos eſcrevem a Voſſa Alteza que Goa faz, as eſcumas da India são tão grandes, que ſendo bem grangeadas por voſſos Officiaes, baſtam pera ſuſter muita parte das deſpezas que ſe nella fazem. E ſe vos dizem que pela eu ganhar aos Turcos a quero ſuſter, tenha Voſſa Alte-

teza por certo, que se eu fora Portuguès da condição destes, mandando-ma derribar, que eu havia de ser o primeiro que lhe puzesse o picão, e o barril da polvora debaixo da torre da menagem, por tal que este jogo da India se tornasse á baralha; mas em meu tempo, em quanto eu houver de dar conta com entrega a Vossa Alteza das cousas da India, não se ha ella de derribar, porque não quero que meus imigos se gloriem, vendo algum grande revés neste estado, e sustela-ei á minha custa, até vir outro Governador como elles desejam. E se isto que digo não lograr o estomago a alguns duvidosos neste feito de Goa, saiba Vossa Alteza que ainda tem homem que a governa: e assi velho, e fraco como sou, aceitarei esta conquista, deixando-me Vossa Alteza dar as terras dos Mouros aos Cavaleiros, e Fidalgos, que ma ajudarem a ganhar: e não me tome cada anno conta do que faço como á Almoxarife, por informação de quatro homens mal acostumados, que ficam em seus pagodes: e trate-me com muita honra, e mercê, que eu folgarei de acabar nesta empreza, e gastar essa miseria que tenho nella: e por fim de tudo isto digo, que se Vossa Alteza agora, ou em qualquer tempo que for, deixar Goa aos Turcos, que Nosso Senhor quer que as cou-

sas

ſas da India ſe acabem ; e de mim crea Voſſa Alteza, que em quanto a governar, ainda que me dê muito trabalho, não vos hei de mandar lugares pintados, ſenão Reynos tomados por força a ſeus donos, e fortificados de maneira, que dem rezão de ſi em todo o tempo. Iſto he o que me parece deſte negocio de Goa, que me Voſſa Alteza mandou que praticaſſe com os ſeus Capitães, e Officiaes.

Apontamentos, que ElRey mandou a Afonſo Dalboquerque ſobre Goa.

» QUe Goa era muito doentia, e que
» ſe faziam nella gaſtos deſneceſſarios,
» que não aproveitavam pera mais que
» darem trabalho á gente.

» Que nella havia de haver ſempre con-
» tínua guerra, porque o Hidalcão era tão
» poderoſo, que ſe havia de trabalhar mui-
» to pela tornar a ganhar, por ſer cabeça
» principal do ſeu eſtado.

» Que as rendas da terra firme, de que
» Afonſo Dalboquerque fazia grandes fun-
» damentos, não era poſſivel podelas ha-
» ver, ſenão com ter nellas muita gente com
» grandes deſpezas pera arrecadação das ren-
» das, porque o meſmo Hidalcão as não

» po-

» podia arrecadar, ſem ter ali muita gente
» de guerra.

» Que o Hidalcão, deixando-lhe Goa,
» folgaria de fazer qualquer partido, e fi-
» car tributario de Sua Alteza.

Depois de todos verem eſtes apontamentos, eſcrevêram a ElRey, que ſe eſpantavam de Sua Alteza querer deixar huma couſa tão commoda, e importante a ſeu ſerviço como era Goa, e que tanto ſangue de Portugueſes tinha cuſtado, por conſelho de homens, que nunca veſtíram armas pera experimentarem os trabalhos dellas. Como ElRey vio a carta de Afonſo Dalboquerque, e o parecer dos Capitães, eſcreveo-lhe que fizeſſe muito fundamento de Goa, e grandes agardecimentos do modo que tivera em tratar eſte negocio. Lançados os Turcos fóra de Beneſtarij, ficou Goa mais deſaſſombrada, e começou a tomar aſſento, e os que eſcrevêram a ElRey que ſe derribaſſe, muito envergonhados de lho ter eſcrito. E por iſto dizia Afonſo Dalboquerque muitas vezes, que mais mercê merecia a ElRey D. Manuel por lhe defender Goa dos Portugueſes, que pela tomar duas vezes aos Turcos.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

E.K.

